

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — H. BUSTAMANTE

Secretario — T. A. ARARIPE

Gerente — A. J. BELLAGAMBA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DO OUVIDOR, 21

ANNO XVII

Brasil — Rio de Janeiro, Fevereiro de 1930

N. 104

Edição de 72 paginas

## SUMMARIO

### EDITORIAL

A DEFESA NACIONAL — O COMANDO DO EXERCITO ..... 281

### COLLABORAÇÃO

- ASSUMPTOS NAUTICOS* — *Novos aspectos do problema naval brasileiro* ..... 286  
— Alencastro Braga ..... 286  
*Estrutura economica e posição internacional* — Hello Lobo ..... 288  
*Emprego tactico das Mitr. P. no combate* — Cap. José Portocarrero ..... 297  
*Primum agere* (trad.) — 1.º Ten. A. Ancora ..... 294  
*Lei de promoções* — Col. Bertholdo Klinger ..... 300  
*Regulamento Geral de Educação Physica* — (por uma comissão) ..... 300  
*Centro de Estudos de Infantaria* — 1.º Ten. B. Gonçalves ..... 321  
*Subsídios para o estudo de theatros de operações* — Cap. Mario Travassos ..... 330  
*Radiotelegraphia* — 1.º Ten. Lima Figueiredo ..... 334  
*Características de um commandante em chefe* (trad.) — 1.º Ten. Sevilha ..... 343  
*Servicio Militar obrigatorio* — Maj. João Marcellino ..... 349

### DA PROVINCIA

*Querer e poder* — 1.º Ten. Ferlich ..... 345

### SUGGESTÕES

- S. Veterinario* — Major Ferreira ..... 352  
*Mais um elemento para o controle da instrucção physica* — 1.º Ten. Moacyr Magalhães ..... 357

### SUBSÍDIOS

- Cavallaria* ..... 358  
*Servicio em Campaña* ..... 361

### DA REDACÇÃO

- Os empregados e o serviço de pequena duração* ..... 368  
*Marechal Francisco de Paula Argollo* ..... 375  
*Granadas do Grupo de Combate* ..... 376  
*Bibliographia* ..... 379



# EXPEDIENTE

*"A Direcção de A DEFESA NA-*

*CIONAL, tem a responsabilidade*

*da edição, dos collaboradores*

*e das opiniões que emitirem em*

*seus artigos" (art.º 5.º § 2.º dos*

*estatutos.)*

## ASSIGNATURAS

### Interior

1.º — Officiaes — Anno . . .	18\$000
Semestre . . .	10\$000
2.º — Sargentos — Anno . . .	15\$000
Semestre . . .	8\$000
3.º — Avulsos e azares . . .	2\$000
4.º — Avulsos para alumnos da	
F. M., da R. Av. M., da R.	
Nav. e dos C. P. O. R. . . .	1\$200

5.º — Todos os assignantes que não pertencam a um dos grupos existentes; isto é, que recebam directamente a revista deverão, além dos preços acima pagar a taxa de 1\$500 por semestre relativa ao registro, caso queiram que esta se responsabilize pelos extravios do correio.

a) — As assignaturas deverão terminar sempre nos mezes de Junho ou Dezembro.

b) — Caso iniciem em meio de semestre serão cobradas a razão de 1\$700 cada exemplar.

Exterior (porte incluido) Anno 24\$000

### Secção de Publicidade

Os annuncios e quaesquer publicações pagas, tratam-se com o director de Publicidade Sr. José Menezes.

### Correspondencia

Toda correspondencia deve ser despachada para a Caixa Postal n. 1.602 ou Travessa do Ouvidor n. 21 (1.º andar).

## Mudança de residencia

Para evitar faltas pedimos aos interessados que communiquem a gerencia suas mudanças de Corpo, pelo dobrando assim a ligação feita por intermedio dos representantes não deixarão de receber a revista.

### ASSIGNATURAS AVULSAS

Prevenimos aos Srs. assignantes avulsos que iremos inclui-los nos grupos dos respectivos Corpos ou Estabelecimentos pois as remessas por intermedio dos representantes, são registradas.

Aos demais assignantes avisamos que não nos responsabilizamos pelos extravios no Correio, salvo se indemnizarmos a importância equivalente ao registro respectivo.

## REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa direcção prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á collaboração, suggestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importancias deve tratar-se com o *Gerente*;
- 3) Sempre que se queira reiterar qualquer comunicação, deve-se fazê-lo ao *Director*.

## AOS NOSSOS REPRESENTANTES

1) As guias de remessa da revista devem ser devolvidas como signal de que foi recebida a expedição. N'ellas deverão vir anotadas as alterações sobre os assignantes.

2) Pede-se aos Srs. representantes que todas as vezes que se ausentarem da sede da guarnição queiram deixar um substituto interino. Em caso de transferencia deverão propor um official, para substitui-lo definitivamente na representação.

## AOS NOSSOS COLLABORADORES

Pedimos encarecidamente aos nossos prezados collaboradores o seguinte:

— apresentar os originaes sempre legíveis e se possível dactylographados;

— só escrever em uma das paginas das folhas do papel que utilisem;

— se se tratar de assumpto tecnico usar somente as abreviaturas regulamentares e não esquecer as demais regras prescriptas pelo R. S. C. (qualquer edição) a respeito da graphia dos nomes de localidades e estradas, orientação etc.

Faremos tal solicitação com o duplo fim de facilitar a publicação dos trabalhos, que as mais das vezes têm que soffrer completa remodelação, e para evitar a sobrecarga que nos toca se os seus autores não tomam a si, como de direito, a tarefa de apresentá-los em condições.

Ver em outra pagina o Aviso Venda de livros



# A Defesa Nacional

## GRUPO MANTENEDOR

H. Bustamante, T. A. Araripe, A. J. Bellagamba (Directores) — *Munis Barretto* (repres. naval) — *Frederico Duarte* (repres. civil) — *Mário Travassos*, *Bina Machado*, *Humberto Castello Branco*, *Heraldo Figueiras*, *Sevilha*, *Ajalmar Mascarenhas*, *Lamartine*, *Ivo Borges*, *Baptista Gonçalves*, *Arruda* (da Redacção) — *A. Chaves*, *Toscano*, *Lage Sayão*, *A. Ancora*, (da Administração)

## CORPO DE REPRESENTANTES

### No Rio de Janeiro

M. G. — 1º Ten. Jair.  
E. M. E. — Cap. Pery Bevilacqua.  
2º Grupo Regiões — Cap. Aché.  
Q. G. 1ª R. M. — Cap. Edgard Oliveira.  
D. G. — 1º Ten. Nilo Chaves.  
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.  
D. I. G. — Cap. Silva Barros.  
Dir. Ac. — Cap. Aguinaldo Caiado de Castro.  
Dir. de Remonta — Cap. Gaudie Ley.  
Ars. Guerra — Cap. Guaracy Salgado Freire.  
Fabr. Cartuc. — 1º Ten. Sebastião M. Barreto.  
M. M. F. — 1º Ten. Sarmento.  
S. G. M. — Cap. Herald.  
S. Radio do E. — Cap. Silva Lima.  
E. E. M. — 1º Ten. Barros de Castro.  
Ser: Basilio da Silva.  
E. A. O. —  
E. C. — 1º Ten. Pletz Espindola.  
E. Av. M. — Cap. Bellagamba.  
E. M. — Cap. Cyro de Rezende.  
E. Int. —  
C. M. — 1º Ten. Milton Souza.  
E. S. I. — 1º Ten. Ignacio Rolin.  
1ª R. I. — 1º Ten. Armando Gonçalves.  
2ª R. I. — 2º Ten. Fabio de Castro.  
3ª R. I. — 1º Ten. Trajano Monteiro.  
1ª R. C. D. — 1º Ten. F. A. Rosas.

15ª R. C. I. — 1º Ten. Pletz Espindola.  
1ª Dist. A. C. — Cap. François.  
1ª G. A. Mth. — 1º Ten. Virgilio de Carvalho.  
1ª R. A. M. — 2º Ten. Antonio H. A. Moraes.  
2ª R. A. M. — 2º Ten. Antonio Maráu e Ten. Abilio Lopes Mendes.  
1ª G. I. A. P. — 1º Ten. Hugo Alvim.  
Fortaleza de São João — Cap. H. Portocarrero.  
Fortaleza Santa Cruz — 1º Ten. Faustino.  
Forte Vigia — 2º Ten. Moyses.  
Fortaleza da Lage — 1º Ten. Frota.  
Forte de Copacabana — Ten. Faria Albuquerque.  
1ª B. E. — Cap. Adalberto Albuquerque.  
1ª Cia. F. Viaria — 1º Ten. Nylson.  
C. C. C. —  
1ª Cia. E. — 1º Ten. Carneiro da Cunha.  
F. S. D. — 2º Ten. Waldemar Fretz.  
1ª Cia. Adms. — 2º Ten. Othon Barbosa.  
Inspeção de Fronteiras — Cap. Lima Figueiredo.  
1ª C. R. M. — 1º Ten. Costa e Silva.  
Regimento Naval — Cmt. Santa Cruz.  
Av. Naval — Cmt. Appel Netto.  
Flot. Ss. — Cmt. Christiano de Figueiredo.  
P. M. D. F. — 1º Ten. Joaquim M. Amorim.  
Corpo Bomb. C. F. — 1º Ten. G. Amado.  
Club Off. Res. — Cap. Valença.  
C. P. O. R. — 1º R. M. — 1º Ten. Sevilha.

### Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2ª D. I. — São Paulo — 1º Ten. Costa Leite.  
Q. G. 3ª D. I. — Porto Alegre — Cap. Teixeira Braga.  
Q. G. 4ª D. I. — Juiz de Fóra — Cap. Pinto Pacca.  
Q. G. 5ª R. M. — Curitiba — 2º Ten. Bunes.  
Q. G. 6ª R. M. — Bahia — Cap. Nobrega Filho.  
Q. G. 7ª R. M. — Maj. João Facó.  
Q. G. 8ª R. M. — Cap. Verissimo.  
Q. G. Circums. — M. Grosso — Campo Grande — Cap. Jandyr.  
Fab. de Polvora — Estrella —  
Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima.  
C. C. na Europa — Paris. — Cap. J. B. Magalhães.  
C. M. — Ceará — 1º Ten. Tulio Belleza.

C. M. — Porto Alegre — 1º Ten. Marques Santiago.  
4ª R. I. — Quitana — 1º Ten. Genaro Bomtempo.  
5ª R. I. — (sede) Lorena — Cap. Eloy.  
5ª R. I. — II Btl. — Pinda — Ten. Bayard.  
6ª R. I. — Caçapava — 1º Ten. Arlindo Nunes.  
7ª R. I. — Sta. Maria — Cap. Frederico Botelho.  
8ª R. I. — Cruz Alta — Cap. Juvenal Antunes.  
9ª R. I. — Rio Grande — Ten. Octacilio Silva.  
10ª R. I. — Juiz de Fóra — 1º Ten. Armando B. Moraes.  
11ª R. I. — S. João d'El-Rey — 2º Ten. Hugo Faria.  
13ª R. I. — Ponta Grossa — 1º Ten. Leonardo de Campos.  
1ª B. C. — Petropolis — 2º Ten. Amilcar Dutra.  
2ª B. C. — S. Gonçalo — 2º Ten. Francisco P. Guedes.

(Continúa)



- 3º B. C. — Victoria — 2º Ten. Pio Borges.  
 4º B. C. — S. Paulo — 1º Ten. Saboya.  
 6º B. C. — Ipameri — Ten. João C. Gross.  
 7º B. C. — Porto Alegre — Cap. Jeronymo Braga.  
 8 B. C. — S. Leopoldo — 2º Ten. A. Vianna.  
 9º B. C. — Caixias — Cap. Maciel.  
 10º B. C. — Ouro Preto — Cap. Mariano Chaves.  
 13º B. C. — Porto União — Cap. César Gonçalves.  
 15º B. C. — Curitiba — Ten. Domingues dos Santos.  
 16º B. C. — Cuaybá — Major Rabello.  
 17º B. C. — Corumbá — Ten. Motta.  
 18º B. C. — Campo Grande — 2º Ten. Alves de Lima.  
 19º B. C. — Bahia — 2º Ten. Joaquim Montefiro.  
 20º B. C. — 2º Ten. Vieira de Azevedo.  
 21º B. C. — Recife — 1º Ten. Oliveira Leite.  
 22º B. C. — Parahyba — Ten. Carvalho Lisboa.  
 24º B. C. — S. Luiz — 2º Ten. José Maria Rodrigues.  
 25º B. C. — Therezina — 1º Ten. Moyses.  
 27º B. C. — Manáos — Cap. Salgado dos Santos.  
 28º B. C. — Aracaju — 1º Ten. Isaías.  
 2º R. C. D. — Pirassununga — Major Mario Xavier.  
 3º R. C. D. — Jaguarão — Cap. Aureliano.  
 4º/3º R. C. D. — Porto Alegre — 2º Ten. Galvão Menezes.  
 4º R. C. D. — Tres Corações — 1º Ten. Martins Torres.  
 1º R. C. I. — Boqueirão — 1º Ten. Ortegal Novaes.  
 2º R. C. I. — São Borja — 1º Ten. Heraclydes.  
 3º R. C. I. — S. Luiz — 2º Ten. Franklin.  
 4º R. C. I. — Sto. Angelo — Maj. Soares da Silva.  
 5º R. C. I. — Uruguayana — 1º Ten. Sá e Souza.  
 6º R. C. I. — Alegrete — 1º Ten. Cunha Garcia.  
 7º R. C. I. — Cap. Ancora.  
 8º R. C. I. — Rosario — 2º Ten. Pontes.  
 10º R. C. I. — Bella Vista — Cap. Serra.  
 11º R. C. I. — Ponta Porã — Ten. Henrique Rodrigues.  
 12º R. C. I. — Bagé — 2º Ten. Emilio Medici.  
 13º R. C. I. — Ten. A. S. Vargas.  
 14º R. C. I. — D. Pedrito — Ten. Hercio Lemos.  
 C. P. O. R. 3º R. M. — Porto Alegre.  
 R. A. Mixto — Campo Grande — Ten. Cid Oliveira.  
 4º R. A. M. — Itu' — Cap. Manoel Nobrega.  
 5º R. A. M. — Santa Maria — Ten. Amyr Borges Fortes.  
 6º R. A. M. — Cruz Alta — 1º Ten. Frederico Drumond.  
 8º R. A. M. — Pouso Alegre — 2º Ten. Clovis S. Barros.  
 9º R. A. M. — Curitiba — 1º Ten. Oscar G. Amaral.  
 2º G. I. A. P. — Quitauina — Ten. Horacio Gonçalves.  
 3º G. I. A. P. — Cachoeira — Ten. Newton Mesquita.  
 2º G. A. Mth. — Jundiáhy — Maj. Raul Vasconcellos.  
 5º G. A. Mth. — Curitiba — 1º Ten. Figueiredo Cardoso.  
 1º G. A. Cav. — Itaquí — Cap. Euclides Sarmiento.  
 2º G. A. Cav. — Uruguayana.  
 3º G. A. Cav. — Bagé — 2º Ten. Balthazar.  
 5º G. A. Cav. — Sta. Anna do Liv. —  
 7º B. I. A. C. — Macahé — 2º Ten. Léo Borges Fortes.  
 Forte de Itaipús — Santos — 1º Ten. Hugo.  
 4º B. E. — Ten. Figueiredo Lobo.  
 5º B. E. — Palmas — Ten. Jurucêy.  
 1º B. F. Viario — Jaguarão — Ten. Paulo Leite.  
 Forte de Itaipús — 2º Ten. Abelardo Marcondes.  
 Guarnição de Bello Horizonte Ten. Coelho dos Reis.  
 Guarnição de Florianópolis — 2º Ten. Orlando Gomes.  
 Guarnição de São Gabriel — Cap. Geraldo Da Camino.  
 Força Publica — São Paulo — Cap. José M. dos Santos.  
 Força Publica — R. de Janeiro — Cap. Colares Moreira.  
 Brigada Militar — R. G. do Sul — 1º Ten. Alcindo Nunes Pereira.  
 1 Batalhão da B. M. — Porto Alegre — Acaçio F. Oliveira.  
 Força Estadual — Ceará — Cap. Rodolpho Jourdan.  
 Força Estadual — Sta. Catharina — 2º Ten. João Walheimer.  
 Força Publica de Matto Grosso — Maj. Daniel Queiroz.  
 Força Policial — Bahia — 2º Ten. Anísio.

**Director de publicidade -- Sr. JOSÉ MENEZES**

## ATENÇÃO

### JÁ MUDOU A CÔR DA CAPA

**1º Semestre de 1930**

Lembramos aos nossos presados representantes e assignantes:

a) — Não basta pagar, mas é preciso pagar adiantadamente, pois nossas contas são saldadas em dia; assim a remessa das importancias deve ser feita á Gerencia com a indispensavel oportunidade;

b) — De accordo com o regimento interno da Gerencia, seremos forçados a suspender a remessa aos assignantes que não se tenham quitado até o dia 31 de Janeiro.



# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — H. Bustamante

Secretario — T. A. Araripe

Gerente — A. J. Bellagamba

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — TRAVESSA DO OUVIDOR, 21

ANNO XVII

BRASIL—RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 1930

N. 194

## EDITORIAL

# A Defesa Nacional

## O commando supremo-A organização

Expressamos muito syntheticamente no editorial anterior o nosso pensamento, procurando definir o essencial da doutrina moderna que explica e caracteriza a responsabilidade e ingerencia do commando supremo nos negocios relativos ao problema da defesa nacional, ou mais restrictamente por ser o que bem de perto nos alcança, — nos negocios relativos ao problema da guerra. Não pudemos então apresentar o desenvolvimento sufficiente para melhor accentuar a natureza e a extensão desses attributos da personalidade do commando, que em verdade exprimem, indiscutivelmente, um importante aspecto da intervenção e direcção primaciaes do chefe do Poder Executivo nas cousas da vida nacional. Esta nossa affirmativa poderá parecer dispensavel aos nossos prezados leitores, pos ser axiomática, dirão. Mas se reflectirmos sobre a realidade dos disturbios que na pratica poderes extranhos, influenciados por interesses particulares costumam sobrepticamente introduzir no seio das organizações, para beneficiar individuos ou grupos, então não julgaremos seja inutil lembrar que nem mesmo o Poder Legislativo deverá, oroginariamente, no tocante ao problema da guerra, procurar crear, alterar ou modificar sem o consento ou a solicitação do chefe do Executivo. Entretanto, operando elle, Poder Legislativo, dentro do limite e com o exame das possibilidades geraes, a independencia entre os dois poderes se manifesta do seguinte modo: um pede porque é o unico responsavel pela concepção e pelo preparo das bases que devem conduzir a organização geral, porque é o supremo responsavel pela execução; o outro concêde dentro da trama de recursos e conveniencias geraes a seu julgamento.

Já temos procurado incutir, esclarecendo de modo firme, que o commando supremo é o principal encarregado de investigar originariamente, no ambiente mais ou menos dilatado respeitante ao Paiz e á nacionalidade, as circumstancias e causas que devem fundamentar ou propriamente determinar a genese do complexo das medidas que constituirão a **organização geral** de preparo para a guerra. Esta, sujeita sempre

a constante evoluir, que pôde não significar augmentos em epocas a vir, tem como blócos essenciaes de criação, manutenção e desenvolvimento as forças armadas permanentes symbolizadas na expressão Exército e Marinha.

Como chefe supremo, o commando dispõe do Estado Maior supremo, órgão indispensavel de preparo, informação e auxilio, cujos membros têm a direcção effectiva, real, dos mais elevados departamentos administrativos, que são os órgãos que devem transformar as decisões e directivas vindas de cima, no producto de toda a colaboração e organização que o problema requer.

Mas, a acção do commando supremo não é só inicial; ella é tambem essencialmente creadora e directora no desdobramento da organização geral. Pelo que, não deve haver em toda a maquinaria respeitante, um só órgão ou elemento julgado necessario que por si não tenha sido erigido ou determinado de funcionar, certamente em virtude de uma sequencia natural na existencia dos factores que são proprios a toda criação, isto é, em virtude de **raciocinio ou exame, idéa, decisão, execução.**

Em taes condições não é licito presumir-se, mas se deve affirmar categoricamente que o commando supremo deve agir mediante a formulação de programmas especiaes, tanto completos quanto possivel, attinentes a cada um dos ramos da organização geral, os quaes depois de approvados pelo poder competente, devem ser executados pela continuidade de acção, muito embôra esta tenha de ultrapassar os limites de successivos periodos governamentais para, attendendo-se á superioridade do interesse primordial, chegar-se á sua satisfação completa.

A organização geral comporta os dois ramos essenciaes que são os que determinaram a instituição dos Ministerios da Guerra e da Marinha. Mas o problema da guerra não se reduz ou focaliza simplesmente na erecção das forças puramente de terra e mar e no preparo de medidas e meios adequados á vida e desenvolvimento dessas instituições. Já mostramos no editorial com



que iniciamos estes assumptos, que o problema requer cogitações tão espalhadas, medidas tão amplas e geraes, que acaba por affectar de modo singular a todos os departamentos da administração publica. Isto corrobora de maneira tão exacta a nossa affirmativa de que a defesa nacional é o problema mater, que ainda uma vez somos levados a concluir que basta conduzir sensatamente o raciocínio para que as verdades vão resaltando com nitidez impressionante.

Affirmar-se que a acção do commando supremo é creadora e directora da organização geral, não deve significar affirmar-se que ella seja indevidamente centralizadora e absorvente. Estas características dar-lhe-iam attributos de nullidade ou negatividade na criação, porque o commando em si, accrescido do seu grande Estado Maior mixto, não representa o complexo de elementos, não dispõe immediatamente delles, que são necessarios para realizar a elaboração completa.

Mas elle dispõe um tanto afastadamente de todos os órgãos da administração geral, com o auxilio dos quaes se deve effectuar essa elaboração. E por isto, o que deve haver no funcionamento da complicada machina é justamente a descentralização por attribuição aos differentes órgãos competentes de missões e tarefas justas, adequadas, isto é, descentralização perfeitamente orientada, guiada por satisfactorias directrizes de cima, emfim convenientemente coordenada e controlada. Assim, funcionará o commando supremo como o instigador, director e coordenador supremo, que se não intromette atabalhoadamente em mistéres cuja minucia lhe não compete, — senão na phase definitiva das decisões correspondentes, — atrapalhando, anarchizando, confundindo as attribuições, sendo conduzido a esquecer as que propriamente lhe incumbem.

No Brasil, em cada um dos ramos em que se biparte a administração dos negocios relativos á guerra, ha um órgão essencial e competente — não para exercer, mas para representar por delegação o commando supremo, e directamente auxiliar-o nas attribuições de conceber, crear e gerir nos mistéres respectivos. São as personalidades dos dois Ministros da Guerra e da Marinha que, como gestores dos Ministerios respectivos, centralizam, coordenam, fiscalizam, emfim exercem a administração desses dois importantes departamentos do serviço nacional.

Dada a complexidade da tarefa geral em cada um dos alludidos ramos, os Ministerios tornam-se em consequencia organismos muito complexos. O Ministro é a autoridade intermediaria entre o commando supremo e a organização ou engrenagem que materialmente representa o desdobramento do serviço no ramo correspondente. E, pois, a unica autoridade competente para receber desse commando todas as decisões, directivas ou instrucções para fomentar o desenvolvimento da organização ou instituição, ou receber dos órgãos competentes desta o affluxo de

idéas, deducções e surtos que precisam alcançar o commando supremo, para reverter depois em beneficio da propria organização. Nestas condições, vislumbra-se na pessoa do Ministro em primeiro logar a qualidade de administrador especializado, mas não somente administrador, também em segundo lugar a característica de órgão de impulsão e criação, tudo porque como unico representante directo do commando no ambito da especialidade, compete-lhe a direcção effectiva em todos os negocios, e o preparo das bases necessarias ás decisões desse commando.

Mas, só a questão da administração affecta-lhe acervo de deveres de tal extensão e absorpção de actividades, que a outra tarefa, a relativa á concepção, também não lhe póde caber integral, deve ser attribuida inicialmente a um órgão subordinado de natureza proeminente, o Estado Maior; do contrario, as duas seriam incompativeis numa mesma personalidade ou agrupamento reduzido.

Quem diz administração, diz orientação, coordenação, fiscalização ou verificação. Pelo que, na sua dupla tarefa de preparar as bases necessarias ás decisões do commando supremo, e propriamente administrar, o Ministro deve agir: no primeiro caso, como representante do pensamento do Exercito, pela affectação de directivas, missões ou idéas geraes aos seus órgãos essenciaes immediatos, oriundos das decisões do governo, ali incluidas as medidas creadas pelo Legislativo; no segundo caso, pelo controle nos serviços realizados por esses órgãos, seu ajustamento dentro das bases intuitivas pelos poderes supremos. Quer dizer: o Ministro inicialmente orienta, e depois recebe, coordena e ajusta toda a confecção, e submete-a, já ultimada pela sua intervenção, á autoridade suprema, afóra nos casos em que lhe cumpre decidir definitivamente.

Ha, portanto, na personalidade do Ministro um mixto de director geral e de fiscal geral. De um lado, elle deve ser o descentralizador por excellencia, de outro, é o conductor forçado que canaliza e submete ao seu crivo toda a elaboração e serviço dos órgãos subordinados. Dentre estes, os Estados Maiores do Exercito e da Armada são verdadeiramente os órgãos de impulsão ou creadores dentro de cada instituição. A sua influencia deve reverter e se exercer tão accentuadamente sobre os escalões superiores, para suavizar-lhes as tarefas e ao mesmo tempo determinar decisões adequadas á natureza tecnica das questões, que na pratica se tornam o cerebro das instituições, e ainda os alimentadores da sua vida continua e progressista submettida á unidade de regimen e de doutrina.

A vida e organização das instituições armadas do Brasil têm soffrido revézes e estagnações, algumas vezes retrocesso, provenientes da influencia da mentalidade. Muitos administradores se succederem no passado de um modo geral, sem o fito ou a decisão de uma continuidade de esforços para a execução de programmas anteriormente lançados, porque é invulgar tenham realmente existido esses programmas nas differen-



tes épocas ou porque a vaidade das innovações e creações muitas vezes deturpa ou embôta no homem o sentido que deve realizar o julgamento das necessidades. Não tem havido mesmo nos impulsos a influência indispensável de um certo chronologismo, digamos assim, no tratar e desenvolver os assumptos, isto é, cada cousa a seu tempo, a sua hora, com continuidade, sem saltos, sem intermittencia. Poderão objectar-nos que temos passado, e vamos ainda passando por phases verdadeiramente assombrosas de transformação, e por isso, não tem sido possível sujeitar-se cada regimen administrativo a uma ligação com o anterior e ao equilibrio que a unidade ou uniformidade de pontos de vista determinam. Responderemos que essas transformações justamente explicam a nossa anterior insufficiencia doutrinaria, e assim justificamos as nossas asserções.

Dentre os problemas relativos á nossa organização são mais interessantes, porque são basicos, os que se referem á questão do preparo do homem para as funções de soldado, ou ajustamento do cidadão dentro dos attributos e qualidades que o devem tornar apto para defender a sua Patria; a questão da **ordem de batalha**, porque os effectivos ou meios permanentes devem constituir um mínimo correspondente ás necessidades mais urgentes do ponto de vista bellico, deve permittir o completo desdobramento relativo á hypothese mais premente; a certas questões attinentes ao Plano de defesa nacional e ao Plano de guerra, porque constituem elementos iniciais, orientadores, na solução de outras questões, e não podem ser deixados para a oportunidade em que o perigo se apresenta, para serem então de afogadilho tratados e resolvidos; isto constituiria uma preciosa inversão de realizações, trazendo incertezas no serviço e conduzindo certamente o falseamento de idéas e creações.

Esses problemas são technicamente annuciados sob as epigraphes:

- a) problema da educação physica e civica do povo;
- b) problema do serviço militar obrigatorio;
- c) problema das reservas geraes.
- b) problema da ordem de batalha, ou da contribuição das forças armadas, Exercito e Marinha, permanentes ou não, grandes unidades, organização, desdobramento grandes commandos, Estados Maiores, forças Navaes, etc.
- c) problema das directivas e instrucções do governo, para permittir um completo e efficiente trabalho nos Estados Maiores do Exercito e da Armada.

Compreende-se que alguns de taes problemas apresentam aspectos particulares que são de uma ascendencia notavel no seio da organização.

Podemos citar: a questão do ensino ou da instrucção geral no Exercito e na Armada; a organização effectiva dos Estados Maiores e uma melhor regulamentação do seu serviço para con-

duzir a uma real efficiencia e talvez a uma perfeita unidade de doutrina na organização e fins; a regulamentação do serviço de recrutamento dos quadros (Leis de promoções); a complexa questão da logistica ou procura da solução ao problema da satisfação das necessidades organicas e materiaes das forças armadas, etc. São questões tão essenciaes á vida das instituições, que se tornam autonomicas, constituindo-se em problemas especiaes de notavel relevo.

A administração da Guerra na sua laboriosa e criteriosa gestão tem movimentado e chegado á solução de alguns desses problemas. Devemos citar: o da **educação physica**, em cujo projecto de regulamentação encontramos as melhores idéas e prescripções, indispensaveis para ajustar o serviço dentro das necessidades nacionaes: a **lei do ensino militar**, sobre que já bordamos considerações; e, si bem que não exprima ainda um padrão definitivo, foi um passo agigantado para levar ao aperfeiçoamento dos attributos profissionais do Exercito; a **lei da inactividade**, que cortou rente um acervo de abusos e principalmente influuiu na organização das reservas dos quadros de officiaes, etc.

Infelizmente, porém, o **serviço militar obrigatorio**, si bem que mancammente em andamento, tem ficado sem as reformas urgentes e inadiveis que a lei actual carece. Reconhecemos que não será facil reformal-a, porque os seus fundamentos constituem problemas intrincados, complexos, de muito difficil ajustamento ás condições do Paiz. Mas a questão não é insolúvel; é necessario que abordemol-a com coragem e disposição.

A Lei n. 5632 de 31 de Dezembro de 1928, que reformou o ensino militar, autorizou o Governo a fazer a revisão da organização geral do Exercito. Foi uma medida de extraordinario alcance; aneávamos por ella. Em linhas geraes, as nossas convicções a respeito são as seguintes: a nossa ordem de batalha não corresponde mais á actualidade; julgamol-a insufficiente, inadequada ao aspecto geral dos nossos encargos no continente. Precisa ser refundida, aligeirada nos elementos componentes, ao mesmo tempo ampliada no todo. Não nos compete aqui fazer outras considerações a respeito. Apenas podemos accrescentar que, para uma elaboração consciente e efficaç, seria indispensavel que o Sr. Ministro da Guerra expuzesse os factos ao Conselho Superior da Defesa Nacional.

Este necessita ser ouvido, pois talvez possa, sobremaneira, influir na revisão que se tem em vista. O momento é tambem opportuno para que o Sr. Ministro invista sobre a Lei do serviço militar e sobre outras questões de palpitante actualidade.

Duas outras questões importantissimas que se prendem á epigraphie geral "**Organização**", são a **defesa de costa** e a **reorganização das forças navaes**. Precisamos encaral-as com animo forte e sem idéas prejudiciaes preconcebidas.

E' necessario submeter a vida nacional aos encargos que a sua defesa impõe. Como? Não é problema que num editorial se possa seguramente procurar encaminhar.



# Assumptos Navaes

## NOVOS RUMOS DO PROBLEMA NAVAL BRASILEIRO

PELO CMT. LUIZ A. DE ALENCASTRO GRAÇA  
(Antigo addido naval no Japão, Perú e Argentina)

(Transcripto de *O Jornal*)

*N. DA R. — No util afan de proporcionar aos nossos leitores da Marinha e do Exército o conhecimento dos problemas mais em voga, procurámos obter a collaboração do Cmt. Luiz A. de Alencastro Graça, cujos trabalhos de grande oportunidade têm surgido com frequencia na imprensa diaria. Na impossibilidade de nos attender de prompto, reccommendou-nos a transcripção de um dos seus ultimos artigos, a que prazenteiros accedemos, na esperança de sermos brevemente compensados com frequentes originaes de sua lavra.*

Um programma naval não se improvisa. Depende da politica naval adoptada, a qual, por sua vez, é funcção da politica geral.

Torna-se, pois, difficil traçar um programma definitivo quando a situação economica e financeira do paiz é precaria.

A attitudo que cumpre observar, nesse particular, deve ser, naturalmente até nova ordem, de méra expectativa, procurando obter, mesmo dos mais arrogantes, o acatamento a que fazemos jús como nação livre e independente, sem confiar muito no auxilio ou protecção que nos queiram prestar outras potencias, para não soffrermos decepções e humilhações.

Já não podemos pretender a posse de uma esquadra que nos garanta a hegemonia continental de que, com razão, nos ufanavamos no passado. Outras nações, infelizmente, tomaram-nos a deanteira e não cederão voluntariamente o posto conquistado.

E' claro que essa circumstancia não importa no abandono criminoso da defesa nacional. Desde que não nos achamos em condições de readquirir o perdido, nem por isso estamos impossibilitados de procurar uma solução que satisfaça ao nosso caso.

Precisamos, assim, ter uma força apta a enfrentar, no mar, um adversario qualquer, de modo a impor-lhe a nossa vontade, quando a eventualidade de um conflicto de fronteiras ou interesses commerciaes, esgotados os recursos diplomaticos, nos atirar nos azares de uma luta armada em prol dos mais sagrados direitos.

A sciencia da guerra, tal qual se apresenta em nossos dias e a exemplo das demais sciencias, é o resultado do desenvolvimento progressivo.

Assim como evoluíram as armas, por successivos estagios, da massa e do projectil de pedra da era primitiva aos hodiernos torpedos e canhões de grande alcance e poder, também evoluíram os methodos para sua utilização. Outro tanto não aconteceu com a finalidade das guerras, que permaneceu constante, nomeadamente a submissão completa do vencido á vontade do vencedor.

Os elementos que constituem a marinha de um paiz, na sua expressão mais geral, são os navios de superficie, os aviões e os submarinos, conforme o campo onde vão operar.

Mas, o potencial naval não se mede apenas pelo numero desses elementos. Elle está também subordinado á posição geographica do paiz em apreço e dos pontos de apoio que sua costa offerece para uma acção mais ou menos efficaç.

### PARA O DOMINIO DO MAR

As nações que aspiram o dominio do mar têm absoluta necessidade dos navios de superficie, sobretudo encouraçados, afim de levarem ao adversario um ataque decisivo, destruindo-o ou reduzindo-o á impotencia nos portos, de forma a conservarem livres suas linhas de communicações maritimas. Ao contrario, quando não se possui os meios sufficientes para a obtenção desse objectivo, fica-se condemnado a uma defensiva, recorrendo-se então aos submarinos e aviões, pela impossibilidade de tirar maior partido dos navios de superficie por sua inferioridade.

O estado de nossas finanças não nos permite dispor de todos esses elementos em sua maxima força. Sem embargo, devemos procurar um termo medio, contentando-nos, por agora, com aquillo que melhor corresponda, nos limites de nossas possibilidades, ao minimo admittido pela politica naval, desprezando os elementos de difficil aquisição em proveito dos menos dispendiosos, para os quaes convergemos o nosso principal esforço.

Como não podemos concorrer com outras potencias no jogo dos grandes armamentos, teremos que adoptar de preferencia a arma das nações ditas fracas, que é o submarino, a unica capaz de offerecer ao Brasil a garantia de que os sacrificios para sua compra não seriam inteiramente inuteis.

Nenhuma marinha, por mais forte que pareça, consegue dominar toda a vastidão dos mares. Forças muito inferiores podem tornar os portos e as costas de um inimigo proximo bastante perigosos para navios de superficie, comtanto que seus submarinos ali cheguem com segurança, de modo a obterem informações, estabelecerem campos minados e torpedearem os navios que delles se acercarem.

### ENCOURAÇADOS E SUBMARINOS

Para que nos servem, afinal, os encouraçados? Até agora o seu passivo tem sido maior que seu activo. Nos primeiros dias de sua estadia entre nós já revelavam flagrantemente que, a enorme concentração de força que representavam, constituia antes um factor de preocupação de ordem interna.

Com submarinos teria havido naturalmente melhor dispersão e talvez que as solicitações tendenciosas dos demagogos de nossa democracia não encontrassem eco, pela facilidade de contrôlle e submissão.

Demais, esses encouraçados não nos dão a superioridade tactica, que era de desejar, por seu redu-



zido poder combativo, podendo-se mesmo, considerá-los como obsoletos, em confronto com seus similares de outras marinhas.

Pensar em sua remodelação é comprometter a riqueza publica sem augmentar o seu rendimento. Adquirir um novo encouraçado, seria provocar as competições que fatalmente nos conduziriam a uma ruina inevitavel.

O encouraçado é de facto a unidade mais cara em uma esquadra, não só por seu proprio valor como pela exigencia de outros navios para a formação de sua cobertura, sem o que não poderia deslocar-se, além dos gastos com as installações feitas em terra para seu reparo, docagem e conservação no estado de perfeita eficiencia.

Isso implica em dizer que o seu custo total, directa ou indirectamente, absorve a maior quota dos orçamentos navaes e que, com o equivalente a um só delles, pôde obter 20 a 30 submarinos de typos variados, em condições de prestar serviços mais relevantes em uma guerra.

Tem-se observado que certas nações procuram limitar o papel do submarino nas Conferencias Internacionais. E' que ellas provavelmente assentam o seu poderio naval sobre uma formidavel força de encouraçados e os submarinos são susceptíveis de attenuar-lhes a capacidade aggressiva.

Sem duvida essas nações continuarão a construir indifferentemente uns e outros, porque, sendo muito ricas e possuindo colonias por todos os mares, podem dar-se ao luxo de manter duas marinhas, a de superficie e a submarina, achando-se assim em situação favoravel para receberem ataques de surpresa em qualquer dos campos. Tratemos, pois, de adquirir submarinos. São elles que resolverão o problema actual para nossa marinha, em face da politica defensiva-offensiva que somos compellidos a seguir.

Quanto ao numero, não nos importa saber. Basta, porém, que se diga: o maior numero possível. Além do que, fixar a composição de uma força é da competencia do Estado-Maior, de accordo com as necessidades da estrategia e os recursos do paiz.

Com submarinos faremos a guerra commercial ameaçando as linhas de communicações maritimas do nosso adversario.

Com submarinos bloquearemos os portos inimigos, ao mesmo tempo que impediremos que o nosso littoral seja atacado ou sujeito á um desembarque. Com os submarinos estabeleceremos uma barreira protectora, por traz da qual poderão passar os comboios de tropas e supprimentos para nosso exercito.

Devemos, comtudo, reconhecer que unicamente o submarino não basta para assegurar a nossa defesa. A seu lado e na medida necessaria tem que figurar o avião. Um e outro se completarão indiscutivelmente.

O avião é o instrumento mais effizaz do esclarecimento e tanto serve para o ataque como para a defesa. Elle, por si só, é capaz de effectuar o patrulhamento aereo ao largo nas condições indispensaveis de duração e continuidade. A unica protecção para as incursões aéreas é ainda o contra-ataque.

Não obstante, o avião custa relativamente caro e evolue muito depressa, para que seja possível ter-se, em tempo de paz, todo o pessoal e material imprescindiveis á sua mobilização.

O incentivo á criação de uma frota aérea commercial seria de grande vantagem para obviar esse inconveniente, cabendo ao governo regulamental-a, de modo a que seus aparelhos se adaptem ao serviço naval, para fins de treinamento durante a paz e de utilização em tempo de guerra.

As considerações que vimos de fazer, em linhas geraes, não permittiriam, em verdade, collocar o Brasil na posição de destaque a que está chamado a occupar, em futuro não muito distante, entre as grandes potencias.

Ellas se inspiraram, porém, no acontecimento notavel que foi a chegada do submarino "Humaytá", despertando o entusiasmo quasi adormecido de nossa brilhante officialidade, cujo patriotismo ainda não se contaminou com a ferrugem que lavra nas velhas carcassas fluctuantes, que poderão algum dia servir-lhes de sepulturas.

Não queremos dizer que governar não signifique prever e, por mais respeitaveis que sejam as tradições, e pela intuição do futuro, tal qual nos prepara o presente, que os povos se engrandecem e que saem victoriosos da eterna luta pela existencia, a lei suprema e universal.

"A Italia assigna os esforços das nações para conseguir o desarmamento, porém este continúa a ser sómente uma generosa experiencia. Aguardando a sua effectuação, a Italia deve aperfeiçoar suas forças de terra, do mar e do ar". (Discurso do rei em Abril de 1929).

## **SALGADO GUIMARÃES & Cia. Ltda.**

GRANDES OFFICINAS

DE

Typographia, Lythographia, Encadernação,

Douração, Pautação, Timbragem, etc.

PAPELARIA, OBJECTOS PARA ES-

CRIPTORIO, LIVROS PARA

ESCRITURAÇÃO, ARTIGOS PARA

DESENHO E MATERIAL

DE ENSINO

**26, Rua da Quitanda, 26**

Telephone Central 4364

RIO DE JANEIRO



# Estructura economica e posição internacional

CONFERENCIA REALIZADA NO CENTRO INDUSTRIAL DO BRASIL PELO SR. HELIO LOBO, ENCARREGADO DE ORGANIZAR, NO MINISTERIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, OS SERVIÇOS ECONOMICOS E COMMERCIAES.

*N. da Red. — Ha tempos tinhamos pedido ao Sr. Helio Lobo, por intermedio de nosso representante civil, uma collaboração sobre assumptos economicos, em que é mestre consumado. O illustre diplomata não esqueceu e teve a feliz idéa de enviar-nos esta conferencia para que a divulgassemos.*

*Estampando-a agora, cremos prestar real serviço aos nossos camaradas e principalmente aos do Estado Maior, aos quaes muito interessa o conhecimento dos problemas economicos que se agitam no Paiz e nas outras Nações.*

## I

Grande prazer tenho em falar perante o Centro Industrial do Brasil, a cujo illustre director, Dr. Francisco de Oliveira Passos, sou reconhecido pela honra do convite, com que me distinguui.

E' este Centro o propulsor da actividade industrial em nosso paiz, já actualmente assignalada e de tão grandes horizontes de realização; e não poderia eu deparar, pois, logar mais propicio para dizer, obscuramente embora, de assumpto de tamanha relevancia para a vida nacional.

## II

Depende a estrutura economica de um paiz de factores espirituales e materiaes. Embora abundantes estes, pouco podem sem aquelles. No Brasil, como em toda parte, essa interdependencia deve levar-se em consideração, si se quizer traçar á nação o rumo que lhe corresponde.

Contam-se, notadamente, nos materiaes a situação geographica, os recursos naturaes, o clima, a immigração, a moeda, os transportes. Nos espirituales, a capacidade de aproveitamento de tudo isso, para beneficio proprio e internacional.

Está o Brasil, quanto á situação geographica e os recursos naturaes, entre os mais dotados. Compara-se sua posição aos Estados Unidos da America, com a differença de que, mais moços 50 annos, iniciamos, apenas, o caminho que elles começaram a trilhar approximadamente ha meio seculo. Assim, da costa immensa, que é a delles em tres mares não temos muito menos numa só frente, a do Atlantico. Pertencem-nos os dous maiores rios, as duas maiores bacias fluvias do globo. Do clima, gosamos ambos as variantes, o frio, o quente, o temperado, mais tropical o nosso, menos calido o outro, proprios todos ás mais variadas culturas. E' sem limites, dentro das divisas de cada um, a riqueza dos campos, a potencia das quedas d'agua, o thesouro do sub-solo, a fertilidade dos valles e a belleza sem par da natureza. E, levando o paralelo mais longe, foi identico o impulso creador das fronteiras, essa audácia dos que lá recuaram a linha de limites através das montanhas até o Pacifico e que, levando cá a occupação com as bandeiras até a cordilheira, nos deram a configuração actual. Isto sem falar na semelhança da forma governativa, a federação, que, permittindo aos Esta-

dos viver e prosperar, tem nelles alli, como já vamos tendo aqui, a verdadeira fonte de riqueza e desenvolvimento geral.

Como se sabe, não ha paiz de economia autonoma; em alguns, porém, como nos Estados Unidos da America e no Brasil, a maioria dos seus recursos lhes basta mais ou menos á existencia. Crearam aquelles, devido a isso, dentro de suas fronteiras, um extenso commercio interno, oriundo do solo e das manufacturas, em partes mais ou menos iguaes; e só depois se lançaram ao externo em grandes linhas. Pôde avaliar-se o primeiro, quando se sabe que o segundo representa apenas 7 % delle e subiu, entretanto, o anno passado, a cerca de nove bilhões de dollars. Area quasi igual á da Europa, sem seus 28 entraves aduaneiros, ella offerece um campo immenso de permutas livres, para cujo exito não só concorreram as riquezas naturaes e o engenho do homem, mas tambem a extraordinaria rede de communicações, que localisa alli metade dos caminhos de ferro do mundo. E' a perspectiva que tambem se desenha para o Brasil se, corrigindo lacunas passadas, pudermos perseverar na construcção das estradas, que só agora depararam sua grande era. Dézeseis vezes a França, nossa rede ferrociliar é, apenas, tres quartos da sua.

Outro ponto de contacto é a immigração. Fechado o grande centro norte-americano de absorpção, as levas europeas, que se expatriam, lião de ter forçosamente seu escoadouro para a America do Sul, sobretudo o Brasil. Para ter-se idéa do que foi alli essa absorpção, basta accentuar que anno houve, no qual as entradas transpuzeram o milhão e que, no decennio de 1900-1910, nada menos de nove milhões de seres, algarismos redondos, alli se estabeleceram vindo de além-mar. O Brasil, em sua vida autonoma, recebeu cerca de quatro milhões, que contrastam com os 34 milhões, approximadamente, que tiveram accesso nos Estados Unidos da America. Estavamos, como estamos, mais longe dos centros supridores e era natural que para lá se dirigissem todos pela attração das riquezas e da vida nascente. A escravidão, tão tardiamente resolvida, pesa entre nós como um dos maiores, o maior sem duvida, dos obstaculos á florescia economica do paiz, porque apartava, pela sua condição mesma, o trabalho sadio e remunerador. Tem a historia suas razões occultas e nós perguntamos si uma corrente mais densa de sangue estrangeiro, durante o periodo de formação da na-



cionalidade, não teria dificultado a unidade territorial, de lingua e de costumes. E, si é certo que esta se consolidou e que se irão povoar nossas regiões com o forasteiro (só em dez annos de Republica recebemos mais de um quarto dos immigrants de um seculo), não devemos, comtudo, acolhel-os sem o estudo profundo da sua acção no nosso meio; para o que espelho melhor não offerece o proprio paradigma invocado, com a lei de restricção immigratoria, mal comprehendida geralmente, mas de profunda necessidade pela cohesão que exprime. Não nos esqueçamos de que só as regiões do planalto brasileiro, de seis de nossos Estados meridionaes, representam, em superficie, zonas temperadas superiores ás de quatro ou cinco nações mais adiantadas da Europa. Na nossa politica de immigração, que urge crear, não pôde ser diversa a acção da União da dos Estados, sob pena de graves tropeços futuros.

No supprimento do capital, o auxilio norte-americano é, por sua vez, directo pois alli se localisa mais de metade da reserva metallica do mundo. O dollar está destinado a espraia-se, como se vae espraçando geralmente, em beneficios directos e serviços indirectos de toda ordem. Só em 1928 subiu em emprestimos a cerca de um bilhão e meio, praticamente para todos os pontos da terra; e nessas sahidas a parte destinada a fins reproductivos é cada vez maior. Muito se tem dito do ouro americano, pelo que representa de expansão consciente ou eventual; mas nem todos se lembram de que, facto de eclosão inevitavel, exige mais o axame do que a paixão. Não ha exemplo melhor, ainda, do que os Estados Unidos da America, que devem ao capital estrangeiro a esplendida situação que hoje desfructam; até recentemente, mais de um terço do dinheiro alli empregado nas vias ferreas, era hollandez; e o inglez tem parte não pequena no progresso nacional, em todas suas faces. Afinal de contas, vivem os povos de trocas; e o capital não é sinão uma fôrma de contacto internacional, que aproxima e fructifica. Ainda ahi, a acção dos Estados não pôde deixar de ser parallela á federal, pela organização de uma politica previdente, que nos ampare quer nas emissões de emprestimo, quer nas concessões de terra e colonização em que não raro se encobrem.

### III

O caminho está, pois, traçado. Se o grosso de nossa producção é ainda agricola, temos que augmentar gradualmente a capacidade manufactureira, para que sobre ambos possamos erigir o edificio economico interno e, em consequencia, o exterior do Brasil. Não devemos ser somente productores e exportadores de materias primas e artigos de alimentação; pelo contrario, só o incremento das industrias aproveitará, em todos os sentidos, nossos enormes recursos naturaes, nos trará o treinamento technico das civilizações industriaes mais adiantadas, além de melhor garantir o padrão de vida dos trabalhadores nacionaes e estrangeiros que aqui aportarem. As fôrmas de actividade simplesmente agraria, por si só, não atraem facilmente o elemento alienigena; e temos contra nós que vamos creando, pelo nosso

padrão de vida, um custo de producção mais alto que o das zonas similares. E' nosso orgulho haver-mos instituido uma nova fôrma de civilização tropical, sem sujeição alheia; mas, por isso mesmo, cada vez maior será a competição que aos nossos artigos trarão paizes de fôrma colonial, onde ha servidão economica e braços baratos. A producção agricola do Brasil, com excepção do café, é aliás muito pobre, pois não fornece mais do que 1 % do arroz do mundo; 2 % do algodão; 3 % do fumo; 3 ½ % do milho; 3,9 % do assucar; 4 % de borracha e 10 ½ % do cacão. Tanto nessa como na manufactureira, faz-se mistér um trabalho de educação geral, para que deixemos de viver economicamente apartados do mundo, que não acompanhamos nas suas aptidões technicas e necessidades materiaes. Que progresso pôde ser o nosso, quando temos vivido praticamente insulados dentro de nós mesmos e 78 % de anaphabetos, em todo o territorio, esperam pela integração espirital na vida do paiz?

Se essa é a producção, não ha melhores resultados na exportação. Estabilizada a moeda, por obra do Chefe da Nação, sem o que seria sempre precario nosso organismo economico, tudo indica uma expansão commercial externa nos mais modernos moldes. Não é que o indice de exportação seja exponte de uma boa estrutura economica, como provam os proprios Estados Unidos da America. Mas a verdade é que, com 35 milhões de habitantes, estamos num plano abaixo já não digo de paizes autonomos, mas de colonias, muitas vezes inferiores em coefficiente humano. População e territorio são, aliás, cousas relativas em economia internacional. Assim em 1927 somente tres Estados brasileiros, São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, tiveram maiores receitas do que a de Kenya, a colonia do café na Africa Oriental; Uganda, por sua vez, teve uma receita que superou as de Paraná e Espirito Santo. Por seu turno, os Estados Malayos, com uma população que representa nove vezes o numero actual de habitantes do Amazonas, occupam apenas uma superficie igual á de um só municipio amazonense, como Borba, no Rio Madeira; e sabemos o que exprime no mundo moderno o commercio da gomma elastica.

O problema da producção e da exportação é tanto mais relevante, quando se liga fundamentalmente á nossa posição internacional. A competição torna-se cada vez mais profunda em torno das materias primas e dos artigos de alimentação, pela dependencia em que vivem os povos uns dos outros. E nem sempre os pobres materialmente são os atrasados industrialmente. Exemplo typico é a Inglaterra, que pouco mais do que ferro e carvão produz, dando os recursos de alimentação do seu solo para apenas dous dias em sete. Será a eterna gloria britannica esse admiravel serviço de fabricante e corretor internacional, que o genio emprehendedor e marinheiro da raça lhe azou e que, através aguas immensas, suppre nas suas necessidades e faz vizinhos todos os homens.

A este respeito, a Guerra Européa não foi mais que uma consequencia da posição inferior de uns paizes com relação a outros, quanto a certos productos fundamentaes; não jaz outra



cousa atraz do complicado problema das reparações, a cujo respeito se escrevia recentemente: "A luta em torno das materias primas tem um papel ainda mais importante agora do que antes da guerra... A unica solução para a Allemanha está na aquisição de suas antigas colonias". Basta dizer, para o verificar, que o Tratado de Versalhes tirou ao Imperio oito milhões de habitantes e 13 % de seu territorio europeu, privando-o egualmente, nas suas colonias, de um milhão de milhas quadradas e doze milhões de almas. O Brasil domina o mercado de café, o Japão o da sêda bruta, as Indias Orientaes o da borracha, a India o da juta, os Estados Unidos da America o do algodão. Nos mineraes, os Estados Unidos da America, a Grã Bretanha, a França e a Allemanha tem mais de tres quartos da produção do carvão mundial; os Estados Unidos da America, o Mexico, a Russia, a Persia e a Venezuela tem cerca de 90 % da produção total de petroleo; o do aço, 85 % de seu fabrico está na França, Estados Unidos da America e Grã Bretanha; o cobre e o estanho veem de tres maiores fontes de produção, o nickel de duas; e assim por diante. Do petroleo e seus derivados escreveu o United States Geological Survey: "O carvão que, no ultimo seculo, dominou o commercio mundial, é já de menor importancia internacional do que o petroleo. Oleo combustivel e gasolina são, como taes, necessidades commerciaes; e a supremacia no ar e no oceano depende em absoluto da posse de supprimentos adequados".

Tal é a competição, que paizes altamente industriaes e escassos de recursos, como a Italia, a Belgica e o Japão urgem, junto da Sociedade das Nações, por uma divisão mais equitativas de certos recursos fundamentaes; e outros mais ricos se reúnem sem fronteiras politicas, na defesa de uma só industria commum, como os consorcios do aço e da potassa. A interdependencia economica chega mesmo a extremos como estes: nos Estados Unidos da America 70 % de suas importações já são de materias primas e artigos de alimentação; na Allemanha, 78 %; na França, 85 %.

Dizer, ainda que por alto, de taes algarismos é delinear, num traço, o problema de nossa estrutura economica. O campo internacional foi, e ha de ser sempre, dos mais atilados. As reservas immensas de ferro e outros mineraes, a potencia de nossas quedas d'agua, a immensidade infinita desses e de outros recursos nacionaes, constituem um horizonte tal de realização, que mal o podemos conceber na sua significação total.

#### IV

Não minguam, é certo, ao Brasil certos indices especiaes de significação economica. O commercio de cabotagem, por exemplo, foi em 1928 de cerca de tres milhões de contos de réis. Não duplicaram em extensão, nos ultimos tres annos, as rodovias? Si olharmos para os Estados. Minas Geraes tem uma exportação superior á da Venezuela e Yugo Slavia; e São Paulo supera á Noruega e ao Chile nas suas vendas ao estrangeiro, salientando-se ambos por uma produção industrial que, em grande parte, já vae satisfazendo as nossas necessidades. Produz o segundo

mais café do que o resto do mundo e o primeiro tem o dobro da Colombia. Occupa a Bahia o segundo logar na produção geral do cacão. Fornecedor em escala crescente da bacia amazonica já vae sendo o Pará. E o Rio Grande do Sul é um grande suppridor de muitas das necessidades do paiz em artigos de alimentação como cereaes, carne em conserva, xarque e vinho, papel que Pernambuco, por seu lado, desempenha com o assucar e artigos manufacturados, sobretudo na região do nordeste.

Ha, em geral, um surto de produção e organização digno de referencia. E' que, como no topo do Novo Mundo, somos tambem, tal a vastidão de nossa terras e os recursos nellas contidos, "*a collection of potential nations rather than a single nation*"; e a mobilização das riquezas geraes se fará, em consequencia, mediante esforços mais arduos. Paiz de economia dispersa, carece de uma grande obra coordenadora em conjunto. Unir para fortalecer; orientar para produzir; industrializar para se bastar a si mesmo e exportar, taes os deveres do Brasil nesta hora de competições materiaes. Vivemos numa phase nova, escreveu Le Bon, na qual as forças economicas dominam todas as chimeras. Os Servicos Economicos e Commercias, creados no Ministerio das Relações Exteriores, pela alta inspiração do Ministro Octavio Mangabeira, pôde dizer-se que têm por escopo o de nos ligar economicamente ao mundo; o papel é, entretanto, intermediario desde que para a grande obra, a parte executiva, no que depende do Governo, reside em outros órgãos federaes e estaduais.

Essa obra vae pôr á prova nossa capacidade, mas della sahiremos com garbo. Será um tude caminhar. Diversidade de zonas e de recursos, factores politicos e sociaes, interesses agrarios, competições industriaes, immigração, tarifas, tudo trabalhará pelo nosso progresso, eventualmente sem a necessaria harmonia, mas, de facto, sob uma grande inspiração nacional. Uma nação, sob pena de não se elevar sobre bons ali- cerces, não é só a sequencia de actos venturosos, e o prova nosso mesmo passado, mas a alternativa de dias felizes e horas amargas. Assim como de nossas lutas internas desabrochou a unidade territorial e politica, da competição das necessidades domesticas, umas com as outras, e todas com as externas, surgirá a individualidade economica.

"Somos um mesmo, um só corpo, ainda que vario, "*We are members of the same body though it is a varied body*", escreveu-se no proprio paiz, que se fez modelo de estabilidade politica, máo grado a maior luta civil da historia e debaixo dos mais violentos factores de desagregação. Ha alli a região da potencia financeira, a do predomínio agrario, a do relevo industrial. O norte não se oppõe ao sul, completa-o; o leste não contesta o oeste, finaliza-o. Em seis estados da União, New-York, Pennsylvania, Illinois, Ohio, Massachusetts e New Jersey, está localizada a metade da produção industrial de toda a nação contendo tambem essa região 33 % da população e 49 % de seus operarios. A luta é, por vezes, tão tenaz entre interesses que se chocam, que um membro do Senado Federal proclamou que "se



# Emprego tactico das Mtr. P. no combate

Pelo Cap. JOSE' PORTOCARREIRO

Nada tem de meu o assumpto de que vou tratar, a não ser a concatenação de idéas e factos.

Outrosim, não se trata de textos regulamentares para aqui transcriptos, mas tão somente de conhecimentos de factos technicos e tacticos, hauridos por aquelles que fizeram a Grande Guerra, e que são os nossos mestres hodiernos.

Antes, porém, de entrar no assumpto, convém lembrar-vos os caracteres das lutas de hoje, isto é, a physionomia do combate da Infantaria.

O combate é uma successão no tempo e uma juxtaposição no espaço de varias acções offensivas e defensivas. E' preciso notar, porém, que tal successão e tal juxtaposição apresentam, quasi sempre, soluções de continuidade.

Ha interrupções de causas varias, no combate offensivo, durante as quaes os elementos atacantes permanecem na defensiva.

Ha, outrosim, no combate defensivo varias interrupções, — aliás localizadas, — nas quaes, executando os defensores um contra-ataque qualquer, deixam de se defender e atacam, ou antes, para se defenderem necessitam de atacar; o combate, neste momento, toma o character offensivo.

Não se póde, pois, dizer que um combate seja offensivo ou defensivo do principio ao fim.

Quando o combate tem o character offensivo, a Infantaria tem por missão atacar, isto é, progredir, de objectivo a objectivo na direcção indicada, qualquer que seja o terreno.

Mas, para avançar, ella precisa destruir ou neutralizar o fogo inimigo, necessita de obter a preponderancia de fogo:

Uma vez enfraquecido o fogo inimigo, a Infantaria avança por lances, cuja extensão varia com o terreno e com os meios inimigos que a hostilizam.

Taes lances se executam de base de partida a base de partida. Esta é organizada immediatamente, protegida por uma coberta do terreno, onde, previamente, se reúnem os elementos que deverão tomar parte no ataque (tropa e material) e que, a um signal convençãoado, ou a uma hora predeterminada, se lançarão sobre o objectivo seguinte, apoiadas pelos meios de fogo de cuja protecção dispõem — e não podem prescindir.

O conjunto destes meios de fogo, dispostos

em largura e profundidade, é o que se chama — base de fogo.

Da mesma maneira, é com o fogo, quer de seus fuzis, de seus F. M., de suas Mtrs. leves ou pesadas, quer da Artilharia que opera em seu proveito, que a Infantaria se defende, constituindo as barreiras de fogos cruzados deante de sua linha principal de resistencia, e no interior da posição.

Ainda na defensiva necessita a Infantaria de obter a supremacia do fogo.

Em conclusão: — O combate da Infantaria é a omnipresença do fogo: fogo que, avançando, a leva á conquista dos objectivos que lhe foram dados atacar; fogo que, bem regulado e ajustado, detém o inimigo, impedindo-o de avançar sobre o terreno que lhe, a ella, foi dado defender.

São do Cmt. Laure as seguintes palavras:

"A Infantaria age pelo fogo e pela manobra; o fogo é o elemento preponderante. A defesa é o fogo que detém; o ataque é o fogo que avança; a manobra é o fogo que se desloca".

Assim sendo, a manobra é, sobretudo, um meio de produzir fogos, no ponto, no momento e no gráo desejados e nas melhores condições de efficacia, potencia e rendimento, como asseveram os mestres Cel. Barrand, da M. M. F., e o Cel. Paes de Andrade.

A potencia de fogo da Infantaria é a de suas armas automaticas, e se caracteriza:

1º) — Pela rapidez do tiro (400 a 500 tiros por minuto para as Mtrs. e 150 a 200 para a F. M.). Devido ás difficuldades de remuniciamento é quasi impossivel obter-se maior rapidez.

2º) — Pela extrema precisão, principalmente das Mtrs. Pes.;

3º) — Pela rasancia. A 600 ms. um homem de pé será attingido pela trajetória. Praticamente podemos dizer que nas médias e grandes distancias a zona batida por uma Mtr. Pes. é a de um rectangulo de 200 ms. x 10 ms.

Afim de aproveitarmos a profundidade deste rectangulo de dispersão convém, sempre que fôr possivel, batermos os objectivos com tiros de enfiada, tiros de flanco, de direcção parallela á sua maior extensão.

Os tiros de frente são excepçionaes.

Além destes caracteres, apresenta a Mtr. Pes. as seguintes propriedades:

Os seis Estados da Nova Inglaterra pudessem ser cedidos ao Canadá, se reduziriam á metade as difficuldades legislativas da nação". Processo continuo de ajustamento, delle sae o paiz cada vez mais fortalecido. Assim o Brasil. Havemos de ser igualmente, sob a federação indissolúvel, o producto do regionalismo fecundo e estimulante, a multiplicidade na unidade. Dos pampas do sui ás cachoeiras do norte, das praias atlanticas ás

ante-montanhas peruanas, pelejarão os homens na peleja do arado e da fabrica. Nessa porfia perenne, que será nossa vida mesma, tudo se vae chocar e resolver sem perda em favor da grandeza e da prosperidade nacional. E o equilibrio de taes fórmulas regionaes, com as necessidades superiores da nação, como entidade suprema, constitue, para mim, um dos mais bellos e promissores espectaculos do Brasil de amanhã.



1°) — Alcance: 4.300 ms;  
 2°) — Economia de soldados;  
 3°) — Facil manejo e grande rusticidade;  
 4°) — A sua extrema precisão, permite fazer-se o tiro por sobre as tropas amigas, ou nos intervallos, constituindo a gerba de suas trajetórias a unica barragem verdadeiramente intransponivel.

5°) — A mobilidade de seu fogo permite realizar transportes e concentrações.

6°) — Efeito moral consideravel. Efeito material formidavel quando se pôde desencadear o tiro de surpresa.

7°) — Munida de um suporte adaptavel ao reparo, pôde fazer o tiro contra avião.

Passadas em revista as propriedades essenciaes das Mtrs. Pes. concluímos que, de preferencia, devemos attribuir-lhes missões que reclamem grande potencia e precisão, e, em alguns casos, grande alcance. São, em summa, as armas destinadas, por excellencia, á execução do flanqueamento afastado.

Quanto á natureza dos tiros, as Mtrs. Pes. se empregam:

Em tiro directo — a todas as distancias;

Em tiros indirectos a grandes distancias e sómente em concentrações.

Até 1500 ms. o tiro directo constitue a regra geral do emprego das Mtrs. Pes.

A acção ás grandes distancias com tiro directo é, ás vezes, vantajosa, como por ex.: para bater objectivos fugazes e importantes; pontos sensiveis da zona inimiga (orlas de bosques e povoações, pontos de passagem obrigatoria); para assegurar o flanqueamento de um sector vizinho; e para as concentrações de fogos.

O tiro indirecto aproveita todo o alcance da trajetória, utilizando um processo especial de pontaria. E' empregado em missões particulares, como: inquietação, barragem á frente do primeiro escalão, interdicção e enjaulamento.

Os efeitos dos tiros indirectos raramente serão observados.

E', pois, um tiro excepcional.

\* \* \*

Feitas estas considerações, podemos desde já dizer, de maneira categorica, que as Mtrs. Pes. deverão ser empregadas em todas as partes em que o movimento da Infantaria exija o fogo para a sua realização.

Assim sendo, o emprego das Mtrs. Pes. tem lugar em todas as phases do combate, a saber:

Na approximação, na tomada de contacto, no engajamento; antes, durante e depois do ataque; no aproveitamento do successo; na occupação do terreno conquistado e na peseguição; no combate em retirada, nos contra-ataques, etc.

Apreeiando, mais detalhadamente, veremos que a Mtr. Pes. geralmente, marchando com o escalão de combate, recebe missões de: cobrir o flanco de uma unidade, ou ligar pelo fogo duas unidades juxtapostas, batendo o intervallo existente entre ellas; neutralizar as resistencias previstas ou que se revelarem, e que entravam a marcha das unidades de primeiro escalão, notadamente: os órgãos de fogo inimigos; as orlas de bosques, de povoações, moitas, etc.; inquietar a Infantaria inimiga, agindo moral e material-

mente, obrigando-a a atirar mal e contrariando a execução de seus trabalhos no terreno; occupar o intervallo entre duas unidades que não progrediram igualmente, assegurando a sua ligação pelo fogo; tomar sob seus fogos os obstaculos que restarem da passagem do primeiro escalão, batendo-os de enfiada ou de revéz; substituir as Cias. de Infantaria deante das partes da linha inimiga não atacadas de frente, neutralizando o fogo dos defensores; finalmente, em casos eventuaes, bater as reservas inimigas e os caminhamentos que possam utilizar.

Antes do ataque, as Mtrs. Pes. são dispostas, em regra geral, atrás da base de partida, ou nos flancos desta mesma região, com missão de, cooperando na base de fogo, da qual constituem a ossatura, darem o seu maximo de effcacia, preparando o movimento das unidades que montam o ataque.

Durante o ataque poderão executar barragens rolantes, dentro dos limites determinados pelas possibilidades de remuniamento. De preferencia nesta acção, as Mtrs. Pes. são collocadas nos flancos do dispositivo de ataque de fôrma a, cruzando os fogos entre si, baterem com tiros de enfiada, constantemente em flanqueamento, toda a zona á frente da tropa atacante.

Depois do ataque, para o aproveitamento do successo, as Mtrs. Pes. devem occupar novas posições de fogo, afim de constituirem bases solidas e successivas de fogos potentes, tendo em vista a continuação do movimento; bater as organizações inimigas seguintes, permittindo sua rapida conquista;

si o inimigo se retira, perseguil-o com o fogo e impedil-o de reorganizar-se; bater as reservas inimigas que contra-atacarem a posição conquistada;

na perseguição as Mtrs. Pes. devem acompanhar e apoiar a fundo os destacamentos de perseguição.

Na occupação do terreno conquistado, e de um modo mais geral, nas operações defensivas, as Mtrs. Pes., escalonadas em profundidade, cooperam com as demais armas automaticas e com a Artilharia nos tiros de deter, á frente da posição occupada, estabelecendo uma cortina de fogo densa, continua e profunda; e asseguram as barragens interiores e o apoio dos contra-ataques previstos, por meio de um systema de fogos cruzados. Substituem, outrosim, as armas automaticas nas missões de tiro mais importantes, e protegem as unidades de Infantaria, afim de lhes permittir a reorganização.

Devido á mobilidade de seu fogo, as Mtrs. Pes. executam concentrações, quer na frente do sector para o qual operam, quer á frente dos vizinhos, podendo, sem effectuar deslocamentos no terreno, manobrar com o fogo, atirando ora numa, ora noutra parte

Nas manobras em retirada, isto é, nas operações em que se procura evitar o contacto com o inimigo, as Mtrs. Pes. devem esforçar-se por estabelecer uma cortina de fogos defensivos, entre a tropa que se retrah e o inimigo, de fôrma a mantel-o a uma distancia tal que permita a segurança da tropa e, ao mesmo passo, ganhar tempo.



Além destas missões póde a Mtr. Pes. fazer a contra preparação, todas as vezes que a actividade do inimigo nos induza á supposição de um ataque imminente.

Esta contra-preparação, em regra geral, é obra da Artilharia e das Mtrs. que fazem tiro indirecto; mas é vantajosamente completada pelas Mtrs. de escalões mais avançadas, particularmente bem collocadas para tomarem de enfiada caminhamentos e entrincheiramentos, ou baterem os pontos de reunião ou de passagem obrigatoria do inimigo.

Finalmente as Mtrs. Pes. são empregadas em concentrações, sobre objectivos de particular importancia, e contra os aviões que voem baixo.

Nas organizações defensivas, as Mtrs. Pes. só darão plenos e satisfatorios resultados quando as condições de escalonamento de fogos em profundidade, de flanqueamento e de instantaneidade, ou surpresa, forem asseguradas.

Antes de terminar vou lembrar algumas referencias que, sobre o emprego das Mtrs. Pes. faz o R. M. I. francez, 2ª parte, titulo 7º, Cap. V, art. IV, pag. 194, o que nada mais é do que a synthese do assumpto que acabei de estudar. Lá se encontra:

*“Unidade de execução do fogo — A unidade de execução do fogo é a secção. As duas peças de uma mesma secção ficam sob as ordens do Cmt. da secção. Em principio as duas peças recebem a mesma missão. Além de sua missão principal, a secção póde receber uma ou varias missões eventuaes, secundarias. Mas a estas ultimas só se consagra quando a missão principal fôr momentaneamente dispensavel.*

*Quando necessario, o Cmt. da secção emprega uma das peças na missão principal e a outra na missão secundaria; mas em caso de qualquer incidente de tiro numa das peças, a outra fica obrigatoriamente com a missão principal.”*

*“Quando uma secção de Mtr. é designada para apoiar a acção de uma Cia. de Infantaria, ella é posta sob as ordens do Cmt. desta Cia.*

*Quando uma secção de Mtr. combate junto a um pelotão de Inf., tendo uma missão commum, commanda o conjunto o mais antigo ou o mais graduado.”*

*“Na offensiva, o fogo das unidades de Mtrs. tem por objectivo, primeiramente, contribuir para a possibilidade da progressão das Cias. de Inf. e, depois, confirmar e explorar os resultados adquiridos por este movimento.*

*A Cia. de Mtr. é utilizada:*

*— na tomada de contacto, para apoiar as Cias. de Inf. e assegurar a posse dos objectivos attingidos;*

*— ao desembocar de uma base de partida e durante a progressão, para fornecer á base de fogo, de que constitue a ossatura, toda a potencia que as condições de terreno e o desenvolvimento da frente permittirem;*

*— na conservação do terreno conquistado, para contribuir poderosamente na execução do plano de fogo;*

*— no aproveitamento do exito, para inquietar o inimigo, batendo-o até o ultimo alcance do material;*

*— em todas as phases do combate, para as-*

*segurar a defesa contra os aviões que voem baixo, isto é, a uma altura inferior a 1.000 ms.*

A multiplicidade de missões obriga o Cmt. a não deixar inactiva nenhuma fracção da Cia. de Mtrs.

E' conveniente respeitar os laços organicos e manter todas as secções sob o commando do Capitão, não obstante uma larga articulação da Cia.

*“Para qualquer operação offensiva, o Cmt. do Regimento fixa, em sua ordem, as missões da Cia de Mtrs. Pes., sua repartição e, si possivel, as posições successivas a occupar.”*

*“Numa situação defensiva as Mtrs. Pes. convenientemente escalonadas constituem a ossatura do systema de fogos potentes, unica solução que permite manter solidamente o terreno.”*

A pratica do emprego das Mtrs. Pes. nos ensina a conveniencia da mantel-as, sempre que possivel, sob um commando unico, e ás ordens do Cmt. do R. I.

Quando, porém, a compartimentagem do terreno é tal que impede esta norma de emprego, isto é, quando o terreno se apresenta muito movimentado e de compartimentos acanhados e numerosos, não devemos ter duvidas em disseminar-as, distribuirl-as entre os Btls. de 1º escalão.

O que é de summa importancia, e sobre tal ponto nunca é de mais repisar, é que as Mtrs. Pes. devem ser sempre empregadas, como as demais armas automaticas, nos pontos onde o movimento não possa prescindir de um fogo potente.

Finalmente, devo lembrar-vos que, sendo a Mtr. Pes. uma arma tão preciosa, capaz de prestar os mais relevantes e uteis serviços nas mãos de um habil chefe, é reduzida a simples expressão de um inutil sorvedouro de munições, contraproducente portanto, desde que o seu emprego não seja judiciosamente estudado e criteriosamente praticado.

## NOTAS SOBRE O COMMANDO DO BATALHÃO NO TERRENO CMT AUDET

De accordo com o seu programma, esta revista tomou o encargo de divulgar a serie de artigos que ha annos atraz publicou o Cmt. Audet em a Revue d'Infanterie.

Póde-se dizer que hoje não ha official de infantaria que não tenha noticia desse excellente curso de tactica da arma.

Para realizar o nosso intento adquirimos do edictor os direitos de traducção e aproveitamos o trabalho já realizado pelos nossos collaboradores Tenentes Durval Coelho, Aristoteles Ribeiro e Antonio Nascimento.

Acceitamos desde já encommendas:

Assignantes da revista..... 3\$000

Não assignantes..... 3\$500



# PRIMUM AGERE

Ten. Cel. ARGUEYROLLES

— (Traduzido da Revue de Cavalerie pelo 1º Ten. A. Ancora).

"Quanto a nós, cavalleiros, se nos deixamos deter pela menor resistencia, si hesitamos indefinidamente antes de nos lançarmos á acção, si limitamos nossas ambições a demonstrações summarias, não ganhamos a aveia de nossos cavallos..."

Taes são as palavras ouvidas pelos officiaes de uma grande unidade, reunidos, recentemente, para ouvir a critica final de uma serie de manobras, feita por um chefe, justamente estimado.

Este aphorismo apoiava-se sobre factos. Duas faltas, particularmente graves, foram imputadas á cavallaria:

Viu-se, no decorrer de uma primeira operação, um grupo de reconhecimento divisionario perder longas horas deante de uma linha fracamente mantida e esperar ser alcançado pelas vanguardas de infantaria, para retomar a sua missão.

Em uma outra circumstancia, um destacamento de alguns esquadrões, encarregado, durante o combate, de uma acção offensiva sobre um flanco descoberto do inimigo, só interveio quando souo o fim da manobra.

Estão ahí, evidentemente, accidentes desastrosos. Não tendes, porem, notado que um espirito maligno parece empenhar-se em conduzir á repetição desta especie de erro, precisamente nas occasiões em que agimos sob as vistas dos nossos mais altos Juizes?

Quantas vezes ouvimos lamentarem-se da lentidão de nossa entrada em acção!

Quantas vezes tem sido notado que, a partir do momento em que os primeiros elementos recebem tiros, um tempo consideravel se escôa antes que os grossos se decidam a agir!

Cavalleiros, depois de termos proclamado nossa mobilidade e a rapidez da nossa intervenção, que são as mais notaveis de nossas características, vamos dar o espectáculo de lentidão e de indecisão?

Talvez não tenhamos reflectido sufficientemente sobre as condições do emprego da nossa arma na guerra moderna.

Estes reflexos jamais os aguçaremos em demasia porque devem ser compellidos a reagir instantaneamente, mas numa reacção justa.

Que nos seja permittido focalisar aqui, de modo rapido, os dois casos bem differentes que deram razão á formula liminar, citada nas primeiras linhas deste estudo. Sem pretender a descoberta de novidade alguma, e sem querer tratar a fundo esta dupla questão, que mereceria longas paginas, esforçar-nos-emos de tirar principios simples e nitidamente precisos, capazes de se apresentarem mechanicamente ao espirito, em reacção immediata aos acontecimentos.

De inicio assentemos o axioma: Todo o tempo perdido, é tempo ganho pelo adversario (particularmente a partir do momento em que se toma o contracto).

Ao contrario, todo o tempo ganho multiplicado as probabilidades de successo.

Consequencia I — Todo chefe de cavallaria que recebe uma missão deve por, immediatamente, em acção todos os meios uteis para ser rapidamente informado, tomar em seguida sua decisão sem vacillar e passar á execução num tempo minimo.

Consequencia II — Toda tropa de cavallaria que se choca com o fogo estende immediatamente seu reconhecimento á direita e á esquerda e logo manobra.

## I — "O Toma lá"

Uma divisão de infantaria, pertencente a um partido branco (Norte) marcha ao encontro do inimigo. Ella está enquadraada.

Na sua frente, opera seu grupo de reconhecimento divisionario (croquis n. 1). Resultado de razões commandadas pela situação geral, nenhum elemento de cavallaria existe na sua frente de marcha.

O eixo geral da divisão, Nordeste-Sudoeste, passa por Bois des Cars-Bernon — cota 376.

As 6 horas e 30 minutos, quando os elementos avançados do grupo de reconhecimento desembocam de Bois des Cars, recebem tiros de armas automaticas partidos da Tuilerie e do cemiterio de Bernon.

O grosso do esquadrão que, alguns minutos mais tarde, desemboca por sua vez de Bois e das cristas visinhas, recebendo um fogo nutrido, vindo dos mesmos pontos, para ao abrigo duma depressão do terreno a 1500 metros de Bernon.

Duas patrulhas são lançadas, uma sobre a orla Nordeste da villa do outro lado do riacho e outra sobre a quinta Bizot. A primeira, ao atravessar o valle, fica exposta a fogos de enfiada partidos do cemiterio; a segunda é vivamente saudada ao passar ao largo da Tuilerie.

O commandante do grupo de reconhecimento tendo a sensação de que deante delle ha uma força muito séria, resolve permanecer parado e esperar a infantaria para quebrar a resistencia.

As 7 h. 45, a infantaria se apresenta deante de Bernon e Tuilerie. Não podendo desembocar, para igualmente, afim de dar á artilharia o tempo de intervir.

Só ás 9 horas, depois de uma tomada de contacto demorada e difficil, é que ella póde afinal abordar a villa e estabelecer-se na orla.

O inimigo, do outro lado, não a esperava e se volatizou completamente.

Ora, ficou em seguida sabido que, na chegada do grupo de reconhecimento divisionario, a Tuilerie e o cemiterio estavam occupados por dois pelotões de cavallaria emquanto que as 8 horas, no momento em que a infantaria se apresentava, o inimigo havia sido reforçado por um



Mas, deve-se saber interpretar estas informações tirando as deducções, **não as prováveis, e sim as lógicas.**

Não as prováveis... As probabilidades devem ser impiedosamente afastadas, porque são quasi sempre frustadas. As consequências lógicas, ao contrario, nunca o são.

Isto leva o chefe a se collocar friamente frente a frente com a sua missão, avaliando os meios, encarando o terreno e escolhendo o processo mais simples, que indubitavelmente será o mais seguro.

### 3º — Acceleração da execução

A lentidão da execução pode provir de causas varias:

E consequências de disposições tomadas anteriormente, o chefe não tem seus meios reunidos;

Seu dispositivo, ou sua collocação não lhe permitem passar rapidamente ao ataque;

Perdem-se tempos preciosos a dar, sobre o terreno, ordens longas e acompanhadas de explicações prolixas;

Etc.

Durante a procura da informação, o grosso da tropa ganhará uma posição de espera, escolhida o mais perto quanto possível do inimigo. Esta posição será inteiramente desenhada e apresentará desembocaduras faceis.

O chefe para elle se transporta, por uma marcha de approximação rapida, cuidadosamente dissimulada, com todos os seus meios na mão. Adopta um dispositivo bem articulado, podendo ser instantaneamente orientado para differentes direcções.

Apenas junto da obra, o chefe colloca sua tropa face a seu novo objectivo, e, esperando as informações, prepara sua entrada em acção.

O estacionamento é rigorosamente coberto e as desembocaduras guardadas.

Deve contar com o factor "surpresa", que dependerá dessa rapidez e da discreção de seus movimentos, e suplantará vantajosamente as disposições sabias e as ordens com muito excesso.

As ordens. — E' admissivel que, de um modo geral, as ordens sejam dadas por escripto até o escalão esquadrão incluso.

Não cremos que esta regra seja praticamente applicavel no terreno, em uma operação rapida de cavallaria.

Neste caso, as ordens são dadas, em principio, verbalmente a todos os interessados, pelo commandante do regimento ou do destacamento. Um official designado tomará nota dellas, para serem depois passadas a limpo e remetidas aos commandantes de grupo de esquadrões e aos capitães, o mais cedo possível, após o inicio da execução.

Não parece logico levar mais adeante, nestas circumstancias, a cascata de documentos escriptos.

Com o fim de augmentar a rapidez da transmissão, desde que se para os commandantes de 1/2 regimento e de esquadrões se transportam immediatamente para junto do coronel; os commandantes de pelotões vêm para a testa do seu esquadrão.

As ordens são simples, sem procurar operações complicadas, orientando bem claramente cada um sobre sua missão e sobre o fim geral a atingir, evitando especificar aos subordinados os detalhes de execução.

Além disto, a manobra, quasi sempre, tenderá a lançar deante do inimigo uma mascara sobre uma frente larga e desferir um golpe violento, rapido e fundo, sobre um ponto desta frente ou numa ala.

Não nos queremos retardar em estudar, em detalhe, a applicação destes principios no caso da acção offensiva que nos referimos acima.

Mencionemos simplesmente que era inutil perder 40 minutos antes da partida, que seria sufficiente ao chefe fazer conduzir, através do campo, o regimento para a região de **Cail** e de se transportar pessoalmente, o mais rapidamente possível, com seus ajudantes e secretario, para junto do commandante do grupo de reconhecimento divisonario.

Far-se-ia, além disto, acompanhar de dois officiaes e alguns cavalleiros, e tendo em vista reconhecimentos complementares que poderia ter necessidade de fazer executar para completar eventualmente suas informações.

As 12h.45 chegaria no terreno, tomaria conhecimento da situação e enviaria um graduado ao encontro dos seus esquadrões para os conduzir sem parada até aos declives **norte da cota 324.**

O regimento estaria no logar do trabalho às 13h.15 (tendo percorrido 10 kilometros).

Emquanto esperava, o chefe tomaria sua decisão, preparando suas ordens, e muito antes das 14 h. a execução estaria em andamento, ligando-se assim, no tempo, á acção pronunciada às 13 horas pelas reservas de infantaria.

Emfim, nunca perderemos de vista que a força principal da cavallaria reside na exploração maxima de suas características:

A rapidez.

A manobra.

O sentimento de oportunidade.

A surpresa.

Accrescentemos, depois de estudarmos friamente a situação, depois de pesarmos todos os dados do problema, que o chefe de cavallaria deve, ainda, saber usar audaciosamente da sorte.

Porque, na guerra, a sorte é uma ardente senhora que se deixa voluntariamente conquistar. Entrega-se apaixonadamente aos homens de envigadura, vontade forte e equilibrio; ella despreza os timidos e os indecisos.

Mas todos os principios que evocamos serão inteiramente vãos se o chefe deixar degenerar, seja na sua tropa, seja na sua propria attitude, a Rapidez em Agitação.

Filha do golpe de vista e do espirito de decisão, a Rapidez não exclue nem o sangue frio nem a reflexão ordenada.

Sangue frio, reflexão, golpe de vista, precisão e ordenação das idéas, educam-se mantêm-se e se aguçam.

A pratica d'uma equitação, ao mesmo tempo fina e vigorosa, é um meio poderoso que nos tão preciosas no momento da acção.



# Lei de promoções

## PARA OFFICIAES DO EXERCITO

Pelo Cel. BERTHOLDO KLINGER

I. — De que se trata? Vae para os seus quarenta annos a antiguidade do decreto (n. 1351, de 7 de fevereiro de 1891) que rege o mechanismo do accesso nos quadros dos officiaes do nosso Exercito.

Bastaria esta simples consideração, a eloquencia concludente desse numero, para convençer da necessidade duma revisão; o paulatino envelhecimento desse dispositivo tem impedido que seus annos impressionem, assim como o habito dos males tanto tempo causados pela sua applicação tem embotado a sensação desse chronico effeito pernicioso.

O problema tem occupado os directores e collaboradores desta revista, desde seus primeiros dias; numerosos são os artigos que a respeito se encontram na sua já volumosa collecção.

Um dia esse incessante martellar logrou que lhe abrissem a porta, a tomar conhecimento do que queria: o governo nomeou uma commissão, sob a presidencia do chefe do E. M. E., para organizar um projecto de nova lei de promoções, e, recebido este, o submetteu ao Congresso; isso foi nos fins do anno de 1920.

Pareceu nesse dia, finalmente, attingida a méta das aspirações. Nove annos, porém, são passados sem resultado. Após os primeiros momentos de expectativa calma, vindo a porta novamente fechada, "A DEFESA NACIONAL", viu-se forçada a bater de novo, sem cessar.

Não lhe dôa o braço!

II. — Antecedentes. Velhas verdades. A primeira oportunidade que A DEFESA NACIONAL teve para debater a questão duma "Nova lei de promoções para o Exercito" está registrada num longo commentario, sob essa epigraphe, no seu n. 11, de agosto de 1914, pag. 342, referente a um projecto de lei apresentado á Camara pelo fallecido deputado pernambucano capitão Augusto do Amaral. Dir-se-iam escriptos agora mesmo os seguintes trechos desse commentario:

Além disto, mais que nunca, para cumprir as nossas differentes missões, apesar do fogo das armas automaticas, cada vez mais numerosas, cada vez mais possantes, apesar da intervenção dos engenhos blindados, teremos de tirar partido com o minimo de esforço, da flexibilidade, da agilidade e da resistencia desse admiravel instrumento que é o cavallo.

Permaneçamos, pois, cavalleiros até o amago de nossa alma.

Mas, imbuamo-nos bem duma verdade que parece, ainda indegesta a muitos cerebros e que, entretanto, não soffre mais contestação: é que o **movimento**, que permanece e permanecerá sempre a essencia da nossa arma, leval-a-á sempre, salvo em casos muitos particulares, a uma acção pelo fogo.

"Ha muito que a nossa lei de promoções requer uma criteriosa revisão, por meio da qual se estreitem mais as malhas ao favoritismo e, para o julgamento dos officiaes candidatos ás promoções de todos os postos, offereça uma base séria, de resultados insophismaveis, que assegure a justiça das promoções, estimule o amor á profissão e a todos deixe tranquilllos quanto ao exito do aulicismo maneiroso e cupido". ... "O projecto é um estímulo aos militares para que se dediquem com mais ardor ao exercicio das suas funcções, ao estudo das coisas da profissão, na certeza de que o seu esforço obscuro e ingente não será perdido; e de que a cultura profissional adquirida, que os torna aptos para o commando da tropa, mas que lhes não dá esse brilho de lantejoulas que os salões requerem, e tão do feitio são para impressionar os nossos homens, será bem aquilatada, e o premio aos incompetentes — mas bem apadrinhados — não lhes humilhará o merito". ... "Mesmo para a promoção por antiguidade, é preciso, em todos os postos, que o official dê provas de se achar em condições de bem desempenhar as funcções do posto que occupa e de ter capacidade para o posto que vae occupar. Nem outra coisa é o que se faz nos paizes de exercitos bem organizados. A simples casualidade de attingir o official o numero *um* da escala não o pôde habilitar no desempenho de funcções mais arduas, se elle não se dedicou a cumprir os seus deveres no posto que occupa e não cuidou cedo de se preparar para o posto immediato". ... "A promoção por antiguidade é para os que cumprem as suas obrigações, des-

Desde a simples patrulha, que quando não pode mais continuar seu reconhecimento a cavallo, apeia e faz progredir seus esclarecedores, sob a protecção do seu F. M., até a divisão que explora a fundo sua capacidade de movimento para cahir, instantaneamente sobre um ponto sensível, com a brutalidade de seus fogos e a violencia de seu ataque a pé, é sempre a mesma inevitavel lei que rege a nossa acção em ultima analyse.

Oh! Si nos fôr dado algum dia partirmos para a luta, o sabre em punho e a espada no flanco, saberemos tirar a revanche da occasião perdida em 1918.

Este será, entretanto, o ultimo acto do drama. Predaremos-o mas preparemos tambem, sobretudo, os primeiros.



empenham a contento as funções do posto e se acham habilitados a desempenhar as funções do posto immediato. A promoção por merecimento é para os que, além disso, se distinguem por um esforço maior e mais efficaz, por qualidades superiores, por uma produção acima de seus deveres, enfim, para os que mostram aptidões acima de seu posto e que convém fazel-os attingir ainda moços os postos mais elevados".

Completa esse estudo uma longa noticia sobre o systema das promoções no exercito argentino. Este ultimo objecto mereceu provecto exame do então coronel Tasso Fragoso, publicado no n. 37 desta revista, outubro de 1916, sob a epigraphe "A nova lei de promoções do exercito argentino".

Começa elle assim:

"Quando se conhece bem a estrutura organica de um exercito, verifica-se, ao mais leve exame, que seu funcionamento não se poderia operar de modo normal se elle não dispuzesse de um quadro de officiaes (generaes, superiores, subalternos e inferiores) capaz, pelas suas qualidades intrinsecas, de assegurar-lhe uma vida continua e livre de graves perturbações. O corpo de officiaes representa o arcabouço da instituição, equivale ao conjunto das paredes mestras de um grande edificio, a que se prendem e deante das quaes se tornam secundarias todas as obras interiores e de caracter complementar".

Do mesmo trabalho trasladamos ainda, por preferencia, os seguintes passos de mais marcada actualidade:

"Compreende-se, pois, ... todo o empenho desenvolvido pelas differentes nações no sentido de disporem sempre de um bom quadro de officiaes para seus respectivos exercitos.

A obtenção desse quadro presuppõe dois problemas:

1º — A criação adequada do official (na escola e no seio da tropa).

2º — A renovação do quadro, isto é, regras criteriosas para a promoção.

Quanto ao preenchimento dos postos vacantes, variam os preceitos e opiniões". ... "Investigando bem o problema, sem pôr nelle o minimo laivo de preocupação interesseira, somos obrigados a confessar que o merecimento deveria ser o factor exclusivo de acesso, quer dizer não se deveria ascender nenhum individuo incapaz para o novo posto e dever-se-ia eliminar, *desapiedadamente*, todos quantos não mais fossem uteis á instituição". ... "Um primeiro passo para a solução das difficuldades inherentes á questão é a formulação de regras precisas para o ac-

cesso; cumpre definir bem o merecimento, prescrever tempo minimo de serviço no seio da tropa, e ordenar que todos os superiores apreciem por escripto as qualidades do official. Ninguém pôde conhecer melhor o valor de um subordinado do que o chefe sob cujas ordens immediatas elle serve. Os outros superiores hierarchicos poderão conhecê-lo indirectamente, ou por contactos directos accidentaes, mas o que o tem sob suas ordens todos os dias está mais apto que qualquer outro para saber qual o modo por que elle se desobriga de seus deveres". ... "Entre nós existe a promoção por merecimento, mas definido de modo tão vago que é difficil negal-o ao candidato menos favorecido".

Seis mezes depois do mencionado commentario sobre o projecto Augusto do Amaral, a redacção da A DEFESA NACIONAL retomou o assumpto mais solennemente, fazendo delle objecto de seu editorial do n. 17, fevereiro de 1915. Ainda não seccou a tinta com que foram escriptos os seguintes topicos desse "Editorial":

"A revisão da lei de promoções é hoje uma idéa vencedora no seio do Exercito, e precisa ser objectivada em facto.

Ella synthetiza as aspirações legittimas dos que desejam ver um regimen de justiça substituir o arbitrio pessoal e o favoritismo, que maculam hoje as promoções por merecimento, confundindo nas mesmas suspeitas officiaes dignos e cheios de serviços com simples *afilhados*". ... "O Sr. Ministro da Guerra, na sua proclamação de 1º de janeiro, lançou um appello vehemente e sincero aos officiaes do Exercito para que se dediquem á actividade puramente militar e não malbaratem dispersivamente os seus esforços em coisas alheias á profissão". ... "Não se pôde esperar que os officiaes consagrem as suas energias ao estudo da profissão, entregando-se com dedicação e prazer aos seus arduos deveres na tropa, se elles não souberem que seu trabalho não é desdenhado por seus superiores, seus serviços não são desmerecidos pelos que promovem os accessos por merecimento, e que seu merito não é humilhado com a promoção de *protegidos* sem valor de especie alguma.

Seria desconhecer a natureza humana e a acção dissolvente que a *injustiça* e o *favoritismo* exercem sobre os que se vêem lesados ostensivamente em seus direitos, querer que os officiaes se lancem com ardor ao cumprimento de seus deveres, sabendo de antemão que não é este o meio mais seguro de subir na hierarchia".

O leitor desejoso de conhecer ou de rememorar as outras principais contribuições para so-



lução do problema em fóco archivadas nas paginas desta revista encontrará os seguintes trabalhos na collecção da mesma:

"O problema da promoção", considerações geraes e base duma lei, por R. VILLA-NOVA MACHADO, n. 48, setembro de 1917, pag. 418;

"Projecto de lei de quadros e promoções", resumo e complemento de trabalhos de diversos autores publicados nesta revista; pelo cap. KLINGER e o 1º ten. LEITÃO DE CARVALHO, n. 62, novembro de 1918, pag. 58;

"Projecto de uma lei de quadros, promoções, reformas e demissões do exercito activo", pelo 1º ten. DALTRO Fº, n. 67, abril de 1919, pag. 235;

"Lei de promoções para officiaes do Exército", projecto apresentado pela commissão presidida pelo chefe do E. M. E., n. 89, novembro de 1920, pag. 155; no mesmo n., á pagina 170, está o relatorio com que essa commissão apresentou o projecto; e no "Editorial" do numero immediato a redacção da revista fixou uma sua apreciação doutrinaria sobre o projecto, na qual se singulariza o verdadeiro conceito sobre "Como devem ser encarados os cursos de revisão e de aperfeiçoamento, sob o ponto de vista de sua utilidade pessoal e directa para os officiaes, geral e mediata, consequente, para o Exército".

III. — Uma solução. Desejoso de offerecer, mais uma vez, uma contribuição para soluçionamento desse problema, tomei por ponto de partida o referido projecto official, publicado no n. 89 desta revista. A procedencia ou autoria desse trabalho justifica sobejamente o criterio que assim adoptei.

Onde foi possível copieei esse projecto, ao pé da letra.

Além de alterações de monor pórté, suggiro no meu projecto algumas de vulto mais evidente, que, como aquellas, a meu ver se justificam *per se* e que visam:

a) Estabelecer para o 1º posto e para o 2º, além dum razoavel intersticio minimo, como é usual, tambem um intersticio maximo, o qual attingido dê logar ao accesso, independente de vaga, desde que o official preencha os demais requisitos. Igual garantia estendo ao posto de capitão, porém sómente quando este possua o curso de estado maior e haja demonstrado aptidão no respectivo serviço.

b) Assegurar uma renovação razoavel nos mais altos postos (coroneis e generaes) — com implicita repercussão nos outros — por meio de limites maximos de tempo de serviço nos mesmos, independente da idade.

c) Estabelecer até certo gráo uma equiparação de carreira nas differentes armas. O mal que existe dá o caracter de loteria á escolha de arma pelo cadete; em todo caso em geral falseia a livre escolha. Pareceu-me consultar sufficientemente ás justas aspirações o assegurar essa equiparação até o posto de major inclusive.

d) Corrigir a iniquidade que tem feito do Exército o paraíso das classes annexas. Em principio, os officiaes não combatentes não devem fazer carreira mais rapida que os combatentes.

e) Fornecer á commissão de promoções elementos de julgamento dos capitães e officiaes superiores, por meio do conceito de seus chefes immediatos; e corrigir o iniquo predominio do RIO DE JANEIRO na composição e nas decisões da commissão de promoções, assegurando igual representação á "provincia".

#### IV. — PROJECTO DE LEI DE PROMOÇÕES

(*Substitue o decreto n. 1351, de 7 de fevereiro de 1891*)

##### CAPITULO I

##### DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 1º — O accesso aos postos de officiaes dos differentes quadros (armas e serviços) do Exército será gradual e successivo, desde 2º tenente até marechal.

§ 1º — Os postos de officiaes são, em ordem ascendente: 2º tenente, 1º tenente, capitão, major, tenente-coronel, coronel, general de brigada, general de divisão, marechal; restrictos, porém, em cada quadro aos que a lei respectivamente fixar.

§ 2º — Em tempo de paz não haverá promoção ao posto de marechal.

Art. 2º — A promoção ao primeiro posto obedecerá á ordem de classificação intellectual, obtida pelos candidatos nos cursos escolares para este fim mantidos pelo Ministerio da Guerra, ou, na falta destes, em concursos regulados para o recrutamento de officiaes.

Art. 3º — A promoção ao primeiro posto de official nos quadros das armas (infantaria, cavallaria, artilharia, engenharia, aviação) exige os seguintes requisitos:

a) curso da arma;

b) seis mezes de serviço num corpo da mesma, após a terminação do curso;

c) irreprehensivel conducta e vocação profissional, reconhecidos em julgamento por, pelo menos, dois terços dos officiaes do corpo.

§ 1º — A promoção ao primeiro posto de official intendente exige os mesmos requisitos estabelecidos no art. precedente.

§ 2º — A promoção ao primeiro posto de official de saude (medico, pharmaceutico, veterinario) exige os seguintes requisitos:

a) ser o candidato reservista de 1ª ou 2ª categoria;

b) habilitar-se em concurso, pela fórmula regulada, ou ter o curso de escola especialmente mantida para seu recrutamento.

Art. 4º — O julgamento de que trata a alinea c do art. 3º será feito em sessão secreta de todos os officiaes combatentes presentes no corpo, da qual se lavrará uma acta, que será remetida á commissão de promoções e cujo resultado será, se necessario, communicado telegraphicamente ao presidente da mesma, afim de evitar qualquer retardamento. O numero de officiaes julgadores não pôde ser inferior a quatro, o que o governo levará em conta para a distribuição dos aspirantes pelos corpos.

§ unico — Caso seja desfavoravel o julgamento de que trata o § precedente, servirá elle



de base á nomeação de um Conselho de Justificação, salvo se o aspirante a official preferir sua baixa, a qual lhe será immediatamente concedida pelo commandante do corpo, mediante requerimento ao Ministro da Guerra. Tal Conselho observará o que a respeito dessa especie estabelece oCodigo de Justiça Militar.

Art. 5º — As promoções obedecerão aos seguintes principios:

- a) antiguidade;
- b) merecimento;
- c) bravura.

§ unico — As promoções nos differentes postos serão feitas:

- a) De 2º ten. a 1º ten. e deste posto ao de capitão — por antiguidade;
- b) De capitão a major —  $\frac{1}{2}$  das vagas por antiguidade e  $\frac{2}{3}$  por merecimento;
- c) De major a ten. cel. e deste posto ao de coronel —  $\frac{1}{2}$  das vagas por antiguidade e metade por merecimento;

d) De coronel a general de brigada, deste posto ao de general de divisão e deste ao de marechal — escolha do Presidente da Republica, unicamente por merecimento.

Art. 6º — Em tempo de paz serão observados os seguintes interstícios de posto, sem prejuizo dos demais requisitos:

a) Nenhum 2º ten. será promovido a 1º ten. antes de dois annos de posto, em serviço no corpo. (Para o serviço de saude este intersticio será de seis mezes).

A) Com cinco annos de posto o 2º ten. será promovido a 1º ten., independente de vaga.

b) Nenhum 1º ten. será promovido a cap. antes de ter cinco annos de official, sendo tres no corpo.

B) Com doze annos de official o 1º ten. será promovido a cap., independente de vaga.

c) Nenhum cap. será promovido a major antes de dois annos de posto e dois annos de proveitoso commando de sub-unidade (no posto ou como 1º ten., não computados os periodos inferiores a tres mezes consecutivos).

C) Com vinte annos de official o cap. habilitado com o curso de estado-maior e havendo demonstrado aptidão para este serviço, será promovido a major, independente de vaga.

d) Nenhum major será promovido a ten. cel. e nenhum ten. cel. a coronel antes de dois annos de posto, sendo que para o de coronel se exigirá ainda pelo menos dois annos de funcção de official superior no corpo.

e) Nenhum coronel combatente será promovido a general de brigada sem ter pelo menos tres annos de serviço em corpo como official superior, sendo dois pelo menos de commando.

f) Nenhum general de brigada será promovido a general de divisão antes de quatro annos de posto.

g) Para a promoção a marechal não é necessario intersticio.

§ 1º — Em tempo de guerra poderá o governo reduzir os interstícios, como medida geral ou excepcional, em qualquer caso justificando seu acto.

§ 2º — As promoções realizadas independente de vaga, por effeito do que o presente art. estabelece, deverão absorver as vagas subsequentes, desde que não occorra incompatibilidade com outro dispositivo desta lei. Caso essa absorpção não se consumma dentro de dois annos, o governo a determinará mediante o necessario numero de eliminações dos officiaes de maior tempo de officialato, repartido o numero igualmente entre os postos superiores áquelle em que subsista o excesso.

Art. 7º — Como meio subsidiario para normalidade na renovação dos quadros estabelece-se o seguinte:

a) O numero de generaes de brigada procedentes das armas de infantaria, cavallaria, artilharia e engenharia deve ser approximadamente proporcional ao total dos officiaes dos seis postos precedentes existentes no quadro de cada uma dellas. (1)

b) Para os generaes de divisão o governo fará a escolha sem cogitar da proporção entre as armas de procedencia, porém cada vez que chegar a doze o numero de promoções de generaes de divisão proceder-se-á a uma verificação sobre a proporção das procedencias; caso não esteja observada a mesma proporção indicada na letra a, ella será então restabelecida dentro de dois annos e se ainda assim, pelas vagas normaes, isso não fôr conseguido terá logar a eliminação do necessario numero de generaes de brigada e de divisão, em partes iguaes, nas armas desfavorecidas, escolhidos dentre os de maior tempo de officialato.

c) Passarão para a reserva, mesmo que não tenham attingido o limite de idade para o serviço activo:

— o general de divisão que completar dez annos de posto ou quinze de general;

— o general de brigada que completar dez annos nesse posto;

— o coronel que completar doze annos de serviço neste posto e no de tenente coronel, sommados.

§ unico — O coronel que em vista da disposição supra tenha que passar para a reserva será nesse mesmo acto promovido a general se preencher as demais condições desta lei e achar-se pelo menos a seis mezes em satisfatorio exercicio de funcção de general.

Art. 8º — Ainda como meio subsidiario para compensar em parte grandes disparidades de carreira entre os differentes quadros combatentes e entre estes e os dos serviços estabelece-se o seguinte:

a) Até ao posto de major inclusive, quando numa arma ou num serviço a maioria duma turma de officiaes da mesma data de primeiro posto attingir a posto mais alto, serão promo-

(1) Pela organização vigente os respectivos effectivos são de 1547, 625, 1183, 283; são pois 24 gen. bda. para 150 desses outros postos; devem ser pois, por arma: 10 (da infantaria), 4 (da C.), 3 (da A.) e 2 (da E.) As procedencias dos actuaes gen. bda. assim estão distribuidas: 11, 2, 8 e 3; como se vê, casualmente a diferença não é grande, pois apenas a cavallaria está prejudicada em dois, que procederam respectivamente da infantaria e da engenharia.



vidos a esse mesmo posto os officiaes que ainda não o tenham attingido sendo, entretanto, da mesma referida turma e possuindo os mesmos cursos que aquelles (ou outros mais) com as mesmas notas (ou melhores). Considerar-se-á attingida a maioria logo que comece a ser promovida a segunda metade da turma na arma favorecida. No posto de major só se contam para essa determinação os mais antigos de primeiro posto.

b) Nos quadros dos serviços (não combatentes) o official não terá acesso enquanto não começarem a tel-o, ao mesmo posto, os combatentes da mesma antiguidade de officialato.

Art. 9º — Em tempo de paz as datas de promoções serão as seguintes:

a) para general — qualquer data;

b) para official superior — 21 de abril, 25 de agosto e 25 de dezembro;

c) para capitães e tenentes — 24 de fevereiro, 21 de abril, 24 de junho, 25 de agosto, 12 de outubro e 25 de dezembro.

§ 1º — Mesmo que haja impedimento para observancia dessas datas, as promoções correspondentes serão designadas e contadas por ellas.

§ 2º — Não passará para a reserva por limite de idade o official que o atinja num intervalo dessas datas, desde que nessa occasião haja vaga e elle possua os requisitos para promoção por antiguidade; poderá igualmente ser promovido por merecimento se estiver devidamente qualificado.

§ 3º — O official que, com direito á promoção, houver fallecido antes da realização desta será, não obstante, elevado ao posto superior, para que seus herdeiros recebam as vantagens correspondentes.

§ 4º — A promoção ao primeiro posto será averbada como do dia em que se completarem os seis mezes de que trata a aliena b do art. 3º.

Art. 10º — Não havendo officiaes em numero sufficiente com os requisitos de promoção para as vagas de um posto, ficarão abertas as que se não possam por isso preencher, mas terão logar as promoções que deveriam decorrer para os postos inferiores, como se não occorresse tal deficiencia.

## CAPITULO II

### PROMOÇÃO POR ANTIGUIDADE

Art. 11º — A antiguidade é um titulo á promoção e não direito irrecusavel ao acesso.

§ 1º — Para que o official possa ser promovido por antiguidade é necessario que no posto em que se encontra:

a) Não tenha nota que desabone sua conducta civil e militar;

b) Tenha capacidade para exercicio do novo posto;

c) Tenha o intersticio e o tempo de serviço do corpo que a presente lei estabelece.

§ 2º — A exigencia do serviço de corpo será dispensada:

a) Ao official que exercer mandato popular;

b) Ao official dos quadros technicos;

c) Ao official dos quadros de saude e de intendencia dos postos para os quaes não haja funcções em corpo.

Art. 12º — O official que não satisfizer a condição da alinea a do § 1º do art. precedente será transferido para a reserva ao cabo de trinta dias após a sua preterição, caso não requeira nesse prazo um Conselho de Justificação. Será igualmente transferido se o resultado do Conselho lhe fôr desfavoravel. Regula-se esse Conselho pelo C. J. M.

§ unico — O official que ao attingir a antiguidade para a promoção não satisfizer os requisitos b e c do mesmo art. será promovido logo que o satisfaça e retomará o logar que lhe competiria se não tivesse sido preterido.

Art. 13º — A antiguidade para promoção é contada pelo tempo de effectivo serviço no exercito.

§ 1º — Não se descontam da antiguidade os seguintes tempos:

a) O do official em gozo de licença para tratamento ou restabelecimento de ferimentos recebidos em combate ou desastre occorrido em acto de serviço;

b) O do official em gozo de licença ou férias na fórma das leis especiaes que assim o estabeleçam;

c) O tempo de exercicio de mandato popular;

d) O tempo de commissão de immediata confiança do Presidente da Republica;

e) O tempo de cumprimento de sentença, desde que o official alcance final absolvição.

§ 2º — No caso de deserção, elementar do crime ou constitutiva, o official desconta o tempo de ausencia ainda que venha a ser absolvido, salvo se a ausencia tiver occorrido por extraviu ou aprisionamento.

§ 3º — A simples pronuncia do official em nada affecta os seus direitos de promoção.

Art. 14º — Para as promoções por motivo de intersticio maximo de posto, conforme estabelece a presente lei, procede-se como se se tratasse de promoções por antiguidade.

## CAPITULO III

### PROMOÇÃO POR MERECIMENTO

Art. 15º — Constitue merecimento para a promoção possuir o candidato em grão notavel, além dos requisitos para promoção por antiguidade: Subordinação e disciplina; valor; intelligencia e illustração comprovada; zelo e assiduidade no serviço; bons serviços prestados na paz e na guerra.

§ 1º — Estes titulos de promoção devem ser computados não pela simples menção dos respectivos vocabulos, mas pelos esclarecimentos correlatos justificativos da expressão numerica em que se traduzem.

§ 2º — O julgamento em cada um desses titulos de merecimento se traduz, afinal, num numero inteiro, de zero a dez.

§ 3º — E' excluido da promoção por merecimento o official que obtiver em qualquer desses titulos média inferior a cinco e média geral inferior a seis.

Art. 16º — Para julgamento do official sob esses titulos observar-se-á o seguinte:



a) A *subordinação e disciplina* dependerão não só das alterações favoráveis ou desfavoráveis, mas da natureza, origem e frequência delas.

b) O *valor* será considerado não por actos isolados de bravura ou simples exemplos dados, porém como resultante de uma acção militar útil em que o official tenha sabido transmittir á tropa que commandava o sentimento 'do dever imposto pela situação.

c) A *intelligencia* será computada pelos actos de serviço, especialmente de iniciativa, profissionalmente uteis.

d) A *illustração comprovada* será como tal considerada para os officiaes que tiverem os cursos respectivos, especialmente para os que tiverem o curso de estado maior, e também para os que tenham publicado trabalhos officialmente reconhecidos uteis para o Exercito, reconhecimento este que deve ser declarado pelo E. M. E.

e) O *zelo* será revelado pela dedicação, espirito e empenho com que o official se tenha havido nos diferentes serviços prestados.

f) A *assiduidade* será medida directamente pelo tempo que o official consagrou á sua função militar, isto é, pelo tempo de serviço na forma que a presente lei estabelece para a contagem da antiguidade.

g) Os *bons serviços* prestados na paz e na guerra serão encarados sob o aspecto do numero de incumbencias e acções importantes em que se tenha envolvido o official, com revelação do pleno conhecimento dos seus deveres militares.

Art. 17° — Para as promoções de coroneis a generaes e para as de generaes proceder-se-á como se se tratasse de promoções por merecimento, attendidas as respectivas disposições especiaes da presente lei.

#### CAPITULO IV

### PROMOÇÃO POR BRAVURA

Art. 18° — A bravura constitue motivo para a promoção quando manifestada em acto ou actos de coragem e audacia uteis ás operações militares, quer em relação aos seus effeitos immediatos, quer em relação ao exemplo dado á tropa.

§ 1° — A bravura assim caracterizada poderá determinar promoção, mesmo que da acção resulte a morte do bravo.

§ 2° — No caso de guerra externa a promoção por bravura só poderá ser feita pelo commando em chefe das forças em operações; no caso de luta interna só pelo Presidente da Republica, mediante informações do mesmo commando. Em qualquer dos dois casos a promoção por bravura não é obrigatoria, só as autoridades referidas podem completar o julgamento da acção determinante e conveniencia de tal medida. De qualquer modo a promoção por bravura só será cabivel enquanto durar a campanha, com a restricção do que estabelece o § 3 e o art. 19 e seu §.

§ 3° — A promoção por bravura só poderá ser applicada quando o official preencher os requisitos *a* e *b* do § 1° do art. 11°.

Art. 19° — Nenhuma praça de pret poderá ser promovida a 2° tenente por acto ou actos de bravura senão depois de habilitada com o curso da arma. A bravura praticada pela praça de

pret á qual se reconheça tal titulo para aspirar ao officialato terá como consequencia sua matricula na Escola Militar, afim de tirar o curso, na forma do respectivo regulamento; tal praça terá os vencimentos de sargento-ajudante, mesmo como alumno. Terminado o curso, terá logar a promoção a 2° tenente, contando antiguidade da data da bravura.

§ unico — Caso a praça não possa ser matriculada na Escola Militar em vista de exigencias regulamentares essenciaes, ou caso não consiga tirar o curso, será promovida a 2° tenente para a reserva, com todos os vencimentos deste posto.

#### CAPITULO V

### PREPARAÇÃO DAS PROMOÇÕES

Art. 20° — Para apurar os requisitos de acesso dos officiaes pelo principio de merecimento (capitães, maiores e tenentes coroneis) e, sob esse ponto de vista, proceder á sua classificação relativa limitada, haverá commissões especiaes, denominadas "de qualificação" (C. Q.); para proceder á mesma qualificação geral por arma ou serviço e assim organizar o respectivo "quadro de acesso" haverá uma commissão superior especial, denominada "de promoções" (C. P.).

§ unico — A' C. P. compete, outrossim, organizar as *propostas de promoção por antiguidade* e a *lista dos coroneis aptos para o generalato*.

Art. 21° — Haverá commissões de qualificação em cada Região Militar, bem como na Circumscripção Militar e no Districto de Artilharia de Costa, em cada Directoria de Serviço (Engenharia, Material Bellico, Intendencia, Saude), no Departamento do Pessoal da Guerra e no E. M. E.

§ 1° — Em cada um destes escalões as C. Q. se distinguirão:

a) por arma e quadro de serviço (S. S., S. I.);

b) por postos, sendo em cada uma das categorias discriminadas na alinea *a* uma C. Q. para os capitães e outra para os maj. e ten. cel.

§ 2° — As C. Q. dos capitães tem por presidente um ten. cel. ou cel. da arma ou serviço, nomeado pelo chefe do escalão (Região, &) e a dos maj. e ten. cel. é presidida pelo proprio chefe do escalão.

§ 3° — Completam as C. Q. de cap dois officiaes superiores, também da arma ou serviço, nomeados pelo chefe do escalão, sob proposta do presidente; as C. Q. de maj. e ten. cel. são completadas por dois coroneis nomeados pelo chefe do escalão.

§ 4° — A nomeação dessas C. Q. deve ter logar a tempo de se reunirem na primeira semana de junho, no local de serviço do respectivo presidente ou, se o chefe do escalão julgar mais conveniente, na sede desta chefia (Q. G. da Região, &).

§ 5° — O trabalho das commissões de qualificação deve terminar até o ultimo dia util de junho e ser remettido com o resultado e o material que lhe serviu de base ao commando da Região, o qual como o seu parecer o expede dentro de duas semanas á C. P.



Art. 22º — A qualificação a que procede preparatorias, a que devem comparecer pelo menos cinco membros. O objecto dessas sessões preparatorias é confrontar, ajustar e rever as qualificações parciais e, em conclusão, organizar o "projecto do quadro de accesso". Este não comprehende os que não obtiverem a nota necessaria (art. 15 § 3º) e é publicado no Boletim do Exercito, numero especial, reservado, na primeira quinzena de agosto.

§ unico — A qualificação a proceder pelas Directorias, D. G., e E. M. E. abrange sómente os officiaes que não se achem em serviço nas Regiões, ou na Circ. Mil. ou no D. A. C. e especialmente a C. Q. do D. G. compete a classificação de todos aquelles officiaes que se não achem em nenhum dos outros escalões.

Art. 23º — A qualificação dos officiaes tem logar á vista dos seguintes elementos:

- a) fé de officio;
- b) folha de informações officiaes;
- c) folha de informações particulares;
- d) folha de conceito individual dos membros da comissão de qualificação.

§ 1º — A fé de officio do official é organizada no corpo, repartição &, encerrada no fim de abril e logo remetida ao commando da Região, &, a qual faz a entrega á C. Q. interessada. Desempenhada a sua função ahi, a fé de officio segue para o D. G., para ser ahi controlada, eventualmente corrigida e completada; feito isso é submettida á C. P., que terminados os seus trabalhos a restitue ao D. G., que por sua vez, a envia ao corpo ou repartição onde estiver o official, afim de, convenientemente posta em dia, servir na nova qualificação.

§ 2º — A folha de informações officiaes é organizada annualmente, no começo do mez de maio, no corpo ou repartição, &, a começar pelo chefe immediato do official. E' logo remetida ao commando da Região, & o qual a encaminha á C. Q. O commando do corpo, & dá conhecimento da respectiva folha a cada official.

§ 3º — A folha de informações particulares é um elemento eventual fornecido pelo proprio official e encaminhada pelos mesmos tramites da folha de informações officiaes, quando estas não lhe satisficam por qualquer motivo.

§ 4º — A folha de conceito individual dos membros da comissão de qualificação, não obstante a sua denominação, póde ser collectiva quando dois ou mais membros formem o mesmo conceito. Ella exprime o julgamento feito pelo signatario, sobre cada um dos tres outros elementos de cada official; quando houver divergencia sobre b e c isso devera ser succintamente justificado.

Art. 24º — A C. P. é presidida pelo chefe do E. M. E., com voto, e comprehende todos os cmt. de Regiões, o do D. A. C. e o da Circ. Mil. Além destes figuram nella para qualificação final dos officiaes do respectivo quadro os Directores da Saude, da Intendencia e da Aviação.

§ 1º — A requerimento de qualquer dos membros da C. P. e approvação pela maioria poderá ser chamado para prestar esclarecimentos qualquer general que seja ou tenha sido chefe do official em causa.

§ 2º — O chefe do D. C. é o secretario geral da C. P. e para cada uma das armas e serviços serve de sub-secretario o chefe da respectiva divisão do D. G.

Art. 25º — Na segunda quinzena de julho o presidente da C. P., de posse de todas as qualificações regionaes, &, reúne a C. P., em sessões

preparatorias, a que devem comparecer pelo menos cinco membros. O objecto dessas sessões preparatorias é confrontar, ajustar e rever as qualificações parciais e, em conclusão, organizar o "projecto do quadro de accesso". Este não comprehende os que não obtiverem a nota necessaria (art. 15 § 3º) e é publicado no Boletim do Exercito, numero especial, reservado, na primeira quinzena de agosto.

§ 1º — Publicado o projecto podem os interessados remetter á C. P. as ponderações ou informações que lhes pareçam cabiveis. Serão recebidas até o ultimo dia util da primeira quinzena de Setembro.

§ 2º — No mez de outubro a C. P., completa, faz o trabalho final de qualificação e remette ao Ministro o resultante "quadro de accesso". Este será tambem publicado no Boletim do Exercito, numero especial reservado, contendo a justificação succinta das alterações introduzidas no "projecto".

Na mesma occasião, terminada a organização dos quadros de accesso, será organizada a lista dos coroneis aptos para o generalato, segundo o mesmo processo da qualificação dos capitães, majores e ten. cel. O quadro de accesso e a lista vigorarão por um anno, a contar da promoção de 25 de dezembro inclusive.

Art. 26º — Para as propostas de promoção por antiguidade a C. P. póde funcionar com tres membros apenas e se reunirá sempre que fôr necessario.

§ 1º — Recebida pela C. P. a notificação das vagas a preencher por antiguidade, ella se reúne dentro de quatro dias uteis e em sessões pelo menos duas por semana procede ao necessario estudo para apresentar a proposta ao Ministro.

§ 2º — Para esse trabalho a C. P. utilizará as relações de alterações trimestraes dos officiaes, Afim de que ellas preencham esse fim, dispensando documento especial, fica estabelecido que, como fecho das mesmas, os chefes se pronunciam sobre os requisitos b e c do § 1º do art. 11º.

Art. 27º — Para que os elementos de que trata o art. 23º se traduzam na qualificação do official, não só para cada um delles como tambem para os diversos requisitos de que cada um é a synthese, o respectivo julgamento é feito separadamente e em grãos. A qualificação final resulta da média arithmetica dos grãos dos elementos, assim como o grão de cada um destes é obtido pela média arithmetica dos grãos attribuidos a cada um dos requisitos componentes.

§ 1º — Os julgamentos em todas as instancias são expressos em numero inteiro, mas na determinação das médias não se desprezam as fracções, excepto no trabalho final da C. P.: esta simplifica as médias finais fraccionarias desprezando os centesimos, com erro para mais ou para menos inferior a meio decimo.

§ 2º — Do que dispõe o § precedente resulta que no quadro de accesso os officiaes constituirão grupos sob o mesmo grão, inteiro ou em decimos: os de cada grupo são considerados de merecimento equivalente e na relação respectiva o criterio da successão será o da antiguidade de officialato.



§ 3º — Para as promoções por merecimento não haverá propostas parcelladas da C. P.: o quadro de acesso é a sua proposta unica para todo o anno. O Governo, respeitando a exigencia do intersticio minimo, fará as promoções na ordem do quadro de acesso, com a livre escolha dentro do grupo cujo gráo esteja na vez.

Art. 28º — Os grãos para os diversos elementos são dados nas seguintes instancias:

a) Para a fé de officio — em primeiro logar pela C. Q., em segundo (só para os cap.) pelo cmt. da Região, & e em ultimo pela C. P.  
b) Para a folha de informações officiaes — em primeiro logar pelo chefe immediato que originariamente a organiza, e successivamente por todos os demais chefes, pela C. Q. e pela C. P.

c) Para folha de informações particulares procede-se como estabelece a letra precedente e para as folhas de conceito individual das commissões só intervêm os membros destas.

§ 1º — Todo chefe exercerá com o maximo criterio essa grave função de julgar das qualidades e serviços dos officiaes e deixará de fazel-o quando não tiver base sufficiente, declarando-o então na folha.

§ 2º — As folhas de informações officiaes começam a ser organizadas desde a data da promoção a capitão e proseguem até o posto de coronel inclusive. Em cada qualificação serão confrontadas as folhas de informações dos tres ultimos annos.

Art. 29º — Para a lista de coroneis das armas aptos para o generalato só são considerados aquellos que tenham o curso de estado-maior.

## CAPITULO VI REGIMENTOS INTERNOS E MODELOS

Art. 30º — O chefe do E. M. E. fará organizar os regimentos internos e modelos, bem como as respectivas instrucções complementares, necessarios para applicação da presente lei; a saber:

- a) Regimento interno da C. P.;
- b) Id. id. das C. Q.;
- c) Revisão das disposições sobre participação de alterações trimestraes dos officiaes, seu aproveitamento para registro na fé de officio e utilização pela C. P.;
- d) Modelo de folha de informações officiaes annuaes e instrucções para sua escripturação e emprego; indicações sobre as folhas de informações particulares;
- e) Modelo de folha de conceito individual a emittir pelos membros das C. Q. e da C. P.;
- f) Modelo de actas de sessão das C. Q. e da C. P.;
- g) Modelo de quadro de acesso, de projecto do mesmo (art. 25º) e de qualificação regional. &;
- h) Modelo de lista de coroneis aptos para o generalato;
- i) Modelo de proposta de promoção por antiguidade.

§ 1º — O chefe do E. M. E. para este serviço nomeará uma ou mais commissões, com a composição a seu criterio, porém presididas por membros da C. P.

§ 2º — Organizados esses diversos trabalhos parciaes, o presidente da C. P. os submeterá á approvação da C. P. e em seguida a do Ministro o qual, dada a sua approvação, ordenará as publicações correspondentes pelo Boletim do Exercito.

§ 3º — O Presidente da C. P. apresentará annualmente ao Ministro proposta das alterações que a experiencia aconselhar para os diversos modelos, regimentos e instrucções.

## DISPOSIÇÕES TRANSITORIAS

Art. 31º — Approvada esta lei fica ipso facto nomeada a C. P. e o seu presidente convocará para uma reunião os seus membros presentes no RIO DE JANEIRO, bem como os da commissão de promoções que estiver nomeada na vigencia do regimen então extincto. Nessa reunião o presidente declarará encerrados os trabalhos da extincta C. P. e em vigencia a nova. Dessa reunião será lavrada uma acta em duplicata: uma das vias para o archivo de cada uma das C. P.

§ 1º — Realizado isso, fica reunida acto continuo a nova C. P. e o presidente distribue trabalhos na fórmula do art. 30º.

§ 2º — Ainda nessa mesma sessão é formulada uma proposta a fazer ao Ministro sobre os prazos para inicio de applicação da nova lei.

Art. 32º — A exigencia do tempo de serviço no corpo determinada na alinea c do § 1º do art. 11º só entrará em vigor um anno após a publicação da presente lei.

§ 1º — A mesma exigencia será dispensada aos officiaes de serviços technicos emquanto não existirem os respectivos quadros especiaes, desde que dentro do prazo de seis mezes a contar da publicação desta lei ou da data de sua nomeação (para os que de futuro e até a dita criação o forem) requeiram serviço de tropa e o Ministro mande que aguardem oportunidade.

Art. 33º — A disposição da alinea C do art. 6º e o § unico do art. 7º applicam-se aos officiaes que como capitães ou como coroneis, respectivamente, hajam sido reformados preenchendo os requisitos de que essas disposições tratam.

Art. 34º — As disposições do art. 8º não se applicam: a da alinea a — com relação aos officiaes de aviação que já eram officiaes combatentes ao ingressarem nesse quadro; o da alinea b — aos officiaes dos quadros de intendencia que ahí ingressaram procedentes dos quadros de combatentes.

Art. 35º — A disposição da alinea A do art. 6º applica-se aos segundos tenentes em commissão habilitados ou que venham a se habilitar com um dos cursos normaes das escolas do Exercito, contando-se-lhes o officialato da data da commissão.

§ unico — O Governo acelerará a matricula dos segundos tenentes em commissão de modo que até o anno de 1932 todos tenham tido occasião de ingressar numa das referidas escolas. No mesmo prazo facilitará a readmissão, mediante prestação do necessario exame, daquelles que hajam sido desligados por doença ou insuccesso no estudo.

Rio de Janeiro, Janeiro de 1930.



# Os empregados e o serviço de pequena duração

Todos nós estamos cansados de lêr que as recentes remodelações dos Exercitos europeus e em particular dos Francez e Italiano, tiveram como principio capital:

a) aproveitar todo o tempo de passagem dos homens pela fileira na sua preparação para a guerra;

b) fazer com que participem desta preparação, todos os incluídos para o serviço militar.

A solução adoptada foi, como se sabe, a de substituir as praças nos serviços sedentarios e que não exigem habilitação profissional-técnica, por empregados civis. No Exercito Francez acha-se consignado o numero de 15.000 civis para tal fim e as autoridades militares ainda reclamam a elevação desse numero para que possa realizar completamente o objectivo collimado pela providencia adoptada.

Desse modo todos os homens que, de accordo com os effectivos orçamentarios são incluídos no Exercito, reverterem no fim do tempo de serviço ao meio civil como verdadeiros reservistas e a instrução das unidades não é prejudicada pelo afastamento permanente da maior parte de seus homens.

Entre nós essa questão dos empregados tem o caracter dos problemas insolúveis. Embora os regulamentos taticos e que regulam a instrução da tropa e dos quadros insistam em taxativas recommendações sobre o não afastamentos dos homens da instrução; embora todos saibam a preparação para a guerra seja a nossa principal razão de existencia, a bocca torta se mantem, talvez, devido ao prolongado uso do cachimbo. O numero de empregados longe de diminuir, cresce de dia para dia e os corpos, cujos effectivos minguados já impossibilitam uma instrução efficiente, vêm-se desfalcados da mór parte dos homens dos contingentes incorporados.

Ninguém tem a coragem de prejudicar um serviço de guarda, de ordenança, de justiça, de fachina etc., mas a instrução... essa fica para outro dia.

No final, dos 40.000 homens que parcimoniosamente nos dá o orçamento, grande é a parcella dos "parasitas", isto é, dos que não attingem o principal objectivo de seu ingresso nas fileiras.

E o mal não fica ahi. Dos 40 mil homens que nos são dados pelo Congresso é preciso abater perto de 5 mil em alumnos das escolas, em graduados empregados, instructores de tiro etc.

Epoca houve em que parecia ter-se encontrado o caminho da solução. Foi quando se introduziram nos quartéis os civis contractados para a fachina e o rancho. Era de esperar que se levasse adiante a medida, generalizando-a a todos os serviços onde não fosse requisito indispensavel a exigencia de conhecimentos profissionais-militares.

Mas infelizmente é o contrario que se observa. Até nas repartições que tem um caracter mais civil que militar, como por exemplo, a Intendencia da Guerra procura-se substituir os civis que lá satisfazem as funções para que fo-

ram nomeados por praças, augmentando-se assim o numero dos afastados da instrução.

Essa tendencia acaba de repetir-se no recente regulamento da Escola de Estado Maior, onde se substituem os actuaes escripturarios da secretaria por Sargentos auxiliares de escripta.

Muitas vezes tem-se procurado justificar essas medidas com a economia, mas no caso apontado ella não existe.

O empregado civil por muito que ganhe não alcança 600\$000 mensaes e o Sargento com suas percentagens, uniformes e calçado custa aos cofres publicos tanto ou mais do que isso.

\* \* \*

A verdade é que, nesse assumpto precisamos modificar de modo completo os nossos habitos. Sendo a tarefa maxima do Exercito a instrução para a guerra, nella deveriam ser empenhados todos os homens consignados pelo orçamento. Para isso seria conveniente adoptar o systema do Exercito francez, introduzindo nos quartéis, nos Q. G. e nas repartições forte percentagem de empregados civis reservistas, de modo que os 40 mil homens do Exercito fossem, de facto, 40 mil homens para a instrução.

Na mesma ordem de idéa, torna-se preciso reduzir-se as exigencias burocraticas — a papelada, as formalidades inuteis, que roubam aos quadros tempo precioso e cuja falta vae se resentir na instrução.

Bem sabemos que a refundição completa dos regulamentos diversos, dos habitos, dos preconceitos e das mentalidades é obra difficil e demorada, porem é urgente inicial-a para que não nos vejamos com o caracter ridiculo de tropa miliciana, ao em vez de sermos — um Exercito no valor real do termo.

## A ENERGIA

A energia é uma questão de moral.

O moral deve sempre estar acima do physico.

Nenhum empreendimento é possivel sem energia.

Ella é indispensavel em todos os nossos actos de paz ou de guerra.

Muita vez uma decisão custa lagrimas de sangue: energia, energia, energia.

Mas... não confunda: estupidez brutalidade e excitação não é energia.

Gen. Tanaut.



# Regulamento Geral de Educação Physica

## METHODO FRANCEZ

(Tradução e adaptação organizadas pela comissão nomeada pelo Sr. Ministro da Guerra)

(Cont. do n. 193)

### TITULO II

#### Bases Pedagógicas

##### CAPITULO III

##### REGRAS CONCERNENTES A' CONDUCTA E A' EXECUÇÃO DO TRABALHO

O treinamento physico geral comporta:

- lições de educação physica;
- sessões de jogos;
- sessões de desportos individuais;
- sessões de desportos collectivos.

Todas estas sessões de trabalho são preparadas por sessões de estudo.

##### I — SESSÃO DE ESTUDO

FIM: — a) Ensinar o alumno, em detalhe, o melhor modo de execução dos movimentos que entram na composição da lição.

b) Fazer-o adquirir "o estylo" cuja posse é necessaria para realizar nos desportos individuais, resultados proporcionaes a sua potencia physica.

c) Inculcar-lhe as noções technicas e tacticas essenciaes e indispensaveis para que elle possa se entregar á pratica dos desportos collectivos.

##### LOGAR QUE DEVE OCCUPAR A SESSÃO DE ESTUDO NO PROGRAMMA DA INSTRUÇÃO

As sessões de estudo são previstas:

a) No começo da instrução, isto é, no momento em que o alumno é admittido num novo cyclo ou grupo, afim de ensinar-lhe um numero de elementos novos sufficientes para lhe permittir executar, o mais cedo possivel, as outras sessões de trabalho e, em particular, a lição de educação physica.

b) No decorrer da instrução, durante todo o tempo necessario para passar em revista os elementos desconhecidos que figuram no programma.

##### P L A N O

Analogo ao da lição de educação physica, descripto mais adeante:

- Sessão preparatoria;
- Sessão de estudo propriamente dita;
- Volta á calma.

##### METHODO DO TRABALHO

O fim da sessão de estudo é ensinar em detalhe, a technica de execução de um certo numero de elementos.

O instructor terá, então, por primeiro cuidado, estabelecer a lista destes elementos, levando em conta:

a) — A duração da sessão.

Poucos elementos serão estudados, porém seu mecanismo deverá ser bem comprehendido e sua execução correcta.

b) — A necessidade de interessar no trabalho, tanto quanto possivel, o conjunto de organismo.

O instructor não consagrará uma sessão de estudo inteiramente ao estudo de flexionamentos dos braços, de exercicios educativos de trepar ou de applicações da corrida, etc.

Introduzirá, ao contrario, em uma sessão de estudo, movimentos nos quaes entrem em jogo articulações e massas musculares muito differentes. Um processo simples consistirá em escolher elementos interessando successivamente aos braços, ás pernas, ao tronco, etc.

No decorrer da sessão de estudo o processo pedagogico seguinte poderá dar bons resultados:

Para ensinar um elemento novo, o instructor deve:

1° — Enunciar o movimento e o executar sem parar;

2° — Executar o movimento, si fôr necessario, decompondo-o;

3° — Fazer executar o movimento "à vontade" e corrigir os erros commettidos;

4° — Fazer executar o movimento por toda a escola em velocidade variavel, compativel com o gráo de habilidade dos alumnos.

E' conveniente, desde o inicio, procurar a correcção na execução dos movimentos, sem a qual o alumno ficará sempre mediocre e não obterá os resultados hygienicos, economicos e estheticos, em vista dos quaes certos exercicios de fôrma determinada foram especialmente mantidos com exclusão de um grande numero de outros.

Sem duvida o instructor não se illudirá em tentar obter, em uma primeira e unica sessão, a perfeita execução do movimento; principalmente com alumnos jovens, terá interesse, para não os aborrecer, em insistir moderadamente, deixa para reinscrever o elemento imperfeitamente conhecido no programma de uma sessão de estudo ulterior.



Com os individuos mais idosos que possuam já um certo treinamento geral, os movimentos novos serão muito mais facilmente aprendidos e sem aborrecimentos.

Para os alumnos do Cyclo Superior, o ensino pratico ministrado no decorrer das sessões de estudo, poderá ser completado por demonstrações e conferencias sobre a anatomia, a physiologia, a hygiene, a massagem, assim como sobre o estudo comparado dos differentes methodos de educação physica.

Projecções cinematographicas "lentas" permittirão analysar o "estyllo" dos melhores especialistas.

## II — A LIÇÃO DE EDUCAÇÃO PHYSICA

A lição de educação physica é a reunião, em uma sessão, de *exercícios variados e combinados* para *interessar* successiva ou simultaneamente todos os *órgãos* e as *grandes funções* com o fim de *melhorar-os* e *aperfeiçoar-os*.

### P L A N O

A lição de educação physica se divide em *tres* partes de importancia e de duração designadas:

A sessão preparatoria;

A lição propriamente dita;

A volta á calma.

1º) — A sessão preparatoria — tem por fim aquecer (1) progressivamente o organismo e preparar-o para o trabalho mais intenso da lição propriamente dita. Compreende *exercícios methodicos* de energia crescente, susceptíveis de *flexionar* as articulações, de desenvolver os musculos, de corrigir as más attitudes, de disciplinar a vontade e o *systema nervoso*.

Estes exercicios são:

a) — As *evoluções*, exercicios de disciplina collectiva, que permittem ao instructor ter sua classe na "mão";

b) — Os *flexionamentos dos braços*;

c) — Os *flexionamentos das pernas*;

d) — Os *flexionamentos do tronco* que dão *mobilidade* e *flexibilidade* á *columna vertebral* por movimentos variados de *flexão*, de *distensão*, de *rotação*, etc.

Os *flexionamentos* do tronco devem ser combinados com os *flexionamentos* de cabeça, que dão *flexibilidade* ao pescoço e concorrem para a *correção* da *columna vertebral*.

Os *flexionamentos* da *cabeça* comprehendem os seguintes movimentos limitados ás *vertebras cervicaes*:

— *flexão* e *distensão* da cabeça para a frente seguida de *flexão* e *distensão* da cabeça para traz;

— *flexão* e *distensão lateral* da cabeça para a esquerda (depois para a direita);

(1) Este aquecimento do organismo será mais difficil de obter com tempo frio. Todavia, o instructor poderá obter o effeito procurado:

1º) Accelerando, nos limites razoaveis, o *rythmo* de execução dos *flexionamentos*;

2º) Introduzindo, de preferencia na sessão preparatoria, os *flexionamentos* que se podem executar com uma *correção* sufficiente *marchando* ou mesmo *correndo* numa andadura moderada.

— *rotação* da cabeça para a esquerda (depois para a direita).

e) — Os *flexionamentos combinados* que são constituídos pela combinação dos *flexionamentos* precedentes.

Seus effeitos *physiologicos* são semelhantes, porém augmentados pela *somma* mais consideravel de trabalho fornecido e pela *intensidade* progressiva do esforço resultante das *combinações* variadas.

Sua execução exige da parte do alumno uma grande *atenção*: — a *qualidade* que elles *desenvolvem* de uma maneira especial é a *coordenação* do *movimentos*.

f) — Os *flexionamentos* *assymetricos* que obrigam duas partes do corpo, seja executar ao mesmo tempo *movimentos* differentes, seja realizar o mesmo movimento em um tempo differente. São *movimentos* difficeis que *solicitam* toda a *atenção* do alumno; *disciplinam* o *systema nervoso*, *desenvolvem* a *agilidade* ou a *destreza*, e *permittem* adquirir a *independencia* das *construções musculares*.

g) — Os *flexionamentos da caixa thoraxica* (1) que agem principalmente sobre as *articulações* das *costellas*, os *musculos* da *respiração* e os *fixadores* das *espadas*.

2º) — A lição propriamente dita comprehendendo, segundo o *regimen proprio* a cada *cyclo* ou *grupo*, um ou varios exercicios, *prendendo-se* a cada uma das sete grandes familias:

1 — Marchar;

2 — Trepar — escalar — equilibrar;

3 — Saltar;

4 — Suspender e carregar;

5 — Correr;

6 — Arremessar;

7 — Atacar e defender-se.

As *sete familias* de exercicios são grupadas em uma ordem que permitta compôr uma lição *gradual* em *intensidade*.

O instructor poderá, todavia *excepcionalmente*, *modificar-a*, tendo em vista um motivo sério e bem definido. (2)

Dois jogos, (um só facultativo, para a lição do cyclo superior) completam o programma da lição propriamente dita.

3º) — A volta á calma — cujo fim é, como o nome indica, de fazer voltar a calma ao organismo, comprehendendo exercicios de fraca intensidade:

— *Marcha lenta* com exercicios *respiratorios*;

— *Marcha* com canto e assobio servindo de *verificação* e continuando até que todo o *signal* de cansaço haja *desapparecido*.

— Alguns exercicios de ordem, curtos e variados.

(1) E' preciso não confundir o *flexionamento* da caixa thoraxica com o *exercicio respiratorio*. Este ultimo tem por fim fazer *desapparecer* o cansaço e deve ser executado com o minimo de *contrações musculares*. Seu unico modo de execução será o seguinte: *expirar* pela *bocca* levando as *espadas* para a frente; *inspirar* pelo *nariz*, levando as *espadas* para trás, os braços *cahidos naturalmente*, ligeiramente afastados do corpo e *endireitando*, a *columna vertebral*.

(2) O "puxar a corda por equipe" que se prende a familia ATACAR e DEFEEDER-SE é um exercicio muito intenso para fazel-o executar immediatamente antes da volta á calma. O instructor deverá neste caso *inverter* a ordem das familias e collocar este exercicio seja entre o *suspender* e *carregar* e a *corrida*, seja entre esta e o *arremessar*.



## CARACTERISTICAS DA LIÇÃO

A lição de educação physica deve ser:

- Continua;
- Alternada;
- Gradual;
- Attrahente;
- Disciplinada.

A lição é *continua* quando não é interrompida por repouso algum. Esta continuidade é necessaria, porque o fim procurado não é somente agir sobre cada órgão tomado separadamente, mas tambem, e principalmente, obter um effeito de conjunto sobre o organismo.

Os *deslocamentos* motivados pelas mudanças de exercicios deverão então se fazer:

- Marchando sem cadencia: caso de executar exercicios respiratorios;
- correndo em andadura moderada: sempre.

A lição é *alternada* quando se compõe de exercicios que interessam successivamente as partes superior e inferior do corpo. Bem observada, esta alternancia constitue um meio de repouso sufficiente para evitar a fadiga muscular excessiva, que resultaria de trabalho repetido de uma mesma parte do corpo e o cansaço que provocaria um exercicio intenso durante um tempo muito longo.

A lição deve ser *gradual* em *difficuldade* e em *intensidade*. O primeiro modo de gradual-a é realizado pelo estabelecimento de um *plano geral de treinamento* no qual são previstas lições cada vez mais intensas, compostas de elementos de difficuldade crescente.

A lição é *gradual* em *intensidade* quando é composta de exercicios de energia crescente até um ponto culminante que se acha approximadamente nos dois terços da lição (metade da lição propriamente dita), decrescendo em seguida.

A lição é *attrahente* quando os exercicios de cada familia são frequentemente variados, quando os jogos são introduzidos na lição no momento opportuno e quando o instructor por seu exemplo e sua actividade sabe manter a alegria na sua escola.

A lição é *disciplinada* si os exercicios previstos são commandados sem hesitação, si se desenrolam normalmente e si são executados, com a intensidade e a energia desejaveis, por uma escola.

A lição de educação physica bem conduzida, produzirá no espirito e na vontade do alumno, qualidades de caracter que exercerão uma feliz repercussão sobre a sua formação geral.

## COMPOSIÇÃO DA LIÇÃO

A lição deve ser sempre preparada com antecedencia, com cuidado e methodo. A escolha dos exercicios que entram na composição da lição depende:

- 1° — Do regimen da lição, o qual varia com a idade, com o estado physiologico e com o valor physico dos individuos;
- 2° — De sua duração;
- 3° — Do gráo de treinamento da escola;
- 4° — Do terreno e do material de que se dispõe;

5° — Das condições atmosphericas e climatericas;

6° — Das circumstancias particulares das quaes o instructor é o juiz; preparação de exames diversos, volta das férias, etc.

7° — Do fim particular que se dejesa attin-gir; physiologico, economico, esthetico, etc.

*Compenetrado destes dados*, o instructor, para compôr sua lição, estabelece sobre uma folha, numa columna á esquerda, o schema geral seguinte, *dado a titulo de exemplo*, e correspondente ao regimen da lição do 1° gráo do cyclo secundario.

*Sessão preparatoria:*

- Evoluções;
- Flexionamentos:
- Dos braços;
- Das pernas;
- Do tronco;

Combinados (escolher um movimento que comprehenda flexionamentos simples diferentes dos que já entram na lição);

- Assymetricos;
- Da caixa thoraxica.

*Lição propriamente dita:*

- Marchar: exercicio educativo;
- Trepár: applicação;
- Saltar: applicação;
- Suspende e carregar: exercicio educativo;

- Correr: applicação;
- Arremessar: exercicio educativo;
- Atacar e defender-se: applicação.

A escolha, por familia, dos exercicios educativos e das applicações deve ser feita segundo um plano de conjunto estabelecido de maneira a passar successivamente em revista todos os exercicios educativos e todas as applicações que figuram no regulamento.

*Volta á calma:*

- Exercicios respiratorios;
- Marcha com canto (1);
- Marcha com assobio (1);
- Exercicios de ordem.

Resta mais aproveitar, na lista dos elementos incorporados ao Titulo III do Regulamento Geral, os exercicios desejados, respeitando a *alternancia* e a *gradação* em *intensidade* e *escolhendo* o jogo ou os dois jogos previstos pelo regimen da lição.

Estes jogos deverão interessar os alumnos; os de caracter infantil serão estrictamente reservados ás creanças.

Para os adolescentes e os adultos empregam-se jogos que melhor se adaptam ás suas qualidades physicas e a seus gostos. Exercicios variados de caracter livre, executados sob a fórma de competições, poderão perfeitamente preencher o papel do jogo.

Os jogos escolhidos deverão fazer trabalhar, no pequeno espaço de tempo que lhes é reser-

(1) O canto e o assobio servem apenas como um meio de verificação; devem ser curtos.  
Recommendar aos alumnos cantar o mais exacto possível e sem forçar muito a voz.



vado, todos os alumnos sem excepção; o instructor só introduzirá no quadro da lição aquelles que ponham constantemente em acção pelo menos a metade da Escola.

Si bem que os jogos sejam exercicios de efeitos geraes, alguns, dentre elles, exercem uma acção predominante sobre os membros inferiores ou superiores. Muitas vezes, tambem pôdem facilmente se ligar a certas familias: correr, saltar, arremessar, etc.

O principio de alternancia será respeitado, evitando fazer executar um jogo de bola immediatamente antes ou depois de arremessar, um jogo que tenha por base a corrida, antes ou depois da mesma familia da lição, etc. Além disso os jogos devem ser de séries differentes.

### PREPARAÇÃO MATERIAL DA LIÇÃO

A composição da lição constitue um dos elementos mais importantes dessa preparação. O instructor consciencioso e providente não confia no improvisado; deve tomar todas as precauções para assegurar a disposição da escola e do material no terreno, a ventilação do local utilizado em caso de máo tempo, etc. Deverá estudar e fixar as formações a adoptar para os differentes exercicios de campo, de pista e deapparelhos, os itinerarios mais curtos para ir aos diversos pontos, etc.

### DIRECÇÃO DA LIÇÃO

Pouco antes da hora do inicio da lição, o instructor reunirá os alumnos, far-lhes-á vestir o uniforme prescripto para os exercicios physicos, recomendar-lhes-á urinar e assoar-se, depois, sem perder tempo para que não se *resfriem*, reunil-os-á para o trabalho.

### DISPOSIÇÃO DOS ALUMNOS

Não é obrigatoria nenhuma formação; ella é adoptada pelo instructor segundo o terreno, o material a utilizar e o numero dos alumnos.

A melhor formação é aquella que permite ver todos os alumnos.

Para os *flexionamentos* executados sem deslocamento, o dispositivo em "quincuncio" (8 a 10 alumnos de frente, sobre duas ou varias fileiras em profundidade) é aconselhavel.

Si os *flexionamentos* devem ser executados em *marcha*, pôde-se, conforme o espaço disponivel, ou deixar os alumnos em linha ou fazel-os deslocar em columna com largos intervallos e distancias.

Para as *evoluções e marchas*, a formação melhor appropriada é a columna por dois, por tres ou por quatro, o instructor collocando-se de lado, a uma distancia conveniente.

Para os *exercicios educativos*, executados sem apparelhos, poderão ser adoptados as mesmas regras e dispositivos que para os *flexionamentos*.

No que concerne aos *exercicios educativos* que se executam com material diverso ou apparelhos, procede-se como para as applicações; a diversidade dos casos que se podem apresentar é tal que é impossivel dar a *priori* indicações pedagogicas appropriadas a cada um. O instru-

ctor deverá dar prova de iniciativa e adaptar-se ás circumstancias. Eis, pois, a necessidade da preparação material da lição.

### COMMANDOS (1)

Para fazer executar um movimento, o instructor commanda: POSIÇÃO FUNDAMENTAL! (2).

Si o movimento exige uma posição de partida ou inicial, o instructor a indicará e manda: POSIÇÃO!

Enuncia o exercicio e ao commando: COMEÇAR! Todos executam o movimento prescripto.

As posições de partida assymetricas são a principio tomadas á esquerda. Terminado o exercicio nesta posição, o instructor commanda: MUDAR! Os alumnos retomam a posição inicial á direita e executam novamente o exercicio prescripto.

Ao commando de ALTO! todo o movimento cessa sem precipitação e a posição partida é retomada. A posição fundamental só é deixada ao commando de DESCANÇAR!

Ao commando DESCANÇAR os alumnos permanecem no lugar sem serem obrigados a conservar a posição primitiva e a immobidade.

Um processo que o instructor pôde utilmente adoptar consiste em fazer preceder o commando de execução dos *flexionamentos* e dos exercicios educativos de um enunciado rapido e em voz clara do movimento, acompanhado de uma demonstração feita pelo proprio instructor ou pelo monitor (3).

### INDICAÇÃO DO RYTHMO

A execução dos movimentos deve ser estritamente individual; o conjunto não deve ser exigido.

Existe, no entretanto, para cada exercicio, um *rythmo* de execução optimo sob o ponto de vista physiologico e mecanico, cuja frequencia é proporcional ao comprimento e ao peso dos segmentos a mover.

E' bom indicar este *rythmo* (4) para ensinar aos alumnos a dosarem utilmente seus esforços. E' preciso, finalmente, que cada um forneça em um lapso de tempo determinado, uma somma de trabalho equivalente.

### CORRECÇÃO DOS ERROS

O instructor deve sempre se collocar num ponto donde possa facilmente vigiar cada um de seus alumnos.

Commettido um erro, elle o corrige imme-

(1) Exemplo 1º: Posição fundamental! — Elevação vertical dos braços em diferentes planos! — Começar! — Alto! — Descançar! (se fôr o caso):

2º: Posição fundamental! — Elevação da perna distendida em diferentes planos! — Posição inicial: mãos nos quadris! — Posição — Começar — Alto, — Posição fundamental — Descançar! (se fôr o caso).

(2) Este commando pôde ser substituido, para as creanças, pelo de ATENÇÃO!

(3) Este processo será quasi exclusivamente empregado com as creanças que executam os *flexionamentos* e os exercicios educativos por imitação ao instructor. O commando de execução será, então: FAÇAM COMO EU.

(4) O *rythmo* indicado no capitulo I, titulo III é o mais lento: corresponde, para os *flexionamentos*, a execução um movimento em tempo quente.



diatamente e em voz alta, empregando uma formula breve e imperativa. A observação deve ser rapidamente formulada, afim de que o erro não cesse antes da correção.

Para não tirar a continuidade da lição, o instructor deve evitar immobilizar sua escola para entregar-se a commentarios prolongados. Os monitores completam a acção do instructor; circulando entre as filas, corrigem, com uma indicação precisa e um gesto opportuno, os erros commettidos.

## REGRAS ESPECIAES CONCERNENTES A EXECUÇÃO DOS FLEXIONAMENTOS

1º) — Os flexionamentos dos braços, das pernas, do tronco e os flexionamentos combinados devem ser executados de uma maneira energica, completa e continua. E' preciso procurar a amplitude maxima no jogo das articulações, o alongamento e encurtamento completo dos musculos; abolir-se-ão os gestos incompletos e irregulares, as paradas bruscas e exigir-se-á uma continuidade absoluta nos movimentos.

2º) — Para ser efficaz, o flexionamento deve ser localizado. Exige, então, uma posição inicial que permita assegurar a independencia das contrações e eliminar as que não têm nenhuma utilidade. A posição inicial deverá facilitar a execução correcta do flexionamento, sem acarretar uma contração estatica continua dos segmentos não interessados no movimento; ella se traduzirá de preferencia por um relaxamento muscular. A despesa physiologica será assim limitada somente áquella que o flexionamento provoca.

3º) — Todos os flexionamentos devem ser repetidos symetricamente por um e pelo outro lado do corpo. Os flexionamentos dos braços e das pernas serão feitos, a principio, pelos membros do lado esquerdo. Os que se executam em um plano vertical, sel-o-ão successivamente nos planos antero-posterior, obliquo para fóra, lateral.

4º) — Os flexionamentos devem ser executados respirando ampla e lentamente.

5º) — Afim de que os flexionamentos assymetricos conservem suas caracteristicas proprias, poderão ser executados á commando e com uma cadencia (1) variavel, á vontade do instructor.

6º) — Os flexionamentos exercerão sobre o organismo seus effeitos mais intensos e beneficos quando executados com correção e quando a sessão preparatoria tiver sido, de uma maneira geral, bem disciplinada.

## EXECUÇÃO DOS JOGOS

As regras dos jogos introduzidos na lição devem ser conhecidas por todos os alumnos.

No momento de sua execução, o instructor dá todas as indicações necessarias para que seja tomado, no menor tempo, o dispositivo desejado: os alumnos só começam a jogar ao signal dado pelo instructor.

(1) Estes são os unicos exercicios para os quaes uma cadencia pôde ser indicada.

Os jogos devem ser praticados livremente com a maior animação e alegria possiveis.

A duração de um jogo varia, segundo sua natureza e o tempo total de que se dispõe, entre dois e quatro minutos.

A um novo signal o jogo deve cessar immediatamente. O instructor faz executar, si fôr necessario, exercicios respiratorios, indica a nova formação a tomar e prosegue no trabalho methodico.

## REGRAS HYGIENICAS

A conducta e a execução de uma lição de educação physica são reguladas por um certo numero de prescrições de ordem hygienica. Estas regras que são communs á lição e a todas as sessões de trabalho, estão expostas mais longe em um paragrapho especial.

## FREQUENCIA E DURAÇÃO DA LIÇÃO

### EMPREGO DO TEMPO

A lição de educação physica deve ser, em principio, quotidiana e executada em horas afastadas das refeições, de maneira que não prejudique o tempo consagrado ás aulas e aos recreios ordinarios. Sua duração depende do cyclo e do gráo, isto é, do valor physico dos individuos:

A duração de uma lição varia de:

	IDADE
15 á 25 minutos para o cyclo elementar .....	4 á 9 annos
20 á 25 minutos para o cyclo elementar .....	9 á 11 annos
25 á 30 minutos para o cyclo elementar .....	11 á 13 annos
30 á 45 minutos para o cyclo secundario .....	13 á 18 annos
45 minutos para o cyclo superior .....	18 annos para cima

A repartição do tempo consagrado á lição pôde ser feita segundo as seguintes bases, cujo valor é apenas indicativo:

Sessão preparatoria....	2/10 da duração total
Lição propriamente dita	7/10 " " "
Volta á calma.....	1/10 " " "

### Exemplo:

Lição de 30 minutos	Sessão preparatoria...	6 minutos
	Lição propriamente dita	21 " "
	Volta á calma.....	3 " "

## III — SESSÃO DE JOGOS

Uma ou duas vezes por semana, para alumnos que fazem parte dos cyclos elementar e secundario, a lição de educação physica deve ser substituida por uma sessão de jogos.

A sessão de jogos, de uma duração maxima de 45 minutos, deverá começar por uma pequena sessão preparatoria e terminar por uma volta á calma mais longa que a prevista para a lição; as creanças que, em geral, se esforçam dema-



siadamente pelo resultado da partida, dispendendo grande quantidade de energia, apresentação, com effeito, traços mais notáveis de fadiga e de cansaço.

O instructor variará constantemente o programma destas sessões especiaes; levará em conta o gosto das creanças, não lhes imporá jogos difficeis ou que lhes sejam pouco favoraveis. Em principio, fará praticar de preferencia os grandes jogos cuja preparação e evolução normal são muito longas para entrar no quadro da lição.

Si bem que discreta, sua vigilancia será todavia effectiva; com brandura obrigará todos os alumnos a jogar, estimulará os fracos e os timidos, dominará os turbulentos, os impulsivos, os violentos. Deverá abolir toda brutalidade e tomar as necessarias precauções para evitar os accidentes.

#### IV — SESSÃO DE DESPORTOS INDIVIDUAES

De uma duração relativa ao cyclo e ao valor physico dos individuos (30 a 45 minutos), a sessão de desportos individuaes começará, como todas as sessões de trabalho, por uma *sessão preparatoria* e terminará por uma *volta á calma*.

A Sessão preparatoria só será completa quando, o alumno não tiver executado outro trabalho physico na jornada. No caso contrario, contentar-se-á com uma sessão preparatoria *reduzida*, composta de flexionamentos que interessem particularmente as articulações e as massas musculares a serem, postas em jogo pela especialidade a estudar.

As regras pedagogicas geraes concernentes á preparação e á conducta da sessão de desportos individuaes são as mesmas que regem a lição de Educação Physica.

As sessões de desportos individuaes deverão ser previstas para a tarde e, de preferencia, entre 15 e 17 horas, salvo se ellas visarem a preparação para uma competição que deverá se verificar pela manhã. Nesta circumstancia, salvo impossibilidade, a hora mais favoravel de treinamento será a fixada para a competição.

#### V — SESSÃO DE DESPORTOS COLLECTIVOS

A sessão de desportos collectivos se revestirá de uma physionomia differente, segundo o cyclo e o valor physico dos individuos.

Para os alumnos que fazem parte do cyclo secundario, 2º gráo, ella se faz sómente com o objectivo de iniciação desportiva; a sessão de desportos collectivos será, então, uma sessão de estudos durante a qual os elementos dos desportos serão ensinados lentamente, minuciosamente, sem despesa physiologica exaggerada. Nas proximidades dos 17 annos, quando os conhecimentos technicos estiverem accurados do mesmo modo que o gráo de treinamento geral, os alumnos poderão praticar os desportos collectivos em sua forma normal, porém durante um tempo restricto.

Desde que sejam admittidos no cyclo superior os jovens já poderão se consagrar, em sessões de uma duração de 45 á 60 minutos, á pratica regular dos desportos collectivos. Mais

tarde, segundo o valor e limite de seu treinamento, poderão praticar-os livremente e tomar parte em competições regularmente organisadas. As regras que precisam seu treinamento, são impostas na Segunda Parte, titulo V do Regulamento de Educação Physica.

#### PRESCRIPÇÕES HYGIENICAS

A lição de educação physica e as differentes sessões de estudos, de jogos e de desportos, são subordinadas, no ponto de vista hygienico, ás mesmas regras.

Eil-as aqui resumidas:

##### 1º — LOCAL:

O trabalho physico deve ser, em principio, praticado ao ar livre.

Em caso de máo tempo, usar, de preferencia, galpões ou pateos cobertos.

Si se dispõe sómente de uma sala fechada, fazel-a arejar largamente antes da sessão e limpar o soalho ou piso com uma vassoura humida que absorverá a poeira.

##### 2º — HORAS DE TRABALHO:

Fixal-as de maneira a não perturbar a digestão dos alumnos. As sessões deverão começar, em principio, duas horas pelo menos depois das refeições e terminar cerca de uma hora antes das mesmas.

##### 3º — UNIFORME:

Não é necessario um uniforme especial para praticar a educação physica. E' sufficiente que as roupas usadas sejam amplas, não comprimam nem o thorax e nem o abdomen e não apertem o pescoço, as pernas e os braços.

Um uniforme que se adapta melhor e deve ser recommendavel, comprehenderá:

*Para o verão:*

(O exercicio praticado com tronco nú permite o ar e o sol exercer plenamente suas acções beneficas. Habituar-se-á *progressivamente* os alumnos a permanecerem expostos ao Sol).

Tronco nú ou camisa leve e calções curtos, ambos chamados de desportos, ou calça ampla e leve mantida por uma cinta elastica, sapatos de borracha, ditos de tennis.

*Para o inverno:* (Clima frio — Sul do tropico).

Camisa de lã para desporte.

Calça de brim.

Sapatos de borracha (tennis).

##### 4º — TEMPERATURA E CONDIÇÕES CLIMATERICAS

Levar-se-á na maior consideração a temperatura, para organizar e conduzir judiciosamente as sessões de trabalho physico.

Quanto mais frio fizer, mais intensos serão os exercicios e dirigidos segundo um rythmo constante; o grande calor, ao contrario, obriga-os a serem moderados. Esta regra será estrictamente observada durante a sessão preparatoria que preceder toda a sessão de trabalho.



Os resfriamentos deverão ser cuidadosamente evitados, nunca se permitindo os alumnos ficarem immoveis:

- em tempo frio, enquanto durar a sessão;
- em tempo quente, depois do trabalho, enquanto não haja desaparecido todo o signal de fadiga.

Terminado o trabalho, tomar-se-ão os cuidados necessarios ao asseio, e os alumnos vestirão um uniforme proprio e adaptado a estação.

#### 5° — HYDROTHERAPIA:

As sessões de trabalho physico deverão ser sempre seguidas de cuidados de asseio, abluções e duchas.

Na pratica, será difficil, para não dizer impossivel, seguir religiosamente esta prescrição. Entretanto, habituar-se-á os alumnos a enxugar cuidadosamente seu corpo com uma toalha limpa, da qual uma ponta humedecida com agua fresca servirá para fazer desaparecer a poeira.

Sempre que se puder, faz-se-á com que tomem uma ducha tepida.

#### 6° — FADIGA

O trabalho physico nunca deve ser levado ao esgotamento (surmenage). Uma fadiga ligeira que desaparece depois de algumas horas de repouso não deixa traços penosos no organismo; não acontece o mesmo com o esgotamento (surmenage) que é acompanhado de inappetencia e de insomnia, de lascitude geral, e mesmo de febre.

O instructor deverá conhecer os signaes geraes e particulares da fadiga, afim de moderar o ardor dos alumnos cuja resistencia geral pareça um pouco forçada. Evitará addicionar uma fadiga physica excessiva ao esgotamento (surmenage) intellectual, de que muito jovens são victimas.

Fal-os-á executar exercicios particularmente faceis e que requeiram um minimo de despesa nervosa.

Durante a crise da puberdade, e por occasião dos exames, o instructor deverá ser particularmente moderado em suas exigencias. Em caso de necessidade, não hesitará em recorrer tomem uma ducha tepida.

### CAPITULO IV

#### ORGANIZAÇÃO DE UM ESTADIO DE TREINAMENTO, DE UM GYMNASIO E DE UMA PISCINA

##### I — ORGANIZAÇÃO DE UM ESTADIO

Distinguem-se duas especies de estadios:

- Os estadios de treinamento;
- Os estadios de exhibição.

Os primeiros de dimensões mais restrictas, servem para a pratica habitual da educação physica athletica e desportiva; comprehendem organizações e aparelhos estudados em face de uma utilização frequente, por varios grupos de alumnos que se exercitam ao mesmo tempo.

Os estadios de exhibição, mais vastos, comportam installações muito completas, ás vezes

mesmo luxuosas, permitindo organizar, deante de numerosos espectadores, competição athleticas e desportivas, importantes e variadas.

Sómente os estadios de treinamento interessam directamente ao educador physico. E' possivel, sem orçamento consideraveis, transformar rapidamente um pateo de escola, um espaço livre qualquer, praça publica, prado, clareira, etc. em um pequeno estadio de treinamento.

Poder-se-á contentar, de inicio, com installações de occasião, pista de terra batida ou gramada, simplesmente traçada; fosso cheio de uma mistura composta de  $\frac{2}{3}$  de areia e  $\frac{1}{3}$  de serragem, servindo para saltos; barra munida de ganchos, supportando cordas e varas, terrenos de basket-ball, etc.

Mais tarde, de conformidade com um plano de conjunto preliminarmente estabelecido, para evitar perda de tempo e desperdicio de dinheiro, melhorar-se-ão progressivamente as organizações já existentes e preparar-se-ão, sem difficuldades, terrenos de exercicios physicos e de jogos, sufficientes para fazer trabalhar utilmente numerosas turmas. E assim que o mais urgente melhoramento a encarar será a transformação da pista de grama ou terra batida em pista de cinza.

As indicações que se seguem permitirão ao instructor organizar o plano progressivo de aparelhagem de um pequeno estadio de treinamento.

#### A — ESCOLHA DO TERRENO

Si o instructor tiver muito espaço para escolher o terreno o preferirá bastante grande, para circumdar com pistas de corrida um campo de foot-ball e de outros grandes jogos com 80m x 45m ou, si possivel, de 90 x 60m. Póde-se dizer que as dimensões ideaes de um estadio de treinamento são approximadamente, de..... 210 x 140 metros.

Como se vê, a fórma do terreno deverá ser, tanto quanto possivel, *rectangular*.

A natureza do sólo tem uma grande importancia; é necessario que seja permeavel e, de preferencia, coberto de relva, ou, na falta, de areia fina.

#### MATERIAL MOVEEL CORRESPONDENTE A' REALIZAÇÃO DO PLANO DE UM ESTADIO DE TREINAMENTO

##### Para o trepar:

Cordas de suspensão: comprimento de metros; diametro de 0m,035.

Varas de canna da India: comprimento de 5 metros; diametro de 0m,035.

##### Para os saltos:

##### a) — Saltos em altura:

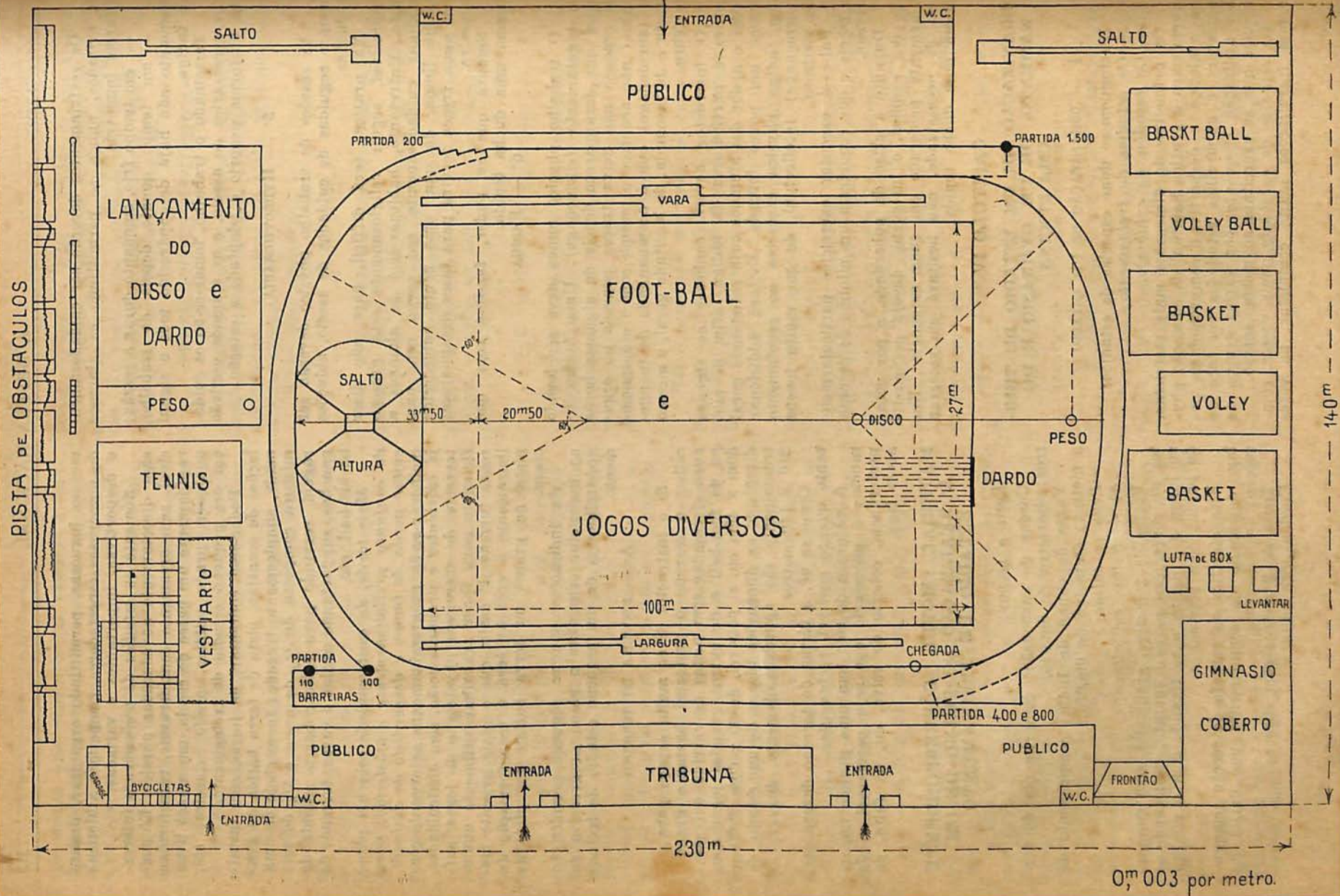
Postes de 2 metros, graduados, com supportes de correções para o sarrafo, deslocando-se ao largo dos postes e se fixando com o auxilio de porcas com boletas.

Fita elastica ou sarrafo de secção triangular, de 3m,85 de comprimento por 0m,03 de secção;

Toesa de 2 metros com cursor;

Cordas para salto.

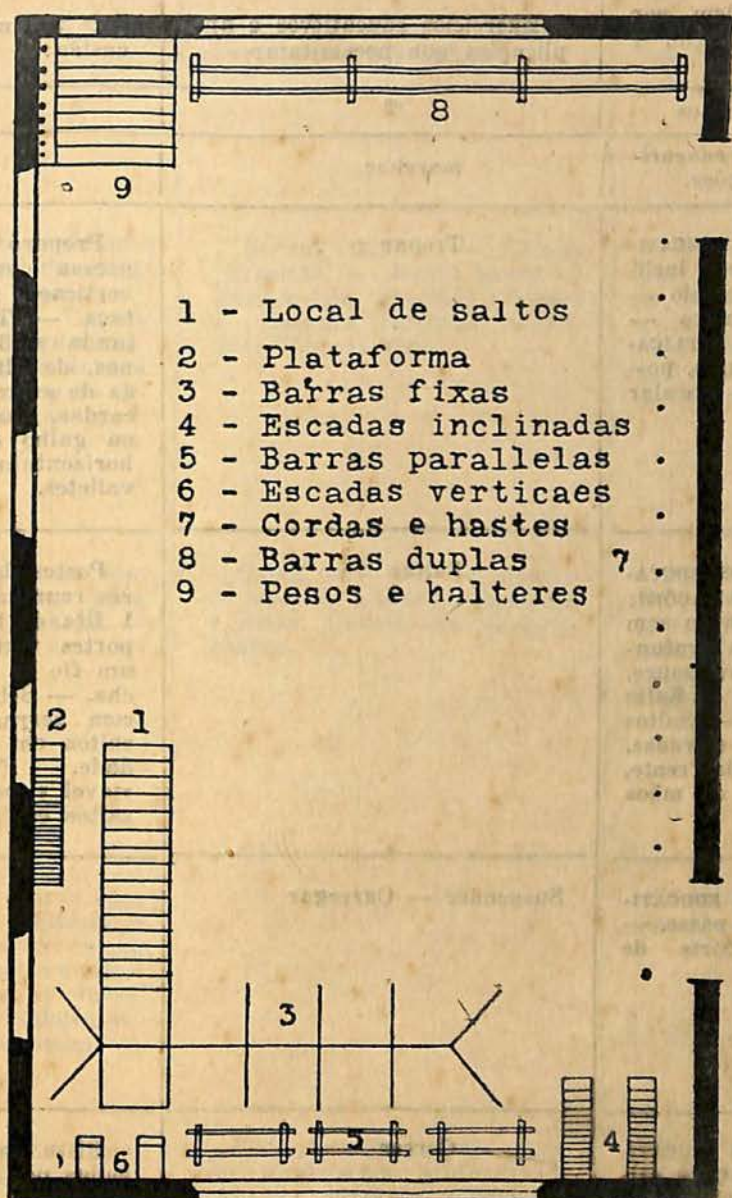






## G Y M N A S I O

## PLANTA BAIXA



- 1 - Local de saltos
- 2 - Plataforma
- 3 - Barras fixas
- 4 - Escadas inclinadas
- 5 - Barras paralelas
- 6 - Escadas verticais
- 7 - Cordas e hastes
- 8 - Barras duplas
- 9 - Pesos e halteres

0<sup>m</sup>,012 por metro

b) — Salto de vara:

Postes de 4 metros, graduados como aqueles para o salto em altura, porém de construção especial: uma caixa servindo de poste é graduada até 2 metros; no interior desta caixa pode deslizar uma regua de 0m,05 de lado, de secção quadrada, cuja base inferior repousa sobre um índice metálico. E' bastante, por exemplo, suspender este índice de 0m,50 para obter a altura de 2m,50.

Sarrafo — O mesmo que para os saltos em altura.

Varas — Em bambú de 4m,50 de comprimento, para o treinamento e as competições; varas de canna da Índia com 3m,50 de comprimento para as primeiras secções de estudo do salto com vara. Para estas ultimas, é preferível arredondar a sua extremidade em lugar de dopla-a de uma ponta metálica.

Dois escabellos de madeira de 2 metros de altura, para poder mudar a vara transversal.

Na falta, dois bastões de 1m,50 de comprimento terminados em garfo.

c) — Saltos em largura:  
Decametro metálico.



**B - Instalação e material de fortuna ou de um preço pouco elevado, turma, num espaço restricto ; pateo de uma escola e pateo**

Exercícios que podem ser praticados sem instalação e material especiaes.	Exercícios educativos e applicações que necessitam:	1º um material fixo de ocasião:
Todos os flexionamentos	"	"
Todos os exercícios educativos, todas as applicações.	marchar	"
Todos os exercícios EDUCATIVOS feitos em suspensão inclinada: — Cadeia de apoio — Apoio contra um muro — Apoio sobre o sólo. APPLICAÇÕES: trepar em arvores, postes do galpão, etc. — Escalar muros.	Trepar	Preparo de uma arvore grossa supportando cordas verticaes, inclinadas, horizontaes. — Trave horizontal situada a 3 metros, pelo menos, de altura do sólo, munida de grampos para supportar cordas, hastes, etc. — Tronco ou galho de arvore suspensa horizontalmente por dois cavalletes.
Todos os EXERCÍCIOS EDUCATIVOS de salto. — APPLICAÇÕES: salto em largura com ou sem impulso. — Salto em profundidade de cima de um muro, dum galho de arvore. — Salto de baixo para cima. — Saltos de barreiras pouco elevadas. — Salto em altura de frente, estando os alumnos de mãos dadas.	Saltar	Postes de saltos: — 2 arvores reunidas por um fio de lã 1 fita de borracha. — 2 supports verticaes reunidos por um fio de lã, 1 fita de borracha. — Sebes vivas. Escavação com serragem e areia para saltos em altura e profundidade. — Fosso de largura variavel e pouco profundo para saltos em largura.
Todos os exercícios EDUCATIVOS salvo os de passe-passe. — APPLICAÇÕES: transporte de camaradas.	Suspender — Carregar	
Todos os exercícios EDUCATIVOS. Todas as APPLICAÇÕES, salvo a corrida de barreiras.	Correr	Pista de terra batida, balizada por algumas estacas.
Exercícios EDUCATIVOS n. 303.	Arremessar	Circulo para lançamento marcado no sólo.
Exercícios educativos. A maior parte das applicações.	Ataque e defesa	Terreno preparado com serragem para a luta de Jiu-jitsu



**vado que permitem a pratica da educação physica, para uma para recreio ao ar livre, pequeno estadio e gymnasio, etc.**

2º Um material movel de occasião:	3º. Um material fixo de preço pouco elevado.	4º. Um material movel de preço pouco elevado.
"	"	"
"	"	"
Varas de canna de bambú grosso ou barras arredondadas para suspensões inclinadas, alongadas e apoios. — Cordas presas ás arvores, a uma trave, varas e pequenas cordas para escaladas. Escadas de typo ordinario. Pranchas inclinadas.	Barras duplas — Escada horizontal — Barra movel — Portico com ganchos e hastes — Escadas verticaes e obliquas. Barras fixas.	Varas, pequenas cordas, barras duplas moveis, cordas para galgar obstaculos, barras paralelas. Tapete de corda para amortecer a queda, para um gymnasio ou galpão aberto, de sólo cimentado.
Sebes de ramagens ou sarrafos leves. — Cordas para saltos. — Fitas de borracha. — Cavalletes para salto com alções para apoio.	Caixa de saltos com quadro de madeira e leito de serragem e areia. Cavallo de páo-alcochoado.	Postes graduados de 2 metros, barras de salto. Sebes de diferentes alturas. Varas de canna da India ou bambú para saltos com vara em altura e largura.
Saccos de areia, pedras com e sem punhos — Halteres e barras de ferro fundido ou em cimento amado. Vigotas ou dormentes de estrada de ferro. Arvores, eixos, etc. (Bolas velhas cheias de serragem ou areia).		Halteres, balas, barras com discos.
Postes de chegada. Testemunhas de muda (revejamento).	Pista preparada com cinza, em pequena profundidade (0m,20), nivelada e balizada por estacas de 0,30, ligadas por um fio de ferro galvanizado. Postes da mesma altura com paineis indicando as distancias.	Barreiras oscillantes, marcador, chronometros, etc.
Pedras, pedrinhas, balas. Bolas velhas cheias de papel ou de panno.	Circulos para lançamento, preparados com cinza, em pequena profundidade (0m,10).	"Medicine-ball", discos, balas, dardos, martelos circulos de ferro, fichas e decametros.
Bastões-bengalas.	Tapetes velhos cobertos com um tecido impermeavel (lona).	Varas para a luta de repulsão, cordas para a luta de tracção. Luvas de box. Tapetes para luta e Jiu-jitsu.



*Para o suspender-carregar:*

Pedras de diferentes dimensões;  
Jogo de halteres de 5 á 50 kilos;  
Duas barras com discos de 40 á 50 kilos;  
Jogo de barras de ferro fundido;  
Saccos de diferentes dimensões.

*Para as corridas:*

Varios jogos de barreiras de 0,70, 0m,915, 1m,06, com a parte superior reentrante — deslisantes — ou sebes construidas para formar um obstaculo que varie entre 0m,50 e 1m,06 de altura.

Bastões de madeira para revezamento.

Sebes de diferentes alturas de ramagem, folhagens, etc.

Testemunhas de bambú, de 0m,30 de comprimento por 0m,03 á 0m,04 de diametro, para os pontos de revezamento.

Pistolas de "Starter" (Juiz de sahida), de dois tiros com cartuchos de festim.

Fio de lã para chegada.

*Para os lançamentos:*

Seixos, paralelepipedos, bolas;  
Bolas de borracha e de couro;  
"Medecine-ball" de 2, 3, 4 e 5 kilos;  
Pesos de treinamento de 5 kilos;  
Pesos regulamentares de 7 kilos, 257;  
Dardos de 800 grammas e de 2m,60 de comprimento;

Discos de 2 kilos;

Martellos de 5 kilos e de 7 kilos, 257 com cabo metallico de 1m,20 (Virola e punho duplo);  
Circulos metallicos para limitar as superficies de lançamentos; para o peso e o martello — 2m,135 de diametro; para o disco 2m,50 de diametro.

*Para o ataque e defesa:*

Tapete de luta de 5m x 5m;  
Pequena plataforma ("rink") para box com tres filis de corda;  
Luvas de "box";  
Cordas com punhos, bengalas e varas para exercicios de opposição;  
Cordas para luta de tracção.

*Para jogos e desportos collectivos:*

Bolas, maços, postes diversos, etc.;  
Bolas de "foot-ball";  
Bolas de "rugby";  
Redes e bolas de "basket" e "volley-ball";  
"Cross" e bolas de "hockey".

*Material de conservação:*

Pás, enxadas, ancinhos, aparelhos marca-dores, cal, vassouras de crina e de galhos, rolos pequenos e grandes, mangueira de irrigação;  
Ferramenta de marceneiro;  
Tiras de couro para bolas, bomba e enfiador.

**II — ESTABELECIMENTO DE UM GYMNASIO**

O máo tempo que reina no inverno, não deve ser um impecilho absoluto á pratica da educação physica.

Póde-se continuar o treinamento em um gymnasio que seja claro, limpo e bem arejado.

**CLARIDADE** — Dispôr de numerosas janellas com os vidros pintados de branco. Adoptar um tecto inteiramente de vidro ou que tenha, pelo menos, numerosas vidraças.

Pintar as paredes de branco.

Installar a luz electrica com um systema apropriado de reflectores.

**LIMPEZA:** O sólo deve ser assoalhado com tacos de madeira ou, na falta, asphalto ou betumado.

Dispôr de tapetes de corda proximo aos aparelhos para amortecer a quêda.

**VENTILAÇÃO:** As janellas, collocadas bastante altas deverão permittir que se abram facilmente.

Poder-se-á tambem preparar galerias com telhado basculante ou construir todo um lado de gymnasio com claraboia.

As portas e janellas que permittam inteiramente a passagem do sol, são preferiveis a qualquer outro systema de ventilação ou illuminação.

**DISPOSIÇÃO INTERIOR:** Dois terços pelo menos da superficie total do gymnasio deverão ser inteiramente livres para permittir a execução da lição de educação physica. Um terço, no maximo, será reservado aos aparelhos.

**GALPÃO ABERTO:** Quando não se possuir as verbas necessarias á organização de um gymnasio, poder-se-á contentar com um galpão aberto, que apresente as mesmas disposições geraes. Este galpão deverá, si possivel, ser fechado de dois lados: ao norte e a léste.

O sólo deverá ser asphaltado ou cimentado e ligeiramente em declive; um rego especialmente feito deverá permittir o escoamento rapido da agua constantemente utilizada na baldeação.

**III — ESTABELECIMENTO DE UMA PISCINA****MATERIAL FIXO**

Pontão;  
Barcos ou canôas de salvamento;  
Boias de salvamento;  
Varas com anneis em uma das extremidades;  
Estacas ou escoras com cordas.

**MATERIAL MOVEI**

Calções de banhos;  
Cintos com cordas de suspensão de 5m,20;  
Collete de sêda "Kapok".  
O modo de installação de uma piscina depende em grande parte do local, da profundidade das aguas e da natureza da margem.

Escolher um fundo de areia ou de cascalho fino, com agua ligeiramente corrente afim de que esta se renove constantemente.

Construir um rectangulo de 20 a 25 metros por 12 á 15 metros, no qual a profundidade variará de 0m,80 á 2m,50 ou 3ms. Delimitar uma parte, com 15 metros approximadamente de extensão e cuja profundidade seja inferior a 1m,30, afim de que seja reservado aos principiantes.

Na falta de rio sufficientemente largo, cavar-se-á numa das margens uma piscina com as dimensões acima. Esta piscina será alimentada pela agua do rio do qual será separada por uma rede metallica.

Deve contudo sempre comportar um pontão com uma extensão proporcional ao numero de



# CENTRO DE ESTUDOS DA INFANTARIA

## Monografia dos processos de figurações dos fogos em uso no centro de estudos da Infantaria

Tradução do 1º Ten. BAPTISTA GONÇALVES

### PREAMBULO

Aridos são os nossos regulamentos no tratar os processos de adestramentos para o combate e mais aridos no que concerne á confecção e execução de um exercicio e a figuração dos respectivos fogos. R. E. C. I. (2 partes) no titulo x pagina 189, ao explanar a instrucção do pelotão e companhia diz: "Os exercicios de pelotão e companhia não devem ser mais que a repetição de episodios de combates, necessitam de seria preparação abrangendo reconhecimentos previos e até arranjos do terreno", e que: "As posições inimigas indicam-se ou figuram-se por meios apropriados: Bandeirolas, Homens Baliza etc. Como armonizar estas prescripções do nosso R. E. C. I.? Será possivel somente com o auxilio de bandeirolas e homens baliza fazer viver um episodio de combate, de forma a dar ao homem uma idéa do que seria na realidade? creio que não, pois para isto falta o meio que lhe dá a sensação do fogo, daquilo que é preponderante no combate: "a resultante obtida coordenando a acção dos diversos meios postos nas mãos dos combatentes". Parece a primeira vista ser facil o dar a idéa do que seja um episodio de combate, no entanto tal não acontece e muitos ensaios se têm feito, principalmente na França, para determinar qual o melhor processo de figuração de fogos. Sobre este assumto alguns trabalhos tem aparecido, cada qual mais interessante, e, baseados sobre o principio da surpresa do fogo, natureza, intensidade e zona batida pelo mesmo e dentre eles é justo destacar o exposto pelo general PASSAGA

no seu livro "LE COMBAT", o qual consiste em sintese em criar incidentes de especies de fogo, intensidade e zonas batidas mediante faixas de côres diversas estendidas na zona de acção da tropa que executa o exercicio. Si o processo é bom, sobre o ponto de vista da surpresa, pois a tropa só toma conhecimento do incidente no momento que atinge a faixa que o cria, é máo por não dar vida ao exercicio, por não forçar os executantes a compenetrarem-se da realidade, pois que só um dos partidos atua. Alem disso é este processo bastante oneroso e mais proprio para adextrar a infantaria á infiltração. O do Centro de Estudos da Infantaria ora traduzido, avanta-se ao do general PASSAGA não só por dar vida ao exercicio dando idéa da realidade, como pela sua simplicidade no emprego e realização pouco oneroza, estar ao alcance da tropa, mesmo das pequenas unidades. Ao meu ver, o unico defeito que se poderá imputar a este processo, será concerteza o de distrair grande numero de graduados e praças para representação do inimigo, falha que no entretanto será compensada pelos resultados obtidos.

\* \* \*

Aguardando a regulamentação dos processos de figuração dos fogos, já em vias de elaboração, o Centro de Estudos da Infantaria adotou os descritos abaixo, que obrigatoriamente são applicados nos exercicios ou manobras, executados sob a direção dos seus instrutores. Taes pro-

nadadores a instruir, para permittir ao monitor dar a lição mantendo o alumno por um cinto. Este pontão deve ser horizontalmente suspenso acima do nivel da agua a uma altura de um metro.

As extremidades do pontão devem ser desembaraçadas e de facil acesso e a sua communição com a agua estabelecida por meio de escadas.

Os barcos devem ser guarnecidos por nadadores habéis e munidos de longas cordas de salvamento. Seu numero varia segundo as necessidades.

As boias de salvamento são de cortiça e guarnecidas de pedaços de corda fluctuantes.

As estacas ou escoras de madeira com cordas são destinadas a circumscrever, nos riachos ou no mar, o espaço destinado aos exercicios. Ellas podem ser substituidas por objectos fluctuantes.

O numero de varas com anneis e de cintos é variavel; deve ser sufficiente para exercitar simultaneamente tantos alumnos quanto forem os mestres-nadadores.

O material é examinado diariamente e verificado antes e depois de ser utilizado.

Se não fôr possivel ter um alpendre onde os alumnos possam mudar a roupa, construir-se-ão abrigos de galhos, pranchas, hervas, etc., ou utilizar-se-ão barracas.

### PRECAUÇÕES A TOMAR CONTRA OS ACCIDENTES

Um cartaz indicando os primeiros cuidados a prestar aos afogados deve ser collocado bem a vista.

Junto a este cartaz deve existir, convenientemente abrigados, a ambulancia com os medicamentos e o indispensavel material de soccorro aos asphyxiados (um roupão felpudo, um panno de sarja para esfregar o corpo, duas luvas de crina, sem dedos).

O material destinado á instrucção sobre os soccorros a prestar aos afogados deve ser guardados nos saccos ou saccolas da ambulancia.

Completem o material acima referido camisas do tipo de campanha, coberturas e padiolas.



cêssos não estão, concerteza, izentos de falhas, são entretanto perfectiveis. Foram eles retidos por todos aqueles que os puzeram em pratica, e após numerosas experiencias, apresentaram sobre os demais as seguintes vantagens:

1º — indicação sem contestação possível ás tropas que a eles se submeteram, dos diversos fogos;

2º — simplicidade de emprego, como ficou provado pela rapidez com que as tropas de manobras, sempre diferentes e geralmente constituídas por amalgama de diversas unidades, apreendem a sua aplicação;

3º — realização pouco onerosa, pondo-os ao alcance das pequenas unidades. Esta ultima condição baniu certos processos, que apresentavam outras vantagens — taes como faixas de encerrado, para figuração de zonas batidas etc.

O emprego de sinais sonóros — corneta, tambor, matraca, etc. para figurar os fogos não foram retidos pelos executantes; applicaveis nos exercicios de pelotão ou companhia, cêssam de o ser nos escalões superiores, em virtude da sua complexidade e da confusão que origina nos executantes.

### PROCESSO DE FIGURAÇÃO DOS FÓGOS POSTOS EM PRÁTICA NO CENTRO DE ESTUDOS DA INFANTARIA

Admite-se que os fogos cujos efeitos devem ser figurados classificam-se segundo a sua ordem de importancia em:

**Fogos da Infantaria inimiga**  
**Fogos da Artilharia amiga**  
**Fogos da Artilharia inimiga**

#### I — FÓGOS DA INFANTARIA INIMIGA

**Nenhuma manobra pode ser concebida sem o respeito pelo fogo e, acima de tudo, pelo fogo da infantaria**

Os meios de fogos da infantaria inimiga — armas isoladas, ou centros de resistencia, constituídos por muitas armas automaticas — são representados por uma metralhadora — ou na sua falta por um F. M. — estabelecida no local em que na realidade estaria colocada, mascarada das vistas aéreas e terrestres, e utilizando cartuchos de festim. A cada arma assim colocada, correspondem duas bandeirolas vermelhas bastantes viziveis, dispostas no sentido da profundidade, numa plano paralelo ao da direcção de tiro; estas bandeirolas são movimentadas segundo as directivas abaixo:

1º — Todas as vezes que a arma automatica atira, as bandeirolas são erguidas, e desde o momento que o seu fogo cesse, são elas abatidas, deitando-se aqueles que as sustentam.

2º — Toda tropa que se encontre sensivelmente no prolongamento das duas bandeirolas, sabe que está sendo submetida ao fogo, durante o tempo em que as mesmas forem vistas e deve portanto agir de acordo com este incidente, sob pena de ser punida pelos arbitros.

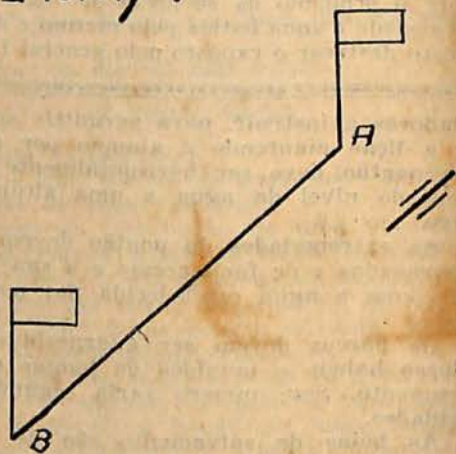
3º — Afim de tornar por parte da tropa, as bandeirolas tão viziveis quanto possível, será preciso que:

— durante o tiro, a bandeirola mais proxima da arma automatica, seja ajitada lentamente da direita para a esquerda,

— em todos os cazos, mesmo na figuração de armas atuando de grandes distancias, sejam as bandeirolas estabelecidas a pequenas distancias-variavel com o terreno e a vizibilidade local onde a infantaria que avança sofrerá a acção dos seus projectis. Assim se procede para que não possa a infantaria hesitar sobre a decizão a tomar, qualquer que seja a distancia que se encontre da arma que sobre si atua. O sincronismo entre o movimento das bandeirolas e o tiro da arma a que corresponde pode ser estabelecido por ligação a vista entre o atirador e um dos condutores das mesmas.

Na pratica, é facil a realização destas condições desde que o agrupamento dos condutores das bandeirolas e do atirador seja dirigido por um graduado, ou na sua falta por um soldado intelligente. Este graduado ou soldado colocado ao lado da bandeirola mais proxima da arma automatica, (vede croquis) faz face a tropa de manobra e comanda o fogo no momento que julgar oportuno, erguendo a bandeirola A; simultaneamente o atirador inicia o fogo e o conductor da bandeirola B — que deve estar deitado e com a frente para a bandeirola — ergue-se ajitando a sua bandeirola lentamente, da esquerda para direita. No momento em que a bandeirola A fôr abaixada, mesmo procedimento terá B, cessando o fogo da arma automatica.

*Exemplo -*



*Infantaria deitada -*



## II — FOGOS DA ARTILHARIA AMIGA

A representação dos fogos da artilharia de apoio direto-barragens ou bombardeios — é indispensável para treinar a infantaria, no coordenar seus esforços, com o auxílio que lhe dá a arma irmã. Ela permite, exercitar a infantaria em progredir atrás de uma barragem rolante, a explorar sem perda de tempo os efeitos de um bombardeio, etc.

As suposições em materia de barragem ou bombardeio nada dizem ao soldado, é preciso materializa-las e isso só se consegue definindo as zonas onde caem os projectis amigo com bandeirolas pintadas metade de branco e metade de amarelo.

**BARRAGEM ROLANTE.** Uma barragem rolante, será figurada por uma linha de bandeirolas que representarão os tiros curtos. Os condutores dessas bandeirolas deslocar-se-hão com uma determinada velocidade, e de acordo com o modo previsto pelo horário — lances de 50 ou 100 metros —; marcharão em linha intervalados de mais ou menos 50 metros, sob o comando de um official ou graduado munido de um relógio.

**BOMBARDEIOS.** — Os bombardeios, serão reproduzidos, por bandeirolas que darão o contorno exterior da zona sobre o qual é feito; estas bandeirolas permanecerão erguidas, durante o tempo previsto para o bombardeio.

## III — FOGOS DA ARTILHARIA INIMIGA

Pode haver interesse em determinar certas zonas do terreno, submetidas a bombardeios inimigos ou batidas por projectis toxicos, com o fim de obrigar os comandantes de pequenas unidades a tomarem rapidamente as disposições apropriadas á situação. Estas zonas assim batidas, são delimitadas por bandeirolas, amarelas para os bombardeios e por bandeirolas verdes para as zonas infectadas.

A colocação das mesmas é regulada por um chefe, encarregado dos figurativos, e o incidente a que correspondem determinado pelo director do exercicio. (1)

Não cojitando do emprego de vazos contendo materias fumijenas ou de petardos cujos preços tornam os mesmos inacessíveis as unidades, o Centro de Estudos utiliza-se de pratos de ferro estanhado — ou marmitas já estragadas — nos quaes é queimado kerozene e se o deixa arder durante o tempo exato do bombardeio. A despeza é minima. Estes dispositivos são acionados por equipes, dirigidas pelos chefes dos figurativos. O kerozene é conduzido em cantis ou em outros recipientes

(1) E' indispensavel que as bandeirolas, figurando os tiros da infantaria inimiga e da artilharia amiga ou inimiga, só sejam vizíveis, no momento em que fôr desencadeado o tiro que representam, permanecendo invizíveis no resto do tempo. Deve ser recomendado aos homens que as acionam que as mantenham enroladas, quando se deslocarem e, uma vez que se detenham que as coloquem sobre o solo cazo necessitem de figurar um novo incidente

## COMANDO DO INIMIGO E SUA LIGAÇÃO COM O DIRETOR DO EXERCICIO

No que concerne o comando e o manejo do inimigo, o Centro de Estudos applica o principio de que o inimigo é dirigido pelo director do exercicio, afim de evitar inverozimilhanças.

Consequentemente: um official ou, em cazo de necessidade, um sarjento, é designado para dirijente do inimigo, recebendo todas as indicações de minucias necessarias á execução da sua missão. Alem disso, para permitir ao director do exercicio, fazer surgir no momento dezejado, e nas circumstancias que sejam mais favoraveis, os incidentes proprios para resaltar os erros cometidos, deve ser mantida uma ligação constante, entre ele e o dirigente do inimigo. Esta ligação, para os exercicios de batalhões, ou unidade maiores, será por telephone em virtude da extensão do terreno sobre o qual se terá de agir. Para as pequenas unidades — Companhias ou pelotões — será a mesma, assegurada por toques de cornetas executados segundo um codigo de sinais previamente regulados ou por estafetas.

## FIGURAÇÃO DAS UNIDADES AMIGAS SUPOSTAS

Frequentemente, nos exercicios, aparece a necessidade de suprir a insuficiencia dos efetivos, figurando certas unidades taes como grupos, pelotões, seções de metralhadoras etc.

Para esta figuração reserva-se:

Bandeirolas brancas — para grupos ou pelotões.

Bandeirolas metade verde, metade vermelha para peças ou seções de metralhadoras.

A figuração das tropas inimigas foi julgada inutil, pois que delas o que nos interessa é somente a figuração dos seus fogos.

Em definitivo o material do Centro de Estudos consta exclusivamente de bandeirolas e marmitas fumijenas.

A titulo de informação, damos, abaixo, o material que se precisa dispôr para um exercicio de batalhão:

## Para figuração da tropa de manobra

1 bandeirolas branca por g. c. si for necessario distinguir os grupos do pelotão. No cazo contrario:

1 bandeirolas branca, por pelotão.

1 bandeirola metade branca metade vermelha, por seção de metralhadora pezada ou leve.

1 bandeirola metade branca metade amarela, para 25 metros corrente de barragem rolante.  
10 bandeirolas metade branca metade amarela, por bombardeio.

## Para figuração do inimigo

2 bandeirolas vermelhas, por arma automatica.

10 bandeirolas amarelas, por bombardeio.

10 bandeirolas verdes, por zona infectada pelo gaz.



**Processos fumígenos empregados eventualmente**

10 marmittas, por bombardeio.

1 a 2 litros de kerosene, por marmitta — dispôr do numero de recipientes, necessarios para o transporte do mesmo.

**Telefones**

O necessario para estabelecer uma ligação eficiente, entre o director e o comando do inimigo.

**EXEMPLO DE UM EXERCICIO DE BTL. COMPORTANDO:**

— um ataque, executado sobre uma frente de 600 metros, mais ou menos, e precedido de uma barrajem rolante.

— figuração de 2 centros de resistencia inimigo, compreendendo cada um 5 armas automaticas.

— a possibilidade de figurar 3 bombardeios de artilharia amiga — execução sob pedido do comandante de batalhão — ou inimiga — ordenada pelo director do exercicio.

	BANDEIROLAS						PESSOAL	
	Branca	Branca — vermelha	Branca — amarela	vermelha	amarela ou verde	Marmittas		
Pelotões que enquadram o batalhão.....	2 a 6	.....	.....	.....	.....	.....	2 a 6	2
Seções de metralhadoras dos batalhões vizinhos, trabalhando em beneficio do batalhão que ataca.....	.....	4	.....	.....	.....	.....	4	2
Barragem rolante numa frente de 600 metros.....	.....	.....	24	.....	.....	.....	24	3 a 4
2 centros de resistencia inimigo, compreendendo 5 armas automaticas.....	.....	.....	.....	10	.....	.....	10	2
3 bombardeios.....	.....	.....	.....	.....	30	30	30	3
	2 a 6	4	24	10	30	30	74 a 104	12 a 13

Conforme se en-  
pregue ou não  
as marmittas.

**7 4 B A N D E I R O L A S**

**JUNQUEIRA & CIA. LTDA.**

(TERRENOS E PREDIOS A' VISTA E EM PRESTAÇÕES)

**RUA DA QUITANDA N.º 113 — Rio de Janeiro**

**Telephone Norte 7253**

Comprar um terreno é segurar. é valorisar as proprias economias. As guerras, as revoluções, os máus governos desvalorizam tudo, menos os terrenos que sempre augmentam de valor.

**Terrenos em todos os bairros: Cattete, Gloria, Tijuca, Engenho de Dentro, Irajá, Apé e Collegio.**



## II — SYNOPSIS DE GEOGRAPHIA MILITAR

### Generalidades

1. — Em estratégia como na tactica o terreno tem influencia cada dia mais importante devido á crescente importancia dos meios cada dia mais numerosos e aperfeiçoados de que dispõem os exercitos.

2. — Quem diz terreno, diz modelado e sua viabilidade ou, o que é o mesmo, a estrutura do solo e a natureza das rochas, que por sua vez traduzem as possibilidades locais quanto aos recursos de toda a ordem de que carecem os exercitos em operações ou os povos em guerra.

3. — Os factores geographicos têm acção decisiva sobre a politica militar (repartição da população, distribuição dos centros industriaes e commer-

ciaes, etc.) como sobre a direcção das operações militares (vias de comunicação, localização de bases, zonas habitadas, etc.).

4. — Modernamente, justamente porque os generaes em chefe nem sempre podem escolher o theatro em que se vão medir com seus adversarios, assumem particular importancia dentre os factores geographicos: — os aspectos geologicos, meteorologicos, hydrographicos e hypsometricos — dos quaes cumpre tirar partido ou face dos quaes se deve procurar meios ou tomar medidas neutralizantes.

### A GEOGRAPHIA MILITAR COMPREHENDE:

*Geographia physica* (condições physicas).

*Geographia economica* (meios materiaes á disposição dos combatentes).

*Geographia humana.*

### GEOGRAPHIA PHYSICA (condições physicas):

GEOLOGIA: Constituição do terreno, influindo: ....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— sobre o modelado do terreno;</li> <li>— sobre escolha de itinerarios e posições de defesa;</li> <li>— sobre a repartição strategica das forças (importancia dos theatros de operações);</li> <li>— sobre o traçado das rodovias (reabastecimento, evacuações);</li> <li>— sobre as possibilidades em reabastecimento de agua.</li> </ul>
OROGRAPHIA: .....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— que com os aspectos do terreno precisa os dados fornecidos pela sua constituição.</li> </ul>
HYDROGRAPHIA: Regimen das aguas.....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— como meio de comunicação;</li> <li>— como obstaculo á transposição ou aproveitamento para a defesa;</li> <li>— para reabastecimento.</li> </ul>
METEOROLOGIA: Condições atmosphericas, influindo:	<ul style="list-style-type: none"> <li>— sobre os movimentos e o moral (maus caminhos, grados, ventos, etc.)</li> <li>— sobre a intensidade das operações em certos periodos;</li> <li>— sobre o rendimento do armamento e da aviação;</li> <li>— sobre o estado sanitario principalmente quando se tem contingente não aclimatado.</li> </ul>

### GEOGRAPHIA ECONOMICA (meios materiaes á disposição dos combatentes):

AGRICULTURA: .....	productos de consumo — fardamento, madeira, etc.	
	productos de criação.....	<ul style="list-style-type: none"> <li>animaes de sella, carga e tiro { rendimento, alimentação, fontes geraes.</li> <li>gado { <ul style="list-style-type: none"> <li>raça</li> <li>importancia dos rebanhos.</li> </ul> </li> </ul>
	estatisticas para os quadros de mobilização.....	<ul style="list-style-type: none"> <li>o que é necessario ao paiz e sua fonte;</li> <li>o que é preciso comprar no estrangeiro (importar);</li> <li>o que se poderá exportar para fomentar a troca.</li> </ul>
INDUSTRIA: .....		<ul style="list-style-type: none"> <li>Textil — fardamento;</li> <li>mineira e metallurgica para entreter as munições e o material;</li> <li>industrias de couro — arreamento, equipamento, etc.</li> <li>industrias alimenticias — conservas, etc.</li> </ul>



COMMERCIO e todo o aparelhamento economico do paiz.....	Centros commerciaes.....	— Stockagem de generos, material, etc.
	Comunicações terrestres	{ vias ferreas: Cias., rendimento, melhoramentos projectados ou desejaveis e desejados; rodovias: existentes, possibilidades de crear novas, meios de transporte (vehiculos hyppomoveis e automoveis).
	Navegação .....	{ oceanica grande e pequena cabotagem { companhias, rendimento, material, pessoal. fluvial
	Finanças .....	{ riqueza intrinseca do paiz possibilidade de compras no exterior
	Forças motrizes .....	{ carvão mineral e de madeira petroleo quédas d'agua
	Meios de comunicação..	{ correio e telegrapho telephone.

## GEOGRAPHIA HUMANA :

GEOGRAPHIA ETNOGRAPHICA .....	{ — <i>Relações</i> entre os agrupamentos humanos e o solo sobre o qual se estabeleceram. — <i>Influencia</i> dos processos de colonização.
GEOGRAPHIA POLITICA .....	{ — <i>Estudo dos estados</i> successivos da nação: formação territorial, conflictos militares e diplomaticos para a fixação das fronteiras; — <i>Estudo do estado actual</i> da nação: conhecimento dos interesses communs a todos, causas possiveis de conflictos ou serias divergencias.

## III — SYNOPSIS DE GEOLOGIA

## Generalidades

Não se conhece a rocha de primeira consolidação da crusta terrestre.

A primeira crusta que se formou, entretanto, deve ser constituída por uma rocha leve e acida contendo *quartz*, *feldspatho* e *mica*. O calcareo della tambem devia fazer parte, como elemento indispensavel que é á formação dos esqueletos animaes.

O *granito*, embora satisfaça aproximadamente a essas condições, não parece ter sido a rocha de primeira consolidação. O *gneiss*, ao contrario, parece que com suas inclusões de *cipolin* (calcareo) deve ter sido a rocha de primeira consolidação. Contra esta conclusão apenas ha a objecção de seu folheado, de pequena importancia se convirmos que sua folheagem poderia se dar mediante, *pressões tangenciaes*, bem posteriores a seu deposito e não devido á sedimentação.

A grande e indiscutivel constatação é que, ao *granito* e ao *gneiss* evoluem por *metamorphismo* todas as rochas ditas *sedimentares*.

2 — A rocha de primeira consolidação, em começo liquida, resfriou-se e dividiu-se. A terra contraiu-se e *plicaturas* se produziram na rocha primitiva.

A agua que se achava na atmosphaera em estado gazoso, misturada aos chloruretos, bromuretos, anhydrido carbonico, etc., precipitou-se, com a continuação do resfriamento, sobre as depressões formando os primeiros mares e entrando no cyclo que ella descreve.

Lentamente, as aguas assim localizadas nas depressões da crusta, ali concentravam todos os elementos soluveis. A continuação das *plicaturas* (resfriamento) tornaram as ilhas em continentes, accentuando o relevo. Começou, então, a grande luta entre a contracção do globo augmentando o relevo e a erosão devida aos agentes externos, tendendo ao nivelamento geral.

3 — As rochas *sedimentares* provêm da rocha primitiva por *desaggregação*.

Os elementos arrancados ás costas são depositados no fundo do mar por ordem de *volume* e *densidade*, formando-se camadas (*stratos*) mais ou menos horizontaes que se succederam segundo *certa ordem* e se collocaram, de outro modo, a distancias mais ou menos afastadas da costa.

As particulas *silicosas* duras resistiram mais, as materias *Feldspathicas* se reduziram a pequenos pedacos. Os elementos calcareos em grande parte se dissolveram pela agua, sempre carregada de anhydrido carbonico; os organismos vão fixal-os em seu esqueleto interno os externos e estes, accumulados, puderam formar novas camadas a distancia da costa



a que não podem mais attingir as particulas desagregadas mecanicamente pelas aguas.

Os caracteristicos das rochas sedimentares é a estratificação e a existencia de elementos rolados e, ainda, a existencia de fosseis quasi geralmente observada.

4 — Devido aos *movimentos positivos e negativos* do mar nem sempre se encontram os Stratos na mesma ordem (pedregulhos, arêas, argilas, lama calcarea); os movimentos negativos depõem as materias em ordem inversa e nem sempre se observa um *cyclo completo e regular*; mas observam-se varios e pequenos *movimentos positivos* interrompidos por outros tantos *movimentos negativos* fornecendo-nos combinação de Stratos alternados como por exemplo saibro, argila, saibro-argila. De outro modo os stratos pôdem ser basculados e se misturarem devido aos impulsos da força anticlinal ou synclinal sobre a que receber em cheio essas pressões. Em uma palavra — a ordem de superposição dos stratos nem sempre é a do seu deposito.

5 — A crusta solidificada é caracterizada por sua instabilidade. Grandes porções são lançadas lateralmente, outros se alteiam ou se abaixam.

A situação relativa dos continentes e dos mares varia, constantemente, desde a origem dos tempos geologicos.

6 — Por todas essas razões, nenhum estudo tecnico poderá ser racional se não repousar-se sobre uma estratigraphia fixada por argumentos paleontologicos e microscopicos.

Só assim é possível conhecer-se a idade relativa dos stratos, seja por que se conhece a ordem de sua superposição normal, seja fazendo-se o estudo paleontologico das camadas successivas.

## A GEOLOGIA COMPREHENDE:

*Agentes geologicos e sua influencia.*

*Periodos geologicos.*

## AGENTES GEOLOGICOS E A SUA INFLUENCIA:

*Agentes mecanicos* (atmosphera e agua) { — o vento transportando arêas;  
— variações fortes de temperatura fracturando rochas (dilação e contracções).  
— a evasão pelas aguas, tanto fluvial como pluvial.

*Agentes chimicos* (ácidos carbonicos e nitrico, ácidos organicos diversos) { — formando sólos *residuarios* (terra rôxa de S. Paulo);  
— formando minereos de *decomposição* (kaolin, decomposição de feldspath);  
— formando concentrações de *materias não dissolvidas* (alluvões auríferos, depositos de manganez).

*Agentes igneos* { — erupções vulcanicas;  
— tremores de terra.

*Agentes organicos* (plantas e animais) { — accelerando ou retardando a decomposição das rochas (acção indirecta);  
— fornecendo materias de constituição de novos sólos (acção directa).

## PERIODOS GEOLOGICOS:

*Terreno archaico ou aroico.*

*Sedimentação contemporanea.*

*Séries sedimentares.*

## TERRENO ARCHAICO OU AZOOTICO

— substractum de base ás séries sedimentares. } isentos de fosseis  
— schistos crystallinos, micachistos, etc. }

## SEDIMENTAÇÃO CONTEMPORANEA:

— productos de trituração das rochas — saibros, cascalhos;  
— materias tomados por dissolução á terra e fixados por { massas calcareas  
seres inferiores do mar (essencialmente permeaveis)  
— taes camadas se *estratificam* (camadas superpostas) devido á irregularidade do trabalho de sedimentação, e á variedade dos materias;  
— os stratos contêm os restos dos animais que morrem e, assim, se tornam de fosseis, cujas presenças servem para *testemunhar* as caracteristicas da população org. contemporanea.

## SERIES SEDIMENTARES:

*Paleozoico ou Primario* (a que remontam os mais antigos fosseis).

*Mesozoico ou secundario.*

*Neozoico ou terciario.*

### PALEOZOICO OU PRIMARIO:

*Précambrico* ... { schistos (rochas antigas, laminadas e duras);  
— traços organicos indistinctos.  
*Silurico* (fauna de crustaceos e molluscos) ... { *cambrico* (schistos tendo soffrido acções metamorphicas mais ou menos intensas);  
— *ordovinsciano* — apparecimento dos cephalopodes (molluscos).  
— *gothilandiano*.  
*Devoniano* ..... { macins calcareos, geralmente tornados em marmores;  
— *carbonifero* serve de base ao systema carbonifero { propriamente dito;  
— permeano em que app. os 1<sup>as</sup> reptis.

### MESOZOICO OU SECUNDARIO:

*Triassico* ..... { grés vermelho { — muitas vezes associado a rochas eruptivas diabolicas;  
— sólo appropriado á criação.  
— *rochas eruptivas* — sólo fertil, florestas e culturas.  
*Jurassico* ..... { *liassico*;  
— *mesojurassico*;  
— *neojurassico*.  
*Cretaceo* ..... { em que apparecem os primeiros fosseis de passaros.

*NEOZOICO OU TERCIARIO:* { caracterizado pela  
— *apparición* dos mammiíferos.

*QUATERNARIO* ..... — *apparición* do homem.



# RADIOTELEGRAPHIA

pelo 1º Ten. LIMA FIGUEREDO

## CAPITULO I

### PRELIMINARES

1. — Antes de entrarmos propriamente em assumpto de radiotelegraphia, vamos recordar, se bem que ligeiramente, algumas noções de electricidade.

2. — *Corrente de indução.* — Consideremos um circuito  $C_1$ , constituído por uma espira de fio metallico, uma pilha P e um rheostato R; em presença da espira do circuito  $C_1$  e um pouco afastada della, colloquemos uma outra que, juntamente com um amperêmetro irão constituir o circuito  $C_2$ .

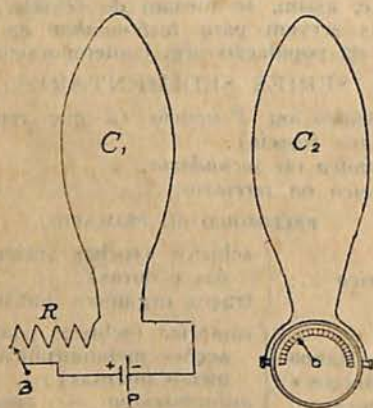


Fig. 1

O amperêmetro é um aparelho que, pelo devio de uma agulha, indica a corrente que percorre o circuito.

A nossa pilha P, fornece uma corrente continua que irá percorrer todo o circuito  $C_1$ , sahindo do polo + e, voltando ao polo —. Verificamos que, se não variarmos esta corrente, nenhuma outra percorrerá o circuito  $C_2$ , isto é, não haverá indução. Então, para que haja indução, será necessario que a corrente do circuito  $C_1$  seja variavel e para variá-la, lançamos mão do rheostato que nada mais é do que uma resistencia R com um cursor B.

A lei de Ohm diz que: a intensidade é proporcional á força electro motriz e inversamente proporcional á resistencia do circuito, logo, para variarmos a corrente, basta variarmos a resistencia R por meio do cursor B.

Observando o amperêmetro do circuito  $C_2$ , veremos que qualquer variação da intensidade do circuito  $C_1$  acarretará uma variação na corrente do circuito  $C_2$ .

O circuito  $C_1$  é chamado *circuito inductor* e a corrente que o percorre *corrente inductora*; o circuito  $C_2$  é chamado *circuito induzido* e a corrente que o percorre *corrente induzida*.

A T. S. F. emprega justamente essas correntes electricas que são induzidas dum circuito a outro, sem auxilio de ligação metallica intermediaria.

Tambem poderíamos obter correntes induzidas no circuito  $C_2$ , deslocando-se na sua vizinhança um imán N S. A corrente induzida, quando o imán se aproxima, tem sentido inverso do que se observa, quando o imán se afasta.

Comtemplando o amperêmetro, concluímos que as correntes induzidas provocadas por dois deslocamentos inversos do imán N S são de sentidos contrarios. Poderemos também concluir que um augmento ou uma diminuição de intensidade da corrente inductora, produzirá, ao longo do circuito induzido  $C_2$ , correntes de sentidos inversos.

Os effeitos de indução serão tanto mais intensos, quanto mais rapida fôr a variação da corrente inductora.



Chama-se *campo magnético* o lugar do espaço onde se produzem as acções magnéticas

O nosso imã N S, figura 2, cria um campo magnético que banhará a espira do circuito C, e, sempre que houver um deslocamento de circuito em um campo magnético ou o deslocamento do campo magnético em relação ao circuito, correntes induzidas produzir-se-ão nesse circuito.

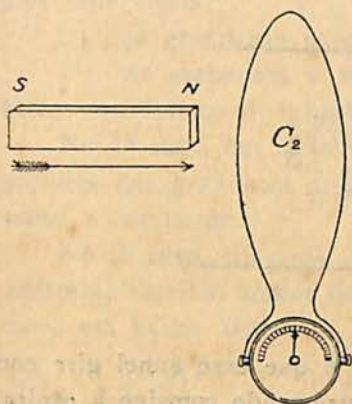


Fig. 2

A *lei de Lenz* condensa tudo o que dissemos: — “Todo deslocamento relativo de um circuito e de um campo magnético produz, no circuito, uma corrente induzida, cujo sentido tende a se oppor ao movimento”.

Em radiotelegraphia queremos obter os effeitos de indução a grandes distancias, o que nos obriga empregar correntes cuja intensidade seja variada muito rapidamente. Utiliza-se, então, correntes alternativas cujo sentido é mudado um grande numero de vezes por segundo.

3. — *Corrente alternativa* — Para se conceber a natureza duma corrente alternativa, imaginamos que se desloca o imã da figura 2 alternativamente num sentido e noutro: — a corrente induzida muda periodicamente de sentido e a intensidade é, em cada instante, representada por uma curva sinuosa, fig. 3.

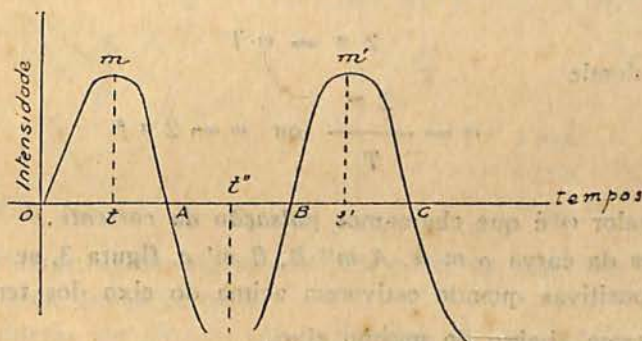


Fig. 3

O espaço de tempo  $OB$  toma o nome de *período*. Entre dois instantes quaesquer  $t$  e  $t'$ , separados por um intervalo de tempo igual a um período, a corrente toma a mesma intensidade e o mesmo sentido.

Entre dois instantes  $t$  e  $t'$ , separados por um intervalo de tempo dum semi-período, a corrente tem a mesma intensidade, mas os seus sentidos são inversos.

As ordenadas  $tm$ ,  $t''m''$ ,  $t'm'$  são chamadas *amplitudes*.

O numero de períodos por segundo chama-se *frequencia*. Designando-se a frequencia por  $f$  e o período por  $T$ , teremos:

$$fT = 1$$

donde

$$f = \frac{1}{T} \text{ e } T = \frac{1}{f}$$



A frequência se exprime pelo mesmo numero que o do inverso do periodo.

Vamos suppor um campo magnético constante criado por dois polos, atravessando um anel de ferro.

As linhas de força que sahem do polo Norte irão ao polo Sul, devido á grande permeabilidade do ferro do anel, por baixo e por cima deste; algumas destas linhas se perdem no meio ambiente.

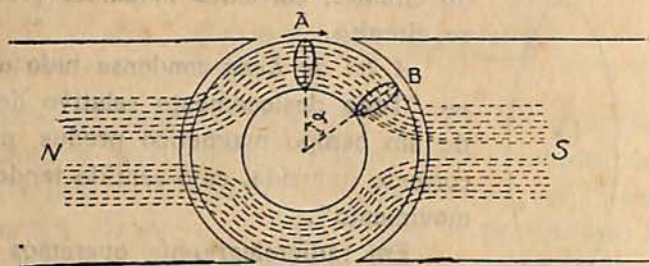


Fig. 4

Consideremos uma espira  $A$  no anel de ferro e que esse anel gire com uma velocidade  $\omega$  em torno de  $O$ , que é seu eixo, arrastando consigo a espira. No fim de um certo tempo  $t$  a espira estará em  $B$ , formando um ângulo  $\alpha$  com a posição primitiva. O espaço  $\alpha$  é igual ao producto da velocidade pelo tempo:  $\alpha = \omega \cdot t$ .

Para uma rotação completa do anel gastariamos um tempo  $T$ , um periodo e o espaço percorrido seria  $2\pi$ , logo:

$$\text{donde} \quad 2\pi = \omega \cdot T$$

$$\omega = \frac{2\pi}{T} \quad \text{ou} \quad \omega = 2\pi f$$

A este valor  $\omega$  é que chamamos *pulsção da corrente*.

As partes da curva  $o m A, A m'' B, B m' c$ , figura 3, se chamam *alternancias*; serão positivas quando estiverem acima do eixo dos tempos e negativas quando estiverem abaixo do mesmo eixo.

Duas grandezas alternativas do mesmo periodo que passam simultaneamente por um valor nullo estão em *concordancia de phase* ou têm a mesma phase, figura 5. Quando uma se annulla, depois de decorrido um certo tempo é que a segunda passa por zero, diz-se então que a primeira se acha em *avanço de phase* sobre a segunda ou que a segunda se acha em *atrazo de phase*, fig. 6.

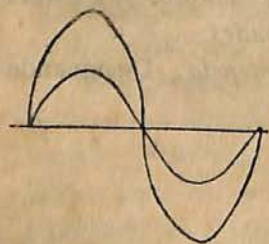


Fig. 5

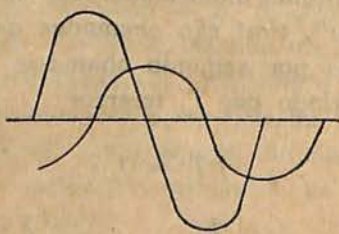


Fig. 6

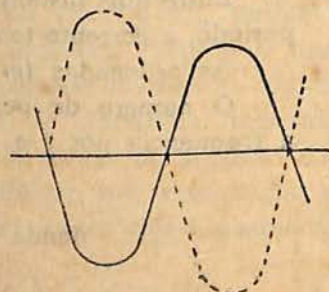


Fig. 7



Quando o atraso de phase é de  $\frac{1}{4}$  de periodo, como na figura 6, diz-se que as duas grandezas estão em *quadratura*.

Havendo um atraso de  $\frac{1}{2}$  periodo as duas grandezas estarão em *oposição de phase*, figura 7.

Vamos agora sommar duas grandezas alternativas e para isto consideremos dois casos:

1º) as grandezas a sommar estão em concordancia de phase.

2º) as grandezas a sommar apresentam uma dephasagem, isto é, um atraso ou avanço de phase.

No 1º caso, em cada instante, a amplitude resultante é a somma das amplitudes das grandezas a sommar. A curva sinuosa pontuada, figura 8, representa a resultante.

No 2º caso, em cada instante, as amplitudes se sommam ou se subtraem, conforme estejam ambas do mesmo lado do eixo dos tempos ou uma em cima e outra em baixo, figura 9.

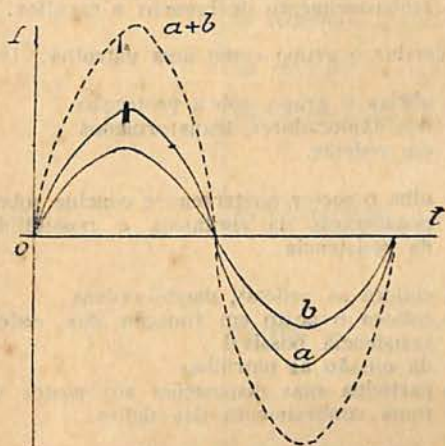


Fig. 8

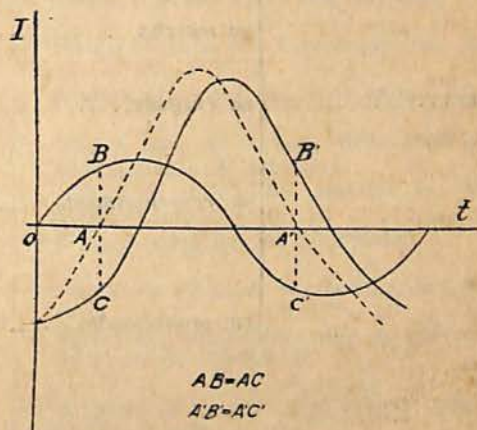


Fig. 9

Vamos considerar, agora, alguns circuitos e ver em cada um, qual a tensão e qual a intensidade que o percorre.

Vamos considerar um circuito com resistencia óhmica e self, figura 10.

A tensão  $e$ , alternativa, é da fórmula:

$e = E_0 \sin \omega t$ , sendo  $E_0$  o valor maximo da função e igual a  $\omega H S$ , onde  $\omega$  é a pulsação,  $H$  é a intensidade do campo inductor e  $S$  a superficie de uma espira. Esse valor maximo

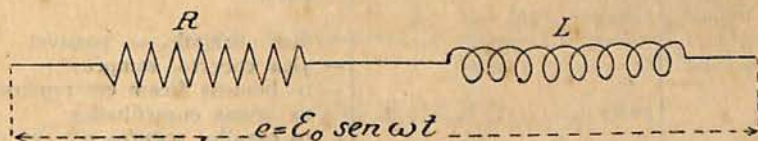


Fig. 10

"Somos todos pela paz. Assignámos o sublime pacto Kellog. Se houver outros pactos em vista apressar-nos-emos em subscriver-os. Mas acima dos pactos imperam as realidades. O numero de canhões e de bayonetas no mundo au-

gmenta de dia para dia. E' preciso não ter illuções sobre a situação politica da Europa.

Quando se approxima a tempestade, todo mundo fala na paz como profunda necessidade do espirito. Devemos estar preparados". (Mussolini — Discurso Dezembro de 1928).



# Subsídios para os Quadros de Reserva

## CAVALLARIA

(Conti do n. 193) \*

### INSTRUÇÃO DO GRUPO A CAVALLO

Estudemos, agora, o grupo a cavallo, isto é, o posto e a patrulha e não esqueçamos que, normalmente, elle será commandado por um sargento, que receberá ordens *verbacs*.

#### O POSTO

E' um grupo de cavalleiros, sob o commando de um graduado, que tem por missão vigiar um sector dado em proveito de uma tropa estacionada á retaguarda.

O CHEFE.....	recebe a ordem.....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— informações sobre o inimigo</li> <li>— informações sobre as tropas amigas</li> <li>— collocação do posto na carta</li> <li>— collocação dos postos vizinhos</li> <li>— lugar para onde mandar a informação</li> <li>— senha e contra-senha</li> <li>— conducta em caso de ataque</li> <li>— reabastecimento de homens e cavallos.</li> </ul>
	na marcha .....	— conduz o grupo como uma patrulha.
	na chegada.....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— abriga o grupo, sob a protecção dos exploradores, transformados em vedetas.</li> </ul>
	no reconhecimento.....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— olha o sector no terreno e conclue sobre a organização da vigilancia e possibilidade da resistencia.</li> </ul>
	na organização.....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— colloca as vedetas, dando ordens</li> <li>— colloca o posto em função das vedetas e da resistencia possível</li> <li>— dá missão ás patrulhas</li> <li>— participa suas disposições aos postos vizinhos e toma conhecimento das delles.</li> </ul>
FUNCCIONAMENTO .....	vedetas .....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— vigiam, cada um no seu sector</li> <li>— são substituidas, as simples, de 2 em 2 horas, as duplas, de 4 em 4 ou 6 em 6 horas</li> <li>— os mesmos homens occupam os mesmos logares.</li> </ul>
	patrulhas .....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— prolongam a vigilancia das vedetas ou a completam</li> <li>— circulam constantemente, se o effectivo do posto fôr grande</li> <li>— fazem a sondagem de tempos em tempos ou quando solicitadas pelas vedetas uma vez que o effectivo do posto seja fraco</li> <li>— os pontos a vigiar são dados no terreno pelo chefe.</li> </ul>
	posto .....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— fica abrigado, se possível</li> <li>— fica coberto, sempre</li> <li>— os homens ficam em repouso, porém equipados</li> <li>— as armas ensarilhadas</li> <li>— os cavallos seguros por um ou mais homens, conforme o numero</li> <li>— tem sempre perto uma vedeta para observar os signaes das outras vedetas.</li> </ul>
	o chefe.....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— percorre as vedetas</li> <li>— modifica o seu systema á noite</li> <li>— activa a vigilancia pela madrugada</li> <li>— assiste ás substituições.</li> </ul>

\* **Errata** — No numero de Novembro (191), pag. 146, linha 2 da 2ª columna, leia-se 500 metros e não 50 metros como foi publicado.



CONDUCTA.....	{	<i>o inimigo se aproxima..</i>	— o chefe do posto vai ver — o chefe do posto informa para a retaguarda e aos postos vizinhos.
		<i>o inimigo é fraco.....</i>	— deixa aproximar-se.
	{	<i>o inimigo é forte.....</i>	— resiste pelo fogo, se ha lugar.
		<i>caso de recuo.....</i>	— recuar sem atrapalhar a acção do escalão da retaguarda.

## POSTO DE CORRESPONDENCIA

E' um grupo de cavalleiros, sob o commando de um graduado, que tem por missão transmittir os despachos a elle chegados.

O CHEFE.....	{	<i>recebe a ordem.....</i>	— situação geral. — collocação approximativa do posto — collocação approximativa dos postos vizinhos ou do lugar onde entregar o despacho — lugar e hora de reunião com a tropa que o destacou.
		<i>na marcha .....</i>	— conduz o grupo como uma patrulha.
	{	<i>na chegada .....</i>	— abriga o grupo sob a protecção das vedetas.
		<i>no reconhecimento.....</i>	— procura um lugar de vistas extensas.
FUNCCIONAMENTO.....	{	<i>na organização.....</i>	— colloca uma ou varias vedetas para vigiarem a aproximação de estafetas. — colloca os cavalleiros restantes em local tanto quanto possivel seguro — designa o estafeta de promptidão.
		<i>vedetas .....</i>	— vigiam as direcções por onde podem vir os estafetas — devem ser substituidos pelo mesmo criterio das do <i>Posto de Vigilancia</i> .
	{	<i>estafetas .....</i>	— no posto ha sempre um homem prompto para montar e sair — os que chegam recebem um recibo, deixam repousar seu cavallo e regressam — recebem a collocação approximada dos postos e quando não encontram um vão ao outro.
		<i>o posto .....</i>	— os homens repousam — os cavallos comem.
	{	<i>o chefe .....</i>	— recebem um caderno de correspondencia para registrar os despachos — só restitue o caderno a quem o entregou.
		CONDUCTA.....	— <i>O inimigo se aproxima</i> — se o lugar permittir, resistir — se não fôr possivel a resistencia, abandonar o lugar e a elle voltar logo que o inimigo passe.

## PATRULHA

E' um grupo de cavalleiros, em marcha, sob o commando de um graduado que tem por missão: informar sobre o inimigo ou sobre o terreno a tempo.

## CONHECIMENTOS GERAES

FUNCCÃO.....	{	<i>do chefe.....</i>	— conduzir a patrulha — vêr pessoalmente — prestar a informação.
		<i>da tropa.....</i>	— proteger o chefe — auxiliar-o na observação — transmittir a informação.



O CHEFE.....	recebe a ordem.....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— informações sobre o inimigo</li> <li>— informações sobre as tropas amigas</li> <li>— itinerario da patrulha</li> <li>— missão e effectivo da patrulha</li> <li>— hora da partida e velocidade</li> <li>— hora da terminação da missão</li> <li>— ponto de reunião com a tropa</li> <li>— logar para onde informar.</li> </ul>
	estuda a missão.....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— examinando na carta o seu itinerario</li> <li>— determinando os pontos importantes e hora que nelles deve passar</li> <li>— determinando os pontos que lhe parecem bons observatorios (lances provaveis).</li> </ul>
	antes de partir.....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— colloca os cavalleiros da patrulha ao corrente da situação</li> <li>— dá sciencia, ao seu substituto, da missão em detalhe</li> <li>— escala os estafetas e exploradores.</li> </ul>
	marcha com a patrulha por lances e em cada lance..	<ul style="list-style-type: none"> <li>— retoma uma ligação estricta com os exploradores</li> <li>— faz um giro de horizonte</li> <li>— utiliza o binoculo, se necessario</li> <li>— escolhe o lance seguinte</li> <li>— destaca os exploradores e aguarda o signal delles</li> <li>— mantem o grosso em condições de apoiar os exploradores</li> <li>— determina a formação do grosso para o novo lance.</li> </ul>
O SUBSTITUTO.....	enquanto o chefe estuda a missão .....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— verifica se os homens estão armados, municiados e abastecidos de accordo com a missão</li> <li>— verifica se os cavallos estão convenientemente ferrados, se não são relinchadores ou de pellos claros</li> <li>— dá todas as providencias necessarias de modo a estar tudo prompto para a hora marcada.</li> </ul>
	durante a marcha da patrulha .....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— assume o commando directo do grosso</li> <li>— mantem o grosso nas formações e logares determinados pelo chefe</li> <li>— tem sua attenção constante no chefe (ligação)</li> <li>— nos lances procura a ligação pessoal com o chefe.</li> </ul>
A TROPA.....	— durante a execução da missão	<ul style="list-style-type: none"> <li>— cumpre fiel e intelligentemente as ordens do chefe</li> <li>— os cavalleiros estafetas prestam attenção aos pontos de referencia pelos quaes passam</li> <li>— todos os cavalleiros observam, a todo o momento, procurando descobrir algum signal do inimigo.</li> </ul>
CONDUCTA.....	o inimigo intervem.....	<ul style="list-style-type: none"> <li>— não esquecer a missão</li> <li>— pensar sempre na mobilidade</li> <li>— lembrar-se do fogo.</li> </ul>
	o fogo inimigo se manifesta	<ul style="list-style-type: none"> <li>— saber logo se é um ponto ou uma linha</li> <li>— procurar encontrar os flancos</li> <li>— se tem uma zona, conservar-se nella</li> <li>— se a missão é ir adiante, procurar passar.</li> </ul>
ESPECIES.....		<ul style="list-style-type: none"> <li>— ponta de vanguarda</li> <li>— de flanco</li> <li>— ponta de retaguarda</li> <li>— de ligação</li> <li>— de postos avançados</li> <li>— de combate</li> <li>— de reconhecimento.</li> </ul>



## SERVIÇO EM CAMPANHA

## Segurança em estacionamento

## PEQUENOS POSTOS

Pelo Ten. BAPTISTA GONÇALVES

(R. S. C. Arts. 206, 207, 220, 221 e 224 § 5)

## GENERALIDADES

Os pequenos postos são elementos dos Postos Principaes que, localizados na sua frente, têm por missão a vigilância do terreno, assegurada esta por um serviço fixo — das sentinelas — e por um movel — das patrulhas. Apesar de lhes ser atribuído um papel de vigilância, não se compreende que não façam eles a resistência necessária, para obrigar o inimigo a fazer uma pequena parada, dando assim aos P. P. o tempo que necessitam para tomarem as suas disposições de combate.

E' em virtude de uma vigilância continua, que os p. p. dão aos P. P. a certeza de não serem surpreendidos, e isso só se obtém com uma tropa que tenha o valor moral e a energia necessaria para fazer face ás grandes fadigas que este serviço acarreta.

## EFETIVO

O efetivo de um p. p. varia de um pelotão a uma esquadra, sendo o mesmo função do numero de sentinelas e patrulhas necessarias ao serviço de vigilância, maior ou menor distancia a que se acha o inimigo e natureza do terreno.

## DESEMPENHO DE MISSÃO

Toda missão tática por mais simples que seja, comporta um raciocínio, do qual surgirão conclusões que, analizadas, darão as medidas a tomar e o modo de proceder, segundo a situação se presente, a aquella que vae desempenha-la. Assim sendo, tendo o comandante do p. p. (oficial ou graduado) recebido do comandante do P. P.:

- 1) — Informações sobre o inimigo
  - 2) — Informações sobre as tropas amigas
  - 3) — Missão do p. p.
    - a) setor a vigiar
    - b) colocação provavel da linha de vigilância
    - c) conduta em caso de ataque
    - d) direção pela qual se retirará para o P. P.
  - 4 — Horas e logares por onde sairão as patrulhas enviadas pelo P. P.
  - 5) — Modificações para a noite.
  - 6) — Senha, contra-senha e sinais de reconhecimento
  - 7) — Medidas sobre alimentação e municião.
- fará o seguinte raciocínio:
- Qual a minha missão?
  - Por onde pode o inimigo avançar?
  - Que pode elle fazer para impedir que eu cumpra a minha missão?

— Que farei para impedir que o inimigo se oponha ao desempenho da minha missão?

Obtidas as respostas para os quesitos acima e segundo a situação do momento, conhecida pelo executante, estará elle em condições de bem desempenhar a sua missão.

## MARCHA PARA O PROVAVEL LOCAL DE INSTALAÇÃO DO p. p.

Após o recebimento da ordem e feito o raciocínio acima exposto, enviará o comandante do p. p. uma ou mais patrulhas — seu numero depende das direções provaveis por onde pode o inimigo avançar — para cobrir a sua instalação. A elas dará:

- 1) — Informações sobre o inimigo.
- 2) — Missão.
- 3) — Itinerario.
- 4) — Colocação provavel do p. p.
- 5) — Linha do terreno que não deverá ultrapassar. (1)
- 6) — Hora do regresso. (2)
- 7) — Senha, contra-senha, e sinais de reconhecimento,

— quando se tenha afastado de uma distancia de mais ou menos 500 metros, iniciará a marcha, conduzindo o pelotão — meio pelotão, grupo etc. — por um itinerario previamente escolhido na carta, fazendo-se preceder por dois ou mais esclarecedores que marcham a uma distancia de 50 a 150 metros — numero e distancia, sendo função do terreno —. Estas medidas lhe darão a certeza de que marchará e instalará o p. p. com toda a segurança.

## RECONHECIMENTO DO TERRENO

Chegando ao provavel local onde vae ser instalado o p. p. deixará o pelotão (meio pelotão etc.) em posição de espera e dezenfiado das vistas do inimigo, seguirá após acompanhado do seu grupo de reconhecimento — um graduado e dois soldados por esquadra — á procura dum ponto de onde possa reconhecer o setor do p. p., reconhecimento que será mais ou menos completo conforme o tempo de que disponha e que será feito:

- a) sobre a porção, do terreno que o adversario deverá percorrer, se atacar.
- b) sobre aquelle que o p. p. vae occupar.

Este reconhecimento tem por fim, de um lado: determinar os caminhamentos cobertos ou dezenfiados ás vistas e que podem facilitar a aproximação do inimigo, os obstaculos que embaraçam os seus movimentos e os postos de passagem obrigatoria; de outro, os pontos do terreno a ocupar para bater eficazmente os itine-



rarios possíveis e os logares em que irão ficar as sentinelas.

Feito o reconhecimento, passará a localizar as sentinelas,—escaladas dentro do grupo de reconhecimento — tendo o cuidado de esclarecê-las sobre:

- 1) Setor a vijiar.
- 2) Direção do inimigo.
- 3) Logar do p. p. e das sentinelas visinhas.
- 4) Modo de proceder em cazo de ataque,
- 5) Caminhos diretos para o p. p.
- 6) Sinal para chamar o comandante do p. p.
- 7) Sinal de alarme.
- 8) Senha, contra-senha e sinaes de reconhecimento.

### OBRIGAÇÕES DO SERRA-FILA

Enquanto o comandante do p. p. se afasta para fazer o reconhecimento e localizar as sentinelas, o 2º sargento serra-fila — ou o graduado que ficou com a força — trata de escalar as praças que constituirão as patrulhas, sentinelas, observadores dos sinaes vindos da retaguarda, estafetas e postos de observação aérea, procurando tanto quanto possível tira-las dos mesmos grupos ou esquadras e escolhendo os patrulheiros dentre os homens aptos ou mais inteligentes.

### MEDIDAS TOMADAS PELO CMT. DO p. p. AO REGRESSAR DO DECONHECIMENTO

Regressando do reconhecimento, tratará o cmt. do p. p. de:

- a) localisa-lo definitivamente proximo de um caminho e dezenfiado das vistas do inimigo e em situação tal que seja possível a ligação com a sentinela e com o p. p.
  - b) preparar definitivamente o seu plano de fogo, com o qual forçará o inimigo a uma primeira parada, dando assim ao P. P. o tempo necessario de que ele precisa para combater.
  - c) reconhecer posições de tiro á retaguarda, no caso em que tenha recebido ordem de retirar-se combatendo, procurando-as dentre aquelas que não prejudiquem o campo de tiro do P. P.
  - d) mandar executar alguns obstaculos, mesmo sumarios, taes como barricadas, abatizes etc.
  - e) reconhecer os caminhos que vão ter ao P. P.
  - f) instalar os postos de observação aérea.
- (3).
- g) enviar ao cmt. p. p. uma parte de instalação, acompanhada de um croquis do setor t que conterá o seguinte:

REMETENTE	PARTE n°	LOGAR	DATA	HORA
	EXPEDIDO			
	RECEBIDO			

Ao sr. cap.....

- 1) Informações sobre o inimigo. (4)
- 2) Efetivo do p. p.
- 3) Patrulhas, Numero, composição, missão, itinerario, horas de partida.
- 4) Trabalhos executados.

No verso será feito um croquis indicando:

- a) Logar das sentinelas com as direções e pontos vijitados.
- b) Setor de vijilancia.
- c) Dispositivo para o dia e para a noite.
- d) Barragens feitas para interditar passajens obrigatorias.

Ass.....

1 — Mais ou menos 800 metros do provavel local de instalação do p. p.

2 — As patrulhas so regresarão ao p. p. depois de ter sido ultimada a sua instalação, utilizando-se para isso os seguintes processos:

- a uma hora determinada.
- a um sinal convencionado.

— quando por elas passarem as enviadas em direcção ao inimigo.

3 — Estes serão colocados em pontos elevados, disporão de binoculo para poderem distinguir a maior distancia o avião inimigo e do foguete destinado a dar o alarme de aproximação do mesmo.

4 — Provenientes das patrulhas, sentinelas ou habitantes.